O HOMEM E SEUS DESEJOS EM CONFLITO

Krishnamurti

J. KRISHNAMURTI

O HOMEM E SEUS DESEJOS EM CONFLITO

Z. C.

SUMÁRIO

PALESTRAS EM LONDRES

A Revolução Interior (Londres — I) 1
Medo, Sofrimento, Inocência (Londres — II) 11
O Significado de um Debate (Londres — III) 23
O Tempo, a Morte e o Amor (Londres — IV) 35
A Meditação e o Inconsciente (Londres — V) 49
A Pergunta Correta (Londres — VI) 61
Da Transformação Interior (Londres — VII) 73

PALESTRAS EM SAANEN (Suíça)

A Arte de Escutar (Saanen — I) 87
O Significado do Conhecimento (Saanen — II) 95
Virtude e Solidão (Saanen — III) 107
Da Energia (Saanen — IV) 117
A Natureza da Liberdade (Saanen — V) 129
A Libertação do Medo (Saanen — VI) 141
A Eliminação do Sofrimento (Saanen — VII) 151
Pensar negativo (Saanen — VIII) 161
A Meditação (Saanen — IX) 171
A Humildade e o Estado de Aprender (Saanen — X) 181

A REVOLUÇÃO INTERIOR

(LONDRES — I)

Para se compreender o que vamos considerar nesta tarde e nas subseqüentes, necessita-se de uma mente esclarecida, mente capaz de percebimento direto. A compreensão não é nada de misterioso; porém requer, penso eu, que a mente seja capaz de olhar as coisas diretamente, sem preconceitos, sem tendências pessoais, sem opiniões. Infelizmente, quase todos nós estamos tão profundamente condicionados que nos parece dificílimo compreender diretamente, perceber imediatamente o verdadeiro. Desejo falar a respeito de algo que não é fácil de explicar. Mas somos obrigados a empregar palavras, e as palavras acarretam dificuldade, uma vez que podem ser torcidas de diferentes maneiras; e, também, a palavra não é a coisa. A palavra não é a coisa em si, porém, apenas, um meio. Ela é, ou deveria ser, como uma porta aberta, pela qual temos de olhar. Mas, se nos restringimos às palavras, não é possível irmos mais longe, principalmente em assuntos não técnicos. É relativamente fácil explicar uma determinada técnica, empregando-se o correspondente vocabulário técnico; mas aqui necessita-se de uma mente que esteja livre para ver as coisas como são, mente capaz de examinar tudo sem lhe dar o colorido de seu próprio condicionamento.

O que desejo dizer nesta tarde alude à revolução interior, à destruição da estrutura psicológica da sociedade, a qual somos nós mesmos. A sociedade, com suas ambições, sua inveja, sua ânsia de sucesso, não é uma mera exterioridade. A sociedade é muito mais íntima, pois está radicada profundamente em cada um de nós. Essa estrutura psicológica e social nos aprisiona, molda-nos a mente, os pensamentos, os sentimentos, e se em nós não a destruirmos completamente, não poderemos ser livres para descobrir o que é verdadeiro. Mas a destruição dessa estrutura psicológica da sociedade —

que somos nós mesmos — não se realiza por meio de esforço; e isso se nos afigura uma das coisas mais difíceis de compreender.

Não estou dando à palavra "compreender" nenhum sentido místico ou misterioso. Deveis saber que quando escutamos uma coisa tranqüilamente, sem tensão, e lhe aplicamos nossa mente de maneira total, a compreendemos fácil e rapidamente. Mas, tão acostumados estais ao esforço, que, quando vos falo em viver sem esforço, achais muito difícil compreendê-lo.

A estrutura psicológica da sociedade é o que nós somos, o que pensamos, o que sentimos — a inveja, a ambição, a perene luta da contradição, consciente e inconsciente — e nessa estrutura nos vemos aprisionados. Para nos libertarmos dela, pensamos ser necessário fazer-se um grande esforço. Mas o esforço sempre implica conflito, contradição, não é verdade? Quando não há contradição, não há esforço: *viveis*. Mas *existe* a contradição criada pela estrutura da sociedade em que vivemos; existe um conflito, uma batalha que se trava, a todas as horas, consciente ou inconscientemente, dentro de cada um de nós; e acho que, enquanto toda essa estrutura psicológica não for perfeitamente compreendida e rompida, nenhuma possibilidade teremos de viver uma vida plena ou de compreender o que se acha além da mente.

Vede, o mundo se está tornando cada vez mais superficial. Observa-se crescente prosperidade em todo o mundo. Há interesse por parte do Estado no bem-estar social e notável progresso se está realizando em muitas direções; mas, interiormente, permanecemos mais ou menos estáticos, cultivando os mesmos e velhos padrões, as mesmas crenças. Podemos alterar ocasionalmente os nossos dogmas, acomodando-os às circunstâncias, mas estamos vivendo superficialmente as nossas vidas. Estamos sempre a arranhar a superfície, sem nunca descermos abaixo dela. E, por mais sagazes que perfuntoriamente sejamos, por mais conhecimentos e informações que tenhamos a respeito de tantas coisas, enquanto não alterarmos completamente, profundamente, toda a estrutura psicológica de nosso ser, não vejo como poderemos ser livres e, por conseguinte, criadores.

Assim, desejo considerar junto convosco, nesta tarde, como poderemos realizar uma revolução, uma revolução psicológica, sem esforço. Estou empregando a palavra 'esforço' no sentido de lutar, tentar alcançar ou vir a ser algo; emprego-a em referência à mente que, vendo-se envolvida em contradição, luta para superar, disciplinar, adaptar, ajustar, produzir uma modificação em si própria, — estou empregando a palavra "esforço" em relação a tudo isso.

Ora, é possível efetuar uma revolução total sem esforço, não apenas na mente consciente, mas também nas camadas profundas, no inconsciente? Porque, quando forcejamos para promover em nós mesmos uma revolução psicológica, isso denota pressão, influência, *motivo*, direção, sendo tudo resultado de nosso condicionamento.

Ora, pode-se ouvir de diferentes maneiras. Podemos ouvir, procurando interpretar o que outro está dizendo, ou comparando esses dizeres com o que já sabemos. Podeis ouvir com todas as reações de vossa memória ativa. Mas só há uma única maneira de escutar realmente, que é escutar sem a "tagarelice" de nosso próprio pensamento.

Não sei se já experimentastes escutar simplesmente uma coisa, agradável ou desagradável, sem "projetardes" o vosso próprio processo de pensar. Isso é difícil, uma verdadeira arte, porquanto estamos sempre comparando, julgando, avaliando, condenando; nunca escutamos simplesmente. Nunca vemos realmente uma coisa, porquanto dizemos logo que ela é bela ou feia, *isto* ou *aquilo*. Assim, talvez possais, nesta tarde, apenas escutar, sem concordar nem discordar do que se diz, sem "projetar" vossas próprias idéias ou interpretações — mas sem que com isso estejais sendo hipnotizados. Pelo contrário, o escutar exige atenção completa. Mas atenção não é concentração. Concentrar-se é enfocar, excluir, e essa exclusão cria uma barreira ao escutar. Não estou dizendo nada de extraordinário. Podeis experimentar e verificar isso diretamente e com muita rapidez. Ao escutardes com naturalidade e calma, sem exclusão, estais escutando *tudo*, não só as palavras, e também vos mantendes cônscios de vossas próprias e interiores reações. As palavras são então o meio de abrir a porta através da qual podeis olhar-vos.

Assim, se durante estas palestras puderdes escutar dessa maneira, penso que então o próprio ato de escutar produzirá uma revolução profunda, fundamental; porque, nesse estado de atenção completa, já vos tereis libertado de vosso condicionamento.

Nosso condicionamento, consciente e inconsciente, é muito profundo e poderoso, não é verdade? Somos cristãos, hinduístas, ingleses, franceses, alemães, indianos, russos; pertencemos a esta ou aquela igreja, com todos os seus dogmas, a esta ou aquela raça, com toda a sua carga histórica. Superficialmente nossa mente é educada. A mente consciente é educada de acordo com a cultura em que vivemos, e desta talvez seja possível nos desembaraçarmos com relativa facilidade. Não é muito difícil deixarmos de ser inglês, indiano, russo

ou o que por acaso sejamos, ou abandonar determinada igreja ou religião. Mas bem mais difícil é 'descondicionar' o inconsciente, que desempenha um papel muito mais importante em nossa vida do que a mente consciente. A educação da mente consciente é útil e necessária para termos um meio de ganhar o sustento ou desempenharmos uma dada função — e é isso o que principalmente interessa aos nossos educadores. Somos educados para fazer certas coisas, funcionar mais ou menos mecanicamente, de uma certa maneira. Essa a nossa educação superficial. Porém, interiormente, inconscientemente, profundamente, somos o resultado de milhares de anos de esforço humano; a soma total das lutas, esperanças e desesperos do homem, de sua eterna busca de algo transcendente, e esse acumular de experiência prossegue ainda dentro em nós mesmos. Estar cônscio desse condicionamento, e dele libertar-se exige grande dose de atenção.

Isso não é questão de análise, porquanto não se pode analisar o inconsciente. Há especialistas, bem sei, que tentam fazê-lo, mas não o creio possível. O inconsciente não pode ser examinado pelo consciente. Já vos digo porquê. Através de sonhos, sugestões, de símbolos, de mensagens diversas, tenta o inconsciente comunicar-se com a mente consciente. Essas sugestões e mensagens requerem interpretação, e a mente consciente as interpreta conforme seu próprio condicionamento, suas idiossincrasias. Nessas condições, não há completo contato entre as duas, nem perfeita compreensão do inconsciente. Ele é algo que em sua inteireza não conhecemos bem. Entretanto, se não compreendermos e nos libertarmos do inconsciente, com sua carga "histórica" — a longa história do passado — haverá sempre contradição, conflito, uma furiosa batalha interior.

Assim, como disse, a análise não é o meio de compreender o inconsciente. A análise implica um observador, um analista separado da coisa analisada. Há uma divisão; e onde há divisão, aí não existe compreensão.

Ora, esta é uma de nossas dificuldades, talvez a principal dificuldade: o ficar livre de todo o conteúdo do inconsciente. É possível tal coisa? Não sei se já tentastes analisar a vós mesmos — analisar o que pensais, o que sentis, e também os *motivos*, as intenções que dão origem a vossos pensamentos e sentimentos. Se já o fizestes, estou certo de que descobristes que a análise não pode penetrar bem profundamente. Depois de atingir uma certa profundidade, se detém. Para se penetrar profundamente, é necessário pôr fim a esse processo que é "o analista analisando continuamente", e, em troca, começar

a ouvir, a ver, a observar cada pensamento, sem dizer "Isto é correto e aquilo é errado" — sem condenação ou justificação. Quando se observa dessa maneira, descobre-se que não há contradição e, por conseguinte, nenhum esforço; conseqüentemente, há compreensão imediata.

Mas, para nos investigarmos com profundeza devemos, obviamente, estar livres da ambição, da competição, da inveja, da avidez. E isso é difícil de conseguir, porquanto a inveja, a cupidez e a ambição são a própria substância da estrutura psicológico-social de que fazemos parte. Vivendo, como vivemos, num mundo feito de cobiça, desejos imoderados, competição, torna-se um problema real o livrarmo-nos inteiramente dessas coisas, sem ao mesmo tempo sermos destruídos pelo mundo.

Se nos pomos a observar, percebemos com que rapidez a ciência e a tecnologia progridem em toda parte. Em breve o homem será capaz de voar até a Lua. Os computadores estão assumindo várias funções do homem, e os próprios homens se estão tornando cada vez mais semelhantes a máquinas, cada vez mais automáticos. Muitos de nós vamos para o emprego, dia após dia, e nos sentimos totalmente entediados do trabalho que desempenhamos e, por conseguinte, procuramos uma maneira de fugir a esse tédio. E a religião oferece uma fuga maravilhosa; ou, também, recorremos a várias formas de excitação dos sentidos, a drogas a fim de sentirmos mais, de vermos mais. Isso está acontecendo em todo o mundo. Vemo-nos em perpétuo conflito, não só dentro em nós, mas ainda com os nossos semelhantes. Todas as nossas relações se baseiam no conflito, no possuir, no adquirir, na força. E quando nossa mente está empenhada em tal conflito, tal desespero e ansiedade, não vejo como possamos ir muito longe. Mas nós *temos* de ir longe. Temos de destruir a estrutura psicológica da sociedade, dentro em nós mesmos — destruí-la *completamente*. Esse é, sem dúvida, o problema supremo de nossa existência. Pois nós vivemos uma vida bem superficial; e procuramos penetrar profundamente, pela leitura, pela aquisição de conhecimentos, de mais e mais informações. Mas todo conhecimento, toda informação fica sempre na superfície.

A questão, por conseguinte, é realmente esta: como pode uma pessoa viver neste mundo sem produzir conflito exteriormente e sobretudo intimamente? Porque o conflito interior dita o conflito exterior. Só a mente que está verdadeiramente livre de conflito, em todos

os níveis, por não ter problemas psicológicos de espécie alguma — só ela pode descobrir se algo existe além dela própria.

Essencialmente, nosso problema não é como ganhar mais dinheiro, ou como abolir a bomba de hidrogênio, ou se devemos aderir ao Mercado Comum Europeu — esses problemas não são profundos. Eles serão ajustados e controlados por fatores econômicos, pelos acontecimentos históricos, e pelas inumeráveis pressões dos governos soberanos, das sociedades e religiões. O importante é sermos capazes de alhear-nos deles, *não* pelo retrair-nos, tornar-nos monge ou freira, mas pela real compreensão de todo o seu significado. Temos de descobrir por nós mesmos se é possível ficar-se completamente livre da estrutura psicológica da sociedade — vale dizer, ficar livre da ambição. Digo ser isso perfeitamente possível; mas não é fácil. É muito difícil ficar livre da ambição. Ambição implica "mais"; "mais" implica tempo; e tempo significa "chegar", "alcançar". Negar o tempo é estar livre da ambição. Não me refiro ao tempo cronológico; esse não se pode negar, porque, se o fazemos, estamos arriscados a perder a condução. Mas o tempo psicológico, que nós próprios criamos a fim de nos tornarmos algo interiormente — esse pode-se negar. E isso significa, realmente, morrer para o amanhã, sem desesperar.

Como sabeis, há pessoas muito sutis, intelectuais, que examinaram os processos externos do homem. Examinaram a sociedade, com suas intermináveis guerras, examinaram as igrejas com suas crenças, seus dogmas, seus salvadores; e, depois, viram-se em desespero. E, em virtude desse desespero, conceberam uma filosofia de aceitação do "imediato", de não pensar no amanhã, porém viver o mais completamente possível no *agora*. Eu não me estou referindo a nada disso. Qualquer indivíduo materialista, superficial, pode fazê-lo — e não precisa ser muito inteligente. E é isso, infelizmente, o que quase todos nós fazemos. Vivemos para hoje, e o hoje se prolonga em muitos "amanhãs". Não tenho nada disso em mente. Refiro-me ao negar a ambição, total e imediatamente; morrer psicologicamente para a estrutura social, de modo que a mente nunca se aprisione no tempo; na ambição, no desejo de ser ou de não ser alguma coisa.

Vede, senhores, a morte é uma coisa maravilhosa; e para compreender a morte, requer-se muita penetração; morrer para a ambição, naturalmente, sem esforço; negar a inveja. A inveja implica comparação, êxito, ânsia de "mais"; vós tendes *mais* e eu tenho *menos;* possuís muitos conhecimentos, e eu sou ignorante. Pode-se pôr fim a esse processo, total e instantaneamente? Pode-se acabar com

ele, morrer totalmente para a inveja, a avidez, a competição, mas só quando somos capazes de olhá-lo sem o desfigurar. Há sempre desfiguração quando há motivo. No desejardes morrer para a ambição, *a fim de serdes outra coisa*, ainda sois ambicioso. Isso não é morrer, absolutamente. Se renunciais com um motivo, não há renúncia. E a maioria das renúncias é inspirada por esse *motivo* para ser, alcançar, chegar, achar.

Parece-me, pois, que apenas nos estamos tornando cada vez mais atilados, cada vez mais instruídos. Somos criados com palavras, com idéias, teorias, conhecimentos, e resta pouco espaço vago na mente de onde se possa ver alguma coisa com clareza. Só a mente vazia pode ver com nitidez, e não a mente abarrotada de informações e conhecimentos, não a que está incessantemente ativa, no afã de buscar, alcançar, exigir. Mas a mente vazia não está "em branco". É sobremodo difícil perceber quando a mente está vazia. E só nesse vazio há compreensão; só nesse vazio há criação.

Para se alcançar esse estado de vazio, cumpre negar toda a estrutura social — a estrutura psicológica da ambição, do prestígio, do poder. É relativamente fácil a pessoas de mais idade não serem ambiciosas, renunciar ao poder e à posição; mas essas renúncias são superficiais. Eis porque tanto importa compreender o inconsciente. Para compreenderdes o inconsciente, aquilo que está oculto e desconheceis, não podeis examiná-lo com uma mente positiva, educada, analista. Se examinais o inconsciente pelo processo consciente da análise, criais inevitavelmente conflito.

Compreendei isso, pois não é complicado. Nossa maneira de abeirar-nos de qualquer problema psicológico profundo é sempre positiva. Isto é, queremos "manipular" o problema, controlá-lo ou resolvê-lo e, por conseguinte, analisamo-lo ou seguimos um certo sistema, a fim de o compreendermos. Mas não podemos compreender uma coisa que não conhecemos por meio daquilo que já conhecemos, não podemos ditar o que essa coisa deve ou não deve ser. Temos de abeirar-nos dela com as mãos vazias; e ter as mãos vazias, ou a mente vazia, é uma das coisas mais difíceis. Nossa mente está repleta das coisas que temos conhecido; estamos carregados de nossas lembranças, e cada pensamento é uma reação a essas lembranças. Com o pensamento positivo abeiramo-nos daquilo que não é positivo, do oculto, do inconsciente.

Agora, se — sem estardes imbuídos de nenhuma idéia, e livres de qualquer expectativa de serdes ensinados — puderdes escutar

simplesmente o que se está dizendo, acho que então descobrireis que sois capazes de examinar o inconsciente — que tem tanta força e tanto ímpeto — sem criardes contradições e, por conseguinte, sem esforço.

Senhores, não sois obrigados a aceitar minhas declarações a esse respeito, e espero não o façais, porque em tal caso estaríeis fazendo de mim vossa autoridade — o que seria lamentável.

Existe o incognoscível, algo que se acha muito além da mente, muito além do pensamento. Mas não tendes possibilidade de vos aproximardes dele com a carga dos vossos conhecimentos e lembranças, com as cicatrizes da experiência, o peso da ansiedade, da "culpa", do medo. E dessas coisas não podeis livrar-vos por meio de nenhum esforço. Só sereis livres delas ao *escutardes* cada pensamento e cada sentimento sem procurardes interpretar o que escutais; escutai simplesmente, observai simplesmente, e permanecei atentos, "de dentro do vazio". Podereis então viver neste mundo sem serdes atingidos pelos seus ódios, sua fealdade, sua brutalidade. Podereis trabalhar como escriturário, motorista de ônibus, gerente de banco, ou seja o que for, sem ficardes aprisionados nessa condição. Mas, se associardes à vossa função os fatores psicológicos da ambição, da autoridade, do poder, do prestígio, não podereis viver neste mundo sem perpétuo sofrimento.

A maioria de nós está realmente ciente de tudo isso. Não há necessidade de ouvir uma palestra destas para o sabermos. Bem sabemos que este é um mundo horrível, brutal, feio, em que todas as religiões, todas as facções políticas estão procurando moldar o pensamento do homem; em que as entidades promotoras do bem-estar social nos estão dando cada vez mais conforto e nos tornando mais embotados e estúpidos, porque nos temos servido do conflito como meio de nos tornarmos exteriormente inteligentes, brilhantes. Mas, interiormente, não mudamos em nada; continuamos a ser o que há séculos somos: medrosos, ansiosos, "culpados", a buscar o poder, a buscar satisfação sexual. Estamos perpetuando nossas tendências animais, e isso significa que ainda funcionamos dentro da estrutura psicológica da sociedade.

A questão é como quebrar de todo essa estrutura, como destruí-la completamente e ficar fora dela, sem se tornar insano e sem virar monge, freira ou eremita. Essa estrutura só pode ser quebrada

imediatamente, não há um tempo determinado para fazê-lo. Ou o fazeis agora, ou nunca. Não estou empregando a palavra "nunca" para sugerir a idéia de "inferno", no sentido religioso do termo; mas, se não fordes capazes de compreender, de prestar completa atenção neste momento, podereis fazê-lo amanhã? Se o deixardes para amanhã, continuareis incapazes de prestar atenção total.

A atenção, pois, não é questão de tempo. A compreensão não é um processo de gradual desenvolvimento até chegarmos a compreender. Eis porque muito importa saber escutar, saber ver as coisas como são, olhar um fato sem opinar, sem julgar, sem condenar; perceber que sois ambicioso — percebê-lo, simplesmente, como uma realidade, sem dizerdes que é "certo" ou "errado", ou perguntardes o que vos sucederia neste mundo se não fôsseis ávido, etc. etc. Se puderdes olhar simplesmente para o fato sem desfigurá-lo, descobrireis que o próprio ato de observá-lo não somente elimina a dualidade "observador e coisa observada", geradora de conflito, mas também liberta uma grande soma de energia. E vós necessitais de energia. Não me refiro à energia produzida pelo conflito. Essa energia é destrutiva. Refiro-me à energia que é gerada quando se vê um fato *completamente, totalmente*: que sois sensual, que sois ambicioso, que sois invejoso, que sois medroso. E não podeis vê-lo assim, se estais enredado nas palavras. Palavras são idéias; idéias são pensamento. Para se olhar o fato totalmente, sem desfiguração, é preciso haver um espaço vazio na mente que olha.

Não interpreteis erradamente a palavra "vazio". Como sabeis, nossa mente nunca está quieta; está sempre a "tagarelar", sempre criando teorias, construindo, destruindo e juntando de novo. Mas, quando está tranqüila, não há tempo, não há espaço; desaparecem o tempo e o espaço. Não há "amanhã" ou o próximo segundo. Essa tranqüilidade da mente é pura atenção, e essa atenção total é virtude. Eis a virtude verdadeira; não há outra virtude, não há outra moralidade. Qualquer outra forma de virtude ou de moralidade é criada pela mente, pela ambição, pela inveja, ou seja pela estrutura psicológica da sociedade.

Perceber as coisas como realmente são extingue os problemas. Com a mente completamente vazia de problemas — e ela fode ficar vazia — quando negou todos os problemas, quando já não enseja problema nenhum, descobrireis então, se tiverdes penetrado até essa profundidade, a existência de algo que está muito além, algo que não

se pode medir e nenhuma religião pode apreender. E, como viveis neste mundo caótico e confuso, é essencial terdes uma mente assim — mente capaz de olhar tudo com clareza e sanidade, ver cada fato tal como é. Só essa mente é tranqüila, serena e só a ela pode revelar-se o imensurável.

5 de junho de 1962.

MEDO, SOFRIMENTO, INOCÊNCIA

(LONDRES — II)

Pretendo falar nesta tarde a respeito do medo, do sofrimento e da "inocência".

Todos nós temos muitas experiências, e cada experiência deixa sua marca; cada pensamento, cada influência molda-nos de certa maneira a mente. E é uma coisa essencial morrermos para tudo o que temos experimentado, para que a mente se torne jovem, fresca e "inocente". Só uma mente "inocente", que embora tenha passado por milhares de experiências está morta para o passado — só ela pode perceber a verdade e transcender as criações humanas. E o medo, assim me parece, é uma das forças corruptoras e destrutivas que tornam impossível essa "inocência".

O medo é tempo psicológico. Não há medo, quando não temos o tempo psicológico. Se não há um amanhã, para o qual nos estamos movendo, e não há lembranças do passado, o medo, em todas as suas formas, deixa de existir. Nasce o temor quando o pensamento se projeta no futuro, ou se compara com o que ele próprio foi antes. Psicologicamente, o tempo é pensamento, tanto consciente como inconsciente; e é o pensamento que cria o temor.

Temos toda espécie de medo: medo da morte, medo de adoecer, medo da velhice, medo de perder as satisfações que temos experimentado, medo da opinião pública, de não nos preenchermos, de não termos êxito, de sermos *ninguém*. Como tememos, buscamos vários meios de fuga, tanto exterior como interiormente; e, para a maioria de nós, a religião se tornou um extraordinário meio de fuga ao medo. Para compreender o medo, temos de compreender o processo do pensar, todo o mecanismo do pensamento.

Como já salientei, releva escutar o que se diz, sem concordar nem discordar; porque nós estamos considerando fatos e não idéias. Estamos considerando fatos, independentemente de que sejam agradáveis ou desagradáveis. E se somos capazes de considerar o fato que é o medo, *escutar-lhe* todo o conteúdo, ver sua estrutura, estou bem certo de que então a mente ficará num instante livre do medo.

Mas nós não sabemos escutar, porque estamos sempre procurando fugir ao medo; queremos dissolvê-lo, descobrir uma maneira de nos livrarmos dele, descobrir sua causa. Chamamos ao fato "medo", e a palavra se torna então da máxima importância; por essa razão, nunca *escutamos* o fato.

O descobrimento da causa do medo não é libertação do medo. Com muita análise, investigação, é possível conhecermos a causa do medo; mas, no final de tudo, continuamos a temer. E, se não estivermos realmente livres do temor, qualquer espécie de busca, qualquer espécie de investigação só produzirá mais ilusão ou desfiguração. O homem verdadeiramente religioso, se posso empregar esta palavra, não tem medo, psicologicamente, interiormente. Por "homem religioso" entendo um "homem total", e não aquele que é meramente sentimental ou que foge ao mundo, narcotizando-se com idéias, ilusões, visões. A mente de um homem religioso é muito tranqüila, sã, racional, lógica; e dessa mente é que necessitamos, e não de uma mente sentimental, emotiva, medrosa, enredada em seu especial condicionamento.

Ora, desejo, se possível, examinar esta questão do medo de maneira tal, que, no próprio ato de escutar, o ouvinte deixe de temer.

Como sabeis, desejamos ficar livres do medo para todo o sempre. Não existe tal coisa: "ficar livre para todo o sempre". Para se compreender isso, é preciso compreender a continuidade. O que dá continuidade a uma coisa, agradável ou desagradável, é o pensar nela. Ao pensarmos *a respeito de* uma coisa, damos-lhe continuidade. Damos continuidade ao medo com o pensar sobre ele — mas isso não significa que não devamos investigar o processo total do temor.

Como disse, o medo é o tempo, no sentido psicológico, e o tempo é pensamento. Tempo é o processo de "vir a ser", evitar, preencher-se. Sou *isto* e quero ser *aquilo*. O tempo, por conseguinte, é o fator do medo. Quando vos vedes diretamente em presença de uma coisa, qualquer que ela seja, nesse momento não há medo. Mas o pensar a seu respeito atemoriza.

O pensamento é reação da memória. A memória, no sentido comum, é necessária, porque do contrário nos poríamos à frente de um ônibus em movimento ou tomaríamos nas mãos uma serpente venenosa. Mas, quando a memória cria o pensamento como reação, ela se torna um empecilho e gera medo. Isso é um fato psicológico.

A morte é o desconhecido; mas, ao dizermos que tememos a morte, não estamos realmente com medo ao desconhecido, porém com medo de deixar o *conhecido*, de deixarmos as coisas que temos experimentado, fruído, construído. O pensamento é essa memória do *conhecido*, e a respectiva reação; o pensamento, pois, nunca pode ser livre. Não há liberdade de pensamento, porquanto o pensamento está sempre condicionado, é sempre reação da memória. E para se ficar totalmente livre do medo, cumpre compreender a formação da memória como continuidade.

Como mecânico, cientista, engenheiro, etc., necessitais da continuidade da memória, pois, do contrário, não poderíeis exercer vossas funções. Mas a continuidade do pensamento como feixe de lembranças relativas ao "eu" e ao "meu", e as reações desse pensamento condicionado, tudo isso é tempo psicológico, medo. O pensar na morte — o súbito findar de tudo o que conhecemos — gera medo e dá-lhe continuidade. Assim, para que o medo termine, é necessário que o pensamento termine. Podeis dizer: "isto é uma coisa estapafúrdia. Como posso eliminar o pensamento? Se ponho fim a todo o pensar, como poderei ganhar o meu sustento? Como poderei continuar no meu emprego no dia de amanhã?"

Há duas espécies diferentes de pensar: pensar para exercer uma função, e pensar no sentido de servir-se dessa função como meio de adquirir posição. A continuidade psicológica do pensamento, que se forma quando utilizamos a função como meio de adquirir autoridade, posição, prestígio — é essa continuidade que gera o temor.

Tende a bondade de ouvir-me. Isto não significa que devais aceitar o que estou dizendo, mas, sim, *escutar simplesmente*. Não vos estou contando fábulas; não estou dizendo nada de extraordinário. Apenas assinalo o fato de que o tempo, no sentido psicológico, causa medo. O tempo é o veículo do pensamento; e o homem que deseja ficar completamente livre do medo tem de pôr fim ao pensamento. Isso requer atenção — *não* concentração, porém atenção total a cada pensamento. Se puderdes dar atenção a cada pensamento, importante ou sem importância, profundamente significativo ou sem muita significação, vereis então que nesse estado de atenção completa ocorre o findar do pensamento.

O medo gera a "culpa", a ansiedade; e a ansiedade, em qualquer forma, é o começo do sofrer. Há o sofrimento de não ser amado; o sofrimento que experimentamos quando alguém a quem estamos profundamente apegados, sofre ou está a morrer. E nós temos divinizado o sofrimento. Isso é verdade principalmente em relação ao cristianismo, que sempre o considerou uma coisa sublime. Ide a uma igreja, e lá encontrareis o "Crucificado". Não há fim à amargura, para a maioria de nós, porque entronizamos o sofrimento e na sua sombra vivemos até o fim de nossos dias. O sofrimento tornou-se coisa muito respeitável. É algo que todo homem civilizado conhece e guarda fechado em seu coração; e quando ele vai à igreja, rende-lhe adoração, ou, por várias maneiras, procura evitá-lo.

Mas, *há* o findar do sofrimento. Ele deve terminar completamente, porque, do contrário, nunca poderá existir a mente religiosa a que me refiro. O sofrimento não nos leva à verdade; mas tem grande significação, porque algo nos indica. Infelizmente, a maioria de nós evita essa indicação, essa sugestão, e sofre continuamente. Se examinardes profundamente, vereis que o sofrimento é autocompaixão, embora possais dar-lhe outro nome. Perdestes alguém — marido, mulher, filho — e vosso sofrimento é a pena que sentes de vós mesmos, por terdes ficado só. Todos conhecemos essa autocompaixão resultante da solidão; e a autocompaixão, em qualquer forma que seja, a preocupação a respeito de si mesmo, é o começo do sofrimento. O sentimento de inferioridade e a luta para se tornar superior, o conflito e o triunfo que há em *alcançar*, *atingir*, a dor da frustração — tudo isso faz penar.

Como deveis saber, poucos de nós fazemos frente ao sofrimento. Provavelmente, não sabemos mesmo o que é sofrer. Já explico o que quero dizer. Temos experimentado diretamente a fome, o sexo; mas não estou certo de que já *experimentamos* diretamente o sofrimento. Nós permanecemos com o que é agradável, queremos continuar nesse estado; mas o sofrimento procuramos evitar, nunca queremos encará-lo. O desejo de encontrar uma saída, um meio de fuga, nas palavras, nas idéias, na crença, na bebida, no que quer que seja — impede-nos de encarar diretamente o fato da amargura.

Se perdemos o filho, se mulher ou marido nos abandona, ficamos a sofrer. Que sucedeu realmente? Vemo-nos abandonados, sós, sem ninguém mais em quem nos amparar. Nós nos tínhamos identificado completamente com aquela pessoa e, agora, que ela se foi, sentimo-nos desorientados. O fato é que, psicologicamente, somos dependentes, e esse fato provoca outros fatos, ou sejam várias maneiras de fugir, que só podem perpetuar o medo e a aflição.

Assim sendo, torna-se dificílimo encarar e experimentar diretamente o sofrimento real. A palavra "sofrimento" tem certos e sugestivos significados, e, para se sentir qualquer coisa direta e totalmente, é necessário estar-se livre da palavra. Mas vós sois escravos da palavra — palavras tais como "inglês", "francês", "indiano", "cristão", "hinduísta". Analogamente, a palavra "sofrimento" tem em vós extraordinária influência. A palavra, o símbolo, tem séculos de propaganda religiosa a ampará-lo: que é necessário suportar o sofrimento, que pelo sofrimento virá a redenção, a paz, etc. Tudo isso condicionou a mente, e vós nunca rompeis esse condicionamento. Mas, para deixardes de sofrer, tendes de espedaçar todos os símbolos, rejeitar todas as palavras e encarar diretamente o fato. E não podeis encarar o fato, que é vossa autocompaixão, se o retrato que está sobre o piano ou sobre a lareira se torna sumamente importante, porque nesse caso estais identificado com uma idéia, uma lembrança, uma coisa morta e acabada, estais vivendo no passado. Libertar-se completamente do passado, destruí-lo totalmente, com toda a sua história, todas as suas memórias, é o findar da amargura.

Assim como o medo desfigura a mente, produzindo várias formas de ilusão e corrupção, assim também o sofrimento torna a mente embotada, insensível; porque, no sofrimento, a mente está toda interessada em sua própria escuridão, sua própria autopiedade, sua própria solidão. E eu vos garanto — não digo que devais crê-lo, mas garanto-vos que o sofrimento pode findar e que, então, vêem-se todas as coisas de maneira nova, cada incidente, cada movimento da vida, de maneira nova. É só quando a mente está livre do sofrimento e de toda espécie de medo, que há "inocência". E a mente precisa ser "inocente", embora tenha vivido um milênio; porque só a mente nova, inocente, jovem, é capaz de perceber o que se encontra além das limitações humanas.

Mas tudo isso requer muita atenção, verdadeira seriedade, que não significa "fazer uma cara solene", mas, sim, ser capaz de seguir velozmente um dado pensamento, até o fim, deixando que ele se desdobre por inteiro, sem obstáculos; e isso não é possível se tendes amarras no passado.

Podeis vir a estas reuniões e ficar escutando seriamente, ou despreocupadamente, com meia-atenção, mas palavras e discursos não podem alterar o fato de que temos medo e de que sofremos. A maioria de nós jamais experimentou um estado de "inocência", ainda que estejamos dispostos a argumentar, discutir, escrever, "utilizar" a respeito de tudo isso, sobre quem tem razão e quem não a tem, o que

se deve fazer e o que se não deve fazer. Se sois rico ou remediado, podeis procurar um analista; mas nenhum agente externo, nenhum esforço pode libertar-vos do sofrimento ou do medo. O que traz a liberdade é a atenção, que significa olhar o fato face-a-face, de dentro do vazio, e ver as coisas tais como são, sem desfigurá-las. Nesse estado de atenção se apresenta uma "inocência" que é virtude, que é humildade.

Agora, talvez desejeis fazer algumas perguntas. E permiti-me sugerir façais perguntas pertinentes à matéria que estamos versando. Não pergunteis, por exemplo, como evitar a guerra. Poderemos tratar disso noutra ocasião. Não pergunteis o que se deve fazer em relação à bomba atômica, ou se é acertado ou desacertado aderir ao Mercado Comum Europeu. Vede, cada um de nós tem problemas; estamos cheios de problemas. Tudo o que tocamos com a mão, com a mente ou o coração, se torna um problema. E quando fazeis uma pergunta a respeito de um problema, por certo esperais uma resposta. Mas não há resposta separada do próprio problema. O importante não é descobrir a solução de um problema, mas, sim, impedir que surjam problemas. Um homem que está doente deseja restabelecer-se, e há médicos para o tratarem. Mas há também médicos que trabalham para evitar as doenças, e isso é muito mais importante do que curar sintomas. Infelizmente, em geral desejamos apenas ser curados dos sintomas. Não sabemos evitar que o problema surja. Há grande beleza, grande sensibilidade em estar cônscio de cada problema tão logo se apresenta, tratar dele imediatamente, liquidá-lo no mesmo instante, de modo que não seja "transportado" para o dia imediato. Isso se pode fazer, *não* tomando uma droga ou procurando esquecer ou fugir do problema, porém simplesmente percebendo que o problema, qualquer que seja, não tem solução separada dele próprio. Refiro-me aos problemas psicológicos, e não aos problemas mecânicos. Quando se considera um problema com atenção total, extingue-se o problema.

Pergunta: *A plena atenção é tão essencial em relação às coisas agradáveis, como em relação às coisas desagradáveis e dolorosas?*

KRISHNAMURTI: Vede, desejamos dar continuidade às coisas agradáveis. Volvemos com a memória às alegrias da meninice, a prazeres outrora fruídos, ou nos apegamos àquilo que no momento estamos

fruindo; e desejamos pôr fim às coisas não agradáveis. Mas, quando damos nossa atenção total, damo-la tanto ao agradável como ao doloroso. O desejo de continuidade do prazer é o começo do sofrimento. Por que não deve terminar o prazer? Desejais que a dor termine, mas que continue o prazer; e o depender do prazer embota a mente, torna-a insensível, exatamente como o faz a dor. Evitar o que chamamos sofrimento e buscar o prazer — tanto uma como a outra coisa acarretam aquela peculiar desatenção da mente indolente. A mente que conheceu muitos prazeres, que busca o prazer e "vive no prazer", é uma mente entorpecida, e também o é aquela que evita o sofrimento ou continua a sofrer. Mas, vede, compreender a atenção total não é nada fácil.

Ser atento é entrar numa sala e ver as pessoas, as dimensões da sala, a cor do tapete, os quadros na parede — tudo. Mas não podeis fazê-lo, se dizeis: "não gosto daquele quadro", "Ali está meu amigo fulano", "Não gosto da cor do tapete", "As dimensões da sala não são bem proporcionadas", etc. etc. Se vossa mente está a "tagarelar", dividindo-se entre o "de que gosta" e o "de que não gosta", então não estais atento.

Vede, pode-se considerar uma flor botanicamente ou não botanicamente. Se a consideramos botanicamente, ainda assim há uma certa qualidade de atenção. Mas podemos também considerar a flor diferentemente, quer dizer, "sem conhecimento". Não interpreteis "sem conhecimento" como um estado de ignorância. Ser "sem conhecimento" é possuir a sabedoria; porque o conhecimento tem continuidade, e a sabedoria não tem. "Estar atento" implica um estado de atenção isento de fronteira, limite, linha divisória. Observamos tudo, absorvemos tudo. Mas isso não se pode fazer quando há um *motivo* a inspirar a vossa atenção, por mais valioso que seja esse *motivo*. Se dizeis: "Vou estar atento, *a fim de* pôr fim ao meu sofrer" — nesse caso não ficais atento.

Tentai uma vez, se o desejardes, considerar *totalmente* uma flor, uma árvore, um ente humano. Considerar sem conhecimento, sem pensamento — o que não significa um estado de amnésia, i.e., ter a mente "em branco". Vereis que, ao considerardes assim uma coisa, há um extraordinário estado de atenção que não é concentração. Concentração é exclusão. A mente que está atenta pode concentrar-se sem esforço, sem exclusão. Mas a mente que adquiriu a faculdade de concentrar-se por meio de esforço, treino, disciplina — essa mente jamais poderá estar atenta.

Pergunta: *Vê-se que a mente só pode estar verdadeiramente tranqüila por uns trinta segundos. Que entendeis, pois, por "tranqüilidade mental"?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, a tranqüilidade da mente não é um estado para ser *alcançado*. A pessoa não tem de dar vários passos para chegar a ele, não pode praticar um sistema a fim de se tornar tranqüila, porque essa ação disciplinar só pode tornar a mente embotada. A mente que se ajusta é mente morta. Esta é a primeira coisa que cumpre perceber. A mente que se submete seja aos ditames da sociedade, seja à opinião de um vizinho, aos dogmas da igreja ou outra qualquer estrutura autoritária, nunca pode ser sensível — mas isso não significa que podeis desobedecer ao policial. Estamos tratando de coisa muito diferente. Estamos tratando da submissão no sentido de obedecer à autoridade da tradição, de um livro, um sistema, uma crença. A mente que se submete a um padrão — e isso é uma forma de disciplina — essa mente não é tranqüila, porém, apenas, insensível. Esta a primeira coisa que se precisa compreender profundamente. Atrás de nossa submissão, encontra-se o desejo de segurança psicológica. A mente que busca segurança nunca pode ser livre; e é só em liberdade, completa liberdade psicológica, que pode existir a quietude mental.

Como vemos, não há passos para dar a fim de se alcançar a mente tranqüila. De mais a mais, não sabeis realmente o que é "tranqüilidade da mente". O que vos interessa é, tão-só, experimentar esse estado e retê-lo; daí, dizerdes que ele não dura mais de trinta segundos. Por que *durar*? Vede, o importante para vós não é a coisa em si, porém o que ela vos dá. Por isso, desejais saber como alcançá-la e se ela é *durável*, introduzindo assim o elemento tempo: ela deve ter continuidade, durar mais de trinta segundos. O silêncio que tem continuidade não é silêncio. Se o alcançais por meio do tempo, não se trata de serenidade mental.

E temos, em seguida, a questão do "observador e coisa observada". Se há um experimentador do silêncio, não há silêncio. No momento em que dizeis: "Encontro-me num extraordinário estado de humildade", acabou-se a humildade. Para vós, o silêncio é um estado que *vós experimentais*, assim como se experimenta a fome, e desejais reter essa experiência, desejais que ela *continue*. Por isso, há dualidade: *vós* e a coisa que desejais experimentar. Se examinardes isso profundamente, descobrireis que o silêncio que tendes experimentado

e desejais continue, é meramente o reconhecimento de uma coisa já acabada; portanto, já não é silêncio.

Isto é talvez um pouco complicado, e requer atenção de vossa parte. O que estou dizendo é: o silêncio não pode ser "experimentado". "Experimentar o silêncio" é uma coisa terrível. Que sugere essa experiência? Reconhecimento da coisa que experimentastes como silêncio e que é reação de vossa memória. O pensamento reconhece o silêncio. E no momento em que o pensamento reconhece o silêncio, isso já não é silêncio; é algo pertencente ao passado, a que destes no presente o nome de "silêncio".

Assim, para compreenderdes o que é o silêncio, deveis estar livre da submissão e da limitação, livre da autoridade, livre das experiências de ontem, que acumulastes. Porque todas as experiências que acumulastes são condicionadas e ao mesmo tempo condicionantes; elas pertencem ao passado e fortalecem o passado. Também, é necessária a terminação do pensador e do pensamento como duas entidades separadas, porque esta divisão faz surgir o conflito da dualidade. Então, se não estais a buscar o silêncio, se nenhuma experiência estais a exigir, porque compreendestes o inteiro significado da experiência — então, talvez, sem o perceberdes, o silêncio poderá vir. Só a mente "inocente" é silenciosa. Alcançado esse estado, há, então, nesse silêncio, um movimento extraordinário, sem nenhum observador a observar o movimento; há só movimento, não há experimentador e, por conseguinte, não há experimentar. O tempo se tornou inexistente.

Para a maioria de nós, isso é apenas *informação* e, portanto, sem valor. O que tem valor é perceber o fato de que a autoridade, de qualquer espécie que seja, é destrutiva, seja autoridade da tradição, seja a do Salvador, do Mestre ou deste orador. Nós buscamos a autoridade porque desejamos certeza, não desejamos errar, queremos fazer o que é correto, seguro, respeitável. E uma mente respeitável não é apenas uma mente "burguesa", medíocre, mas também uma mente insensível e incapaz de estar de todo atenta. Quando há atenção completa, há virtude — *não* uma imitação de virtude, conforme a pratica a sociedade respeitável. A virtude é então algo novo, que se encontra todos os dias, ao virar de cada esquina. Vereis que há então um silêncio e, nesse silêncio, imensurável criação.

Pergunta: *Se vemos as coisas como são, com atenção total, com percebimento sem escolha, que acontece em relação às várias formas de arte, principalmente aquelas que se relacionam com a palavra?*

KRÍSHNAMURTI: A beleza é coisa construída pelo homem? A beleza é questão de capacidade ou gosto pessoal? Ou é a beleza algo que transcende o pensamento e o sentimento, algo que nada tem que ver com capacidade, inclinação, simpatia e antipatia pessoal?

E que necessidade há de expressão? Podeis expressar uma dada coisa em palavras, na forma de uma poesia; podeis expressá-la na tela ou no mármore; podeis expressá-la na cozinha, ou no segurar a mão de outra pessoa. Mas, que necessidade há de expressão? Não estou dizendo que não deveis expressar-vos. Podeis expressar uma coisa qualquer, pô-la em palavras; mas a palavra não é a coisa. O símbolo nunca é o real. Mas vós expressastes a coisa e, porque sois dotado de capacidade ou talento, essa expressão se torna significativa; tem um valor, proporciona lucro, aplausos, popularidade.

Ora, como dizia, na atenção total há uma criação que não se pode exprimir em palavras, símbolos, idéias. Ela é energia total. Eu posso ter o dom de escrever poesias; mas, como posso definir essa energia total, essa coisa extraordinária chamada criação? Se não gostais da palavra "criação", escolhei outro nome: "Deus", "cachorro",* qualquer nome serve. Uma pessoa sente, talvez, que *existe* essa coisa — um movimento de criação, uma imensidade, uma atemporalidade. Entretanto, como expressar em palavras o imensurável? E, mesmo, quando o expressamos, a expressão não é a própria coisa. Assim, que valor, que importância, que significação tem a poesia para o homem ou a mulher que compreendeu essa atenção completa? Tem essa poesia necessidade de sair de casa para contemplar obras de arte, visitar museus, assistir a concertos? Entendeis? Quem bebeu na fonte da criação, de que mais necessita?

Mas, para a maioria de nós a arte, a poesia, ou a música se tornou muito importante. Somos como os assistentes de uma partida de futebol a observar os jogadores. Poucos estão jogando, e milhares assistindo. Porém, depois de vos desembaraçardes completamente da estrutura psicológica da sociedade, que importância tem a palavra, a forma, o som, o símbolo?

Receio que estejais escutando o orador na esperança de que ele vos ponha milagrosamente naquele estado ou a ele vos conduza. Mas tal não é possível. Para isso tendes de trabalhar intensamente. Requer-se uma energia imensa para ouvir corretamente. Impõe-se toda

* A palavra GOD (Deus) em inglês, escrita às avessas, é dog (cachorro).

a vossa atenção, para destruir a vossa desatenção, e não há, então, distração de espécie alguma. Não existe distração, em tempo algum, para o homem atento. Já para o homem concentrado há sempre distração.

A arte, é claro, tem seu lugar próprio; mas a coisa não acaba aí. Só quando sois capaz de ultrapassar a arte, de superar a beleza criada pelo homem, só então conhecereis diretamente aquela beleza inexprimível. E, estando presente essa beleza, nada mais necessitais buscar.

7 de junho de 1962.

O SIGNIFICADO DE UM DEBATE

(LONDRES — III)

Esta manhã vamos "debater" e nos deve ficar bem claro o que significa um debate. Considero vantajoso, em nossa permuta de palavras, ver claramente o padrão de nosso próprio pensar; isto é, se pudermos abrir-nos, não para outros, mas para nós mesmos, e vermos o que realmente somos e o que está sucedendo interiormente. Um debate, para ser valioso, deve servir-nos como um espelho no qual nos vejamos claramente, minuciosamente, sem desfiguração, absorvendo o quadro inteiro e não apenas determinado fragmento dele. Esta é uma tarefa deveras difícil, pois em geral desfiguramos o que vemos, ou porque buscamos prazer, ou porque queremos evitar a dor; mas neste "debate" e no subseqüente, no próximo domingo, espero possamos contemplar a nossa verdadeira imagem. Seria lamentável, acho eu, se fôssemos permanecer apenas no nível verbal ou intelectual, como é a tendência da maioria, em vez de penetrarmos profundamente. Porque, com efeito, temos propensão para pensar fragmentariamente; raramente fazemos alguma coisa com todo o nosso ser. Funcionamos em diferentes níveis, e não como entes humanos totais, interiormente cônscios de todo o conteúdo de seus pensamentos e sentimentos. Vejamos, pois, se seremos capazes de ultrapassar o nível verbal, o mero intercâmbio intelectual, para investigarmos fundo o inconsciente. Se pudermos fazê-lo, então uma reunião como esta terá subido valor.

Pergunta: *Falais sobre "ver e ouvir um fato sem desfiguração, não importa se o fato é agradável ou desagradável". Trata-se de um processo gradual de investigação e, portanto, de uma questão de tempo, ou de um percebimento imediato?*

KRISHNAMURTI: Vede, quanto mais a civilização parece progredir externamente — crescente prosperidade, viagem à Lua, explora-

ção de Vênus e Marte, etc. — tanto mais complexos se estão tornando os problemas humanos. Não me refiro aos problemas do viver exterior: onde morar, que emprego exercer, quanto dinheiro será preciso ganhar, etc. Essas coisas são relativamente fáceis de regular e resolver. Refiro-me aos nossos problemas psicológicos, bem mais agudos e profundos — ou talvez *sempre foram* agudos e profundos, mas só agora nos certificamos deles. Alguns de nós, tendo regulado mais ou menos convenientemente as nossas circunstâncias externas, talvez estejamos voltando a atenção para o nosso interior; mas duvido disso. Como quer que seja, esses problemas psicológicos existem. E se me permitis dizê-lo, não deveríamos acrescentar mais um problema aos que já temos, dando tanta importância ao que significará "ver ou ouvir uma coisa sem desfigurá-la".

Escutar não é só escutar a quem discursa, mas também ao próximo, a vossa esposa ou marido, a uma ave. Ver uma flor é vê-la "botanicamente" e também não botanicamente. *Escutar* é estar ciente da incessante propaganda da Igreja, do Estado, da Imprensa, do anunciante — é escutar tudo isso, sem se deixar influenciar em nenhum sentido. Quase todos somos facilmente influenciáveis; toda a nossa estrutura psicológica baseia-se na influência, na propaganda. Somos ingleses, católicos, protestantes, americanos, hinduístas — e isso é o resultado de milenária propaganda. Somos influenciados pela alimentação, pelo ambiente em que vivemos, pelo vestuário, pelos livros e jornais que lemos. O rádio, a televisão, tudo nos influencia incrivelmente; e essa influência é consciente ou inconsciente. Na América — creio — fizeram-se várias experiências com a chamada "propaganda subliminal", a qual visa diretamente ao inconsciente, sem percepção da mente consciente. Por uma fração de segundo se projeta repetidamente, na tela ou no vídeo, um anúncio que a mente consciente "não recebe", mas que é percebido e lembrado pelo inconsciente; e, em sua próxima visita a uma loja, o espectador tende a comprar o que foi anunciado.

Em verdade, resultamos de muitas influências, e a inteligência, segundo me parece, é a faculdade que habilita a mente a conscientizar-se de todas as influências, ou pelo menos da maioria, e abrir caminho por entre elas, sem se emaranhar, sem se deixar deformar ou por elas impregnar-se. Estar consciente da influência, e sacudi-la de si — eis, no meu sentir, a verdadeira essência da inteligência.

O importante é escutar a propaganda, escutar o que estamos dizendo agora, e perceber diretamente, por si mesmo, o verdadeiro e o falso; mas isso não podeis fazer em conformidade com vossas

avaliações, vossos gostos e desgostos, que são meras reações do condicionamento cultural. Sem dúvida, ver verdadeiramente é ver o fato como é; e esse ver é imediato, não requer tempo.

Em geral, pensamos que a compreensão vem lentamente, pela avaliação comparativa, não é verdade? Mas a compreensão é comparativa, gradual? Ou é imediata? Ora, ou compreendo uma coisa agora ou não a compreendo absolutamente. Posso dizer a mim mesmo: "Compreenderei gradualmente o que se está dizendo; essa compreensão virá futuramente, com o tempo". Mas o futuro trará compreensão? Se não há agora uma modificação radical de meu modo de observação, de minha visão das coisas, de meu modo de escutar, o futuro nenhum proveito trará. Se não sacudo imediatamente o meu condicionamento, os meus preconceitos, meus gostos e aversões, eles continuarão existentes amanhã.

Se me é permitido dizê-lo, penso que a mente indolente é que tem essa idéia de "gradualidade", ela que diz: "Com o tempo compreenderei, mas não agora". Não me refiro à aquisição de conhecimentos. Esta requer tempo. Dominar uma língua, estudar Matemática, aprender mecânica, etc., tudo isso exige tempo. Mas, perceber a própria avidez — isso é uma percepção imediata. E *escutar* uma coisa sem desfiguração, isso também é imediato; escutar não apenas ao orador, mas a tudo, sem interpretação, sem interferência do processo automático do pensamento. Se já experimentastes isto, deveis saber que é muito. . . já ia empregar a palavra "difícil". Mas não é difícil, na acepção comum da palavra. Requer tremenda energia.

Para se viver com a fealdade, morar numa rua feia, sem uma só árvore, viajar de ônibus diariamente, por entre o barulho, as exalações, as imundícies de uma grande cidade — para "viver com tudo isso" e não se deixar corromper nem insensibilizar, precisa-se de uma grande soma de energia. Identicamente, o "viver com algo que é muito belo", uma montanha, uma árvore, um belo rosto, *sem se acostumar* — isso também demanda grande dose de energia.

Do mesmo modo, para escutardes, para verdes sem desfiguração, necessitais de muita energia de atenção; mas a atenção não é processo de concentração, de controlar a mente e fazê-la voltar toda vez que divaga. Não é isso, absolutamente. E espero que, de tanto falar nisso, eu não o esteja tornando um problema. Se se tornar um problema, por favor, largai-o das mãos. Sabe Deus quantos problemas já temos, sem acrescentar-lhes mais este.

Ouvinte: *Pelo "ver e escutar os fatos como são" pode uma pessoa conseguir desembaraçar-se de vários problemas e complicações. Mas, por trás de tudo isso, encontra-se ainda o desejo daquela permanência a que se pode chamar "Deus".*

KRISHNAMURTI: Pergunto a mim mesmo por que desejamos permanência. Ora, por certo, o desejo de permanência é reação a um conflito. Vemo-nos num estado de constante desejar e não desejar, de "ida e vinda", de esperança e desespero. Trava-se a todas as horas uma batalha dentro de nós, e desejamos um pouco de paz, um refúgio, um Deus para nos dar o descanso completo dessa batalha de ansiar preenchimento e não consegui-lo, de amar e não ser correspondido, etc. Assim, nosso desejo de permanência é reação a um conflito. Discutiremos mais adiante sobre se existe essa coisa chamada "permanência"; mas primeiramente devemos ver com clareza que desejamos permanência, paz duradoura, unicamente porque nos achamos em conflito. Se nenhum conflito houvesse em nós, não procuraríamos um estado de paz contínua.

Ora, a questão é se a mente pode, ou não, libertar-se de qualquer espécie de conflito. É possível a vós e a mim ficarmos totalmente livres de conflito? Ou a vida tem de ser, inevitavelmente, uma luta perpétua, do nascimento à morte? Luta, contradição, conflito dos opostos — se admitimos que tudo isso é inevitável, o problema então é de como tornar o conflito o mais suave, o mais "espiritualizado" possível. É o que tenta a maioria das civilizações. Devemos, pois, ver bem claro se estamos apenas tentando "espiritualizar" o conflito, ou se desejamos eliminá-lo completamente. Estamo-nos referindo ao conflito psicológico existente em cada um de nós e que posteriormente se "projeta" no mundo, como conflito entre grupos, raças e nações.

Para mim, o simples "espiritualizar" do conflito interior não resolve o problema, porque o conflito continua existente; e o conflito é sempre destrutivo. Por mais sutil e "espiritualizado" que se torne, por mais "centífico", "sofisticado", analisado ou racionalizado que o façamos, o conflito torna a mente embotada, inerte. Torna a mente incapaz de transcender a si própria. Isso me parece estar bastante claro e não necessitar de mais explicações.

A questão, pois, é: Como podereis ficar totalmente livre de conflito? Isso não significa que devais procurar um método ou sistema, porque, nesse caso, ficais vinculado ao sistema e começa novo conflito: o conflito entre *o que sois* e o que *deveríeis ser*.

É possível eliminar completamente o conflito? Eis a questão. Para mim, a eliminação do conflito é decididamente essencial. Não porque eu seja uma pessoa indolente ou de temperamento inativo, mas porque vejo o que o conflito causa. Exteriormente, pode-se ver muito bem o que o conflito acarreta: competição entre os vários grupos comerciais e políticos, conducente a guerras devastadoras entre este e aquele país. E interiormente ele é muito pior, pois é o conflito interior que "projeta" o conflito exterior. Quando há conflito interior, há uma tensão que poderá determinar certas atividades artísticas. Poderá essa tensão expressar-se no surrealismo, ou objetivismo, ou não-objetivismo; ou o indivíduo poderá escrever um livro — ou acabar no hospício.

Ora, fomos educados desde pequenos para a competição. Nossos exames são "competitivos", e na escola procuramos obter "notas" melhores do que as dos outros — conheceis bem o sistema. Fomos criados nessa base: psicologicamente sempre desejando *mais* e servindo-nos de nossas funções para alcançar posição. E pode-se ver o que o conflito causa à mente. Com efeito, ele torna a mente velha, insensível, embotada. O homem ambicioso está perenemente em conflito, não conhece um só momento de paz; nunca saberá o que é amor. E desde o começo somos estimulados a ser ambiciosos. O conflito está firmemente arraigado em nós, em diferentes níveis, superficial e profundamente.

Mas, é possível viver neste mundo — psicologicamente e, por conseguinte, exteriormente — sem conflito de nenhuma espécie? Não digais ser possível ou impossível, pois não sabeis. Digo ser possível, porque para mim é um fato; mas para vós não é um fato e, por isso, precisais averiguar.

É possível eliminar o conflito, não parcialmente ou em pequenos fragmentos, porém totalmente? Isto é, pode a mente ficar livre do passado, deixar de dizer: "Serei *algo* amanhã"? Ser livre de conflito implica a cessação completa do *motivo* ou intenção de "chegar a alguma parte", alcançar algo: alcançar a fama, a virtude, cultivar o ideal, repudiar a cólera, a fim de se ser mais pacífico, etc.

Mas isso não é um simples jogo infantil; requer grande soma de compreensão, percebimento.

Psicologicamente, terminar o conflito é "não ser nada"; e a maioria de nós teme enfrentar o "nada ser" — literalmente *nada*.

Mas afinal de contas, que sois vós? Que são todos os V.I.P.s * — a gente muito importante? Tirem-se-lhes os títulos, as posições, as decorações, todas essas bugigangas, e eles ficam reduzidos a nada. E quer-me parecer que nós, a gente comum, também estamos tentando, de várias maneiras, tornar-nos *algo*; mas, interiormente, não somos absolutamente nada. E, por que não ser *nada*? *Não sejais nada* — mas não vos esforceis para vos tornardes assim, pois isso só vem criar outro problema.

Ora, estamos tratando de uma questão bem séria, e não de permutar umas poucas palavras e escutar umas poucas idéias. Não ser coisa nenhuma implica tremenda meditação interior — meditação *real*. Mas, por ora, não vamos tratar disso.

O importante é nada ser imediatamente, sem procurar manter esse estado; porque se não sois coisa alguma, não sois nada. Não tendes necessidade de manter esse estado. É a idéia de que deveis alcançar, ou manter certo estado, que gera o conflito, porque então vos vedes de novo empenhado na luta para vos tornardes algo.

Temos, em seguida, a questão de se há alguma coisa permanente. *Existe* alguma coisa permanente? Que se entende por "permanência"? Este prédio poderá durar uns cem anos, se não for destruído pelo fogo, por uma bomba, ou o que quer que seja. Mas necessitamos, psicologicamente, de tal permanência? Precisamos da perpetuação disso que somos, com todas as nossas lutas, nossa mediocridade, nossa insignificância, nossos desesperos, angústias, sentimentos de culpa? Direis: "isto é apenas a superfície, e nós temos de ultrapassá-la; e ultrapassá-la significa encontrar algo permanente". E projetais, assim, a idéia da alma como entidade permanente; nutris idéias a respeito do céu, de Jesus, e credes em Deus. Mas, *existe* alguma coisa permanente? Quando consideramos este assunto, quando o investigamos e compreendemos, não descobrimos que nada existe de permanente, exterior nem interiormente? Biologicamente, estai-vos modificando todos os dias, todos os minutos; vosso sangue muda de sete em sete anos. Mas, psicologicamente, intelectualmente, estais apegados a certas idéias, e não há bomba que possa destruir essas idéias. Sois ingleses, católicos, *isto* ou *aquilo*, e assim ficais pelo resto da vida; nada pode abalar vossa posição. *Isso*, pois, é que é permanência, não? E se essa permanência for apenas uma reação à contradição, ao conflito — como de fato é — que acontece? Se tudo

* VIP: iniciais de "very important people" (gente muito importante). (N. do T.)

está realmente em fluxão, em movimento, se a vida flui incessantemente, como pode então a mente — sustentada pelo tempo, pelo reconhecimento, e apegada à permanência — como pode a mente conhecer o atemporal, o ilimitado, o irreconhecível?

Sabeis que para os que são religiosos, no sentido convencional, Deus é uma entidade permanente, que existe de eternidade em eternidade. E se não temos inclinação religiosa, inventamos substitutos: o Estado, a ideologia, esta ou aquela utopia. Quer estejamos em Moscou, quer em Roma, a coisa é essencialmente a mesma.

Ora, não é possível, psicologicamente, sairmos do tempo e não pensarmos absolutamente em termos de permanência ou impermanência? Não pode uma pessoa viver, existir num estado tão completamente atento, tão completamente fora do tempo — considerado como hoje e amanhã — que todas as agonias do anseio, todas as lembranças e expectativas sejam coisas mortas?

Agora, para um problema tão sério como este, não há resposta "sim" ou "não". Há apenas um processo de investigação, o qual revela o que é verdadeiro e o que é falso. Essa revelação, essa percepção é muito mais importante do que o achar uma resposta. Não há solução para nenhum problema psicológico. Há soluções para os problemas mecânicos. Mas um problema psicológico tem de ser investigado, tem de ser aprofundado por vós mesmos; e conforme olhais, investigais, percebeis, o problema desaparece. Deixa de ser uma carga, estais livre dele. O inteiro processo do pensar, tal como o conhecemos, cessa; e então, talvez, apresenta-se algo totalmente novo.

Ouvinte: *Depois de tanto se falar a respeito de permanência e conflito, nada tenho para levar comigo.*

KRISHNAMURTI: Senhor, isto não é mercadoria, não é coisa que se pode comprar. Estamos examinando juntos o mesmo problema, procurando vê-lo o mais totalmente possível. Não me estais escutando a fim de aprenderdes de mim. Estais escutando para descobrirdes o que sois. O autoconhecimento, o conhecer a si próprio, é mais importante do que "levar para casa" uma idéia de outro e ficar vivendo com essa idéia. Se o que acabamos de examinar sobre o conflito e a permanência não foi um processo de auto-revelação, autocompreensão, se a explicação permaneceu apenas no nível verbal, neste caso nada descobristes e, naturalmente, partireis dizendo: "Que esteve dizendo esse homem?". Mas se, escutando, estivestes observando o

inteiro processo de vosso próprio pensar, vosso próprio sentir, vosso próprio esforço, tereis então aberto a porta de algo imenso.

Pergunta: *Suponhamos que uma pessoa conseguisse essa libertação de todo conflito, a que vos referis; se essa pessoa não se dedicasse a trabalhos sociais, proteção dos animais, etc., como iria utilizar suas reservas de tempo e de energia?*

KRISHNAMURTI: Vede, senhor, é preciso fazer a pergunta correta, para se obter a correta resposta. Se se faz uma pergunta errônea, ela provocará errônea resposta. Ora, esta pergunta é correta?

Se nenhum conflito tenho, haverá a meu dispor uma extraordinária carga de energia. Isto é um fato, não? A maior parte de nossa energia se dissipa no conflito, na incessante batalha que travamos dentro de nós, e com os nossos semelhantes. Se esse conflito terminar, que acontece com essa energia enormemente acrescentada? Obviamente, isso a pessoa descobrirá por si própria, quando o conflito terminar — se isso alguma vez acontecer.

Ora, que se entende por energia? Conhecemos a energia gerada pelo conflito. Um homem ambicioso impele a si próprio, luta tenazmente para atingir o seu alvo, e isso gera uma certa qualidade de energia, de dureza; todos sabeis o que a ambição implica. Mas, quando a ambição cessa totalmente — o que não representa um estado de apatia ou indiferença — existe uma energia que nada tem em comum com a energia própria do conflito. A energia do conflito, da competição, do ódio, não pode evidentemente comparar-se à energia da afeição; porque a afeição ou o amor não é o oposto do ódio. Quando existe a abundante energia oriunda da libertação de todo conflito, a pessoa poderá continuar a exercer o seu emprego ou a atender a seus negócios; ou poderá despender essa energia de maneira totalmente diferente.

Deixai-me dizer-vos uma coisa. Em geral somos insensíveis; ou somos sensíveis ao belo e lutamos para repelir o feio. Mas, se não há conflito entre o belo e o feio, se há simplesmente o estado de sensibilidade — que é também uma expressão de energia — então tudo se torna vivo. Cada cor é uma cor ardente, intensa, e não simplesmente vermelho, azul ou branco. Cada pensamento, cada sentimento se consome inteiramente nessa chama. E se essa energia não for jungida a uma dada exigência — minha mulher, minha casa, meus

filhos, meu emprego, minha pátria, minha crença — ela é então tranqüilidade total. Nessa tranqüilidade há um grande movimento, mas não *de um ponto para outro.* É um movimento não relacionado com o tempo; e isso, no meu sentir, é criação, é Deus, ou o nome que preferirdes. Mas, para que se torne existente a quietude completa, toda espécie de luta, de conflito, de desejo de "vir a ser algo", toda exigência de mais experiência — tudo deve cessar.

Mas, que bem faço ao falar a esse respeito? Vede, para mim, o que estou dizendo não é especulativo; mas se vos falo de uma coisa que não conheceis, ela naturalmente se torna para vós especulativa e, portanto, irreal.

Pergunta: *Parece-me que no momento em que entra em cena o "eu", apresenta-se um problema. Esse "eu" põe-se então a trabalhar para resolver o problema, e isso é absurdo. Não é o próprio "eu" o único problema?*

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, evidentemente. Enquanto há um centro, há uma periferia, que é o tempo psicológico. E a questão é: em face das caóticas exigências criadas pelo "eu" — minha pátria, minha religião, minha família, meu seguro, minha hipoteca, meu *isto* e meu *aquilo* — exigências em que está enredado todo ente humano, é possível viver neste mundo e eliminar o "eu", não teoricamente, porém realmente, assim como se extirpa um câncer? É possível viver num dado país, exercer um emprego, ter esposa, marido, filhos, ter uma casa, e ao mesmo tempo não ter centro nenhum? Percorrer alegremente a vida, livre da dor — é possível isso?

Pergunta: *O hábito não constitui uma parte do problema? A pessoa tende a perpetuar todas essas exigências por hábito.*

KRISHNAMURTI: Evidentemente. O hábito é mecânico, e nosso pensar se baseia no hábito. Se somos ingleses, ingleses permanecemos pelo resto da vida. Se somos católicos, pensamos "habitualmente" em termos referentes ao Salvador, à Missa, à Confissão. Se somos hinduístas, escravizamo-nos ao hinduísmo até o fim da vida. Ir para o emprego todos os dias, ver habitualmente as mesmas caras, repetir os mesmos prazeres, fumar, beber, satisfazer o sexo — eis a terrível tirania do hábito. O hábito é, essencialmente, um feixe de "memórias", ou seja o "eu".

Ora, é possível, vivendo-se neste mundo, abandonar completamente esse feixe? Mais uma vez, peço-vos não digais que é ou não é possível. Vós tendes de investigar, tendes de cientificar-vos dele, tendes de penetrá-lo — não movidos pelo desespero, nem pela esperança de acabar com ele, mas simplesmente com o fim de descobri-lo. Eu digo que isso pode e *deve* ser feito, pois, do contrário, nossa vida contínua mesquinha. Podeis ser capaz de escrever poesias, podeis ser um homem famoso, exercer um importante cargo, possuir uma bela vivenda, uma esposa encantadora, filhos talentosos, etc. etc.; mas, enquanto não estiverdes libertado do "eu", continuareis dentro da prisão construída pelo homem, incapaz de irdes além.

Senhor, podeis fazer quantas perguntas quiserdes, mas estamos sempre voltando à mesma coisa, ou seja vossa capacidade de olhar, escutar, descobrir. E essa capacidade não é coisa que se deve nutrir, desenvolver, porque, no momento em que vos aplicais a desenvolver qualquer coisa, ela se torna um hábito; torna-se uma forma de conhecimento, ao qual sempre recorreis. A coisa, pois, é realmente muito sutil; exige atenção total, a todas as horas.

Agora, um momento: quando digo "a todas as horas", isto não significa que a atenção total deva ser um processo contínuo, ininterrupto. Não faz mal interrompê-lo; se o fizerdes, tornai a "pegá-lo", de vez em quando, e tratai de descobrir *porque* o interrompestes, mantendo assim vossa mente ativa, alertada, viva.

Pergunta: *Quando não há "eu", que é isso que olha e escuta?*

KRISHNAMURTI: Vede, isso já é uma questão teórica. Quando morreis para tudo o que conheceis, quando para vós já não existe ontem nem amanhã, nem o presente no sentido de tempo psicológico, que *existe* então? Como posso responder-vos? Verbalmente, posso dizer-vos que existe algo imenso, algo extraordinariamente vivo; mas isso nada vos significará. A meu ver, a questão real é esta: é possível eliminar o "eu"? Se a examinardes profundamente, vós mesmo respondereis à vossa pergunta.

Pergunta: *Estou contaminado pela sociedade. Como poderei livrar-me dessa contaminação?*

KRISHNAMURTI: Ora, a questão não é de como vos libertardes dessa contaminação, porque, assim, apenas criais outro conflito, outro problema. O "eu" não está contaminado pela sociedade; ele próprio *é* a contaminação. O "eu" é uma coisa que se formou pelo con-

flito, pela inveja, pela ambição e o desejo de poder, pela agonia, o sentimento de culpa, o desespero. E pode esse "eu" dissolver-se sem conflito?

Isso não são questões teóricas ou teológicas. Se uma pessoa tem sério interesse em compreender a si própria, verá que todo esforço para dissolver o "eu" tem *motivo*; resulta de uma reação e, por conseguinte, faz parte ainda do "eu". Que se pode fazer, então? Pode-se ver o fato e nada fazer em relação a ele. O fato é que todo pensamento, todo sentimento é resultado da sociedade, com suas ambições, sua inveja, sua avidez; e esse processo inteiro é o "eu". O próprio ato de perceber inteiramente esse processo constitui a sua dissolução; não se precisa fazer esforço nenhum para dissolvê-lo. Perceber uma coisa venenosa é abster-se de tocá-la.

Pergunta: *Direis então que o esforço é destrutivo?*

KRISHNAMURTI: É o que estive dizendo toda esta manhã. Não sei porque é tão difícil compreender uma coisa tão simples. Se duas pessoas teimam em brigar, é claro que nunca poderá haver paz entre elas. Analogamente, as nações do mundo poderão assinar tratados de paz, etc.; mas não poderão viver em paz entre si enquanto forem nacionalistas e teimarem em manter seus governos soberanos, ou enquanto se orgulharem de ser franceses, ingleses, e por aí além. O eliminar tudo isso não requer esforço. É só questão de ver quanto é estúpido, e como nossa mente é absurdamente limitada e medíocre. O que é medíocre poderá tentar alterar a si próprio, produzir uma tremenda revolução em si mesmo; mas como o conseguirá? Qualquer "revolução" que promova será tão superficial e estúpida quanto ele próprio. Mas, quando simplesmente percebeis vossa mediocridade, vossa estupidez, verifica-se então uma ação totalmente diferente, não instigada por nenhuma exigência, nenhum impulso de vossa parte. Eis porque tanto importa o método negativo. Não falo de "método negativo" como oposto do positivo. Ele é negação. Compreendeis? Quando dizemos "não", esse "não" é uma reação, é o oposto de "sim". Há, porém, uma negação, um dizer "não", que não é reação nenhuma.

Espero estejais também *trabalhando*, e não simplesmente ouvindo o que diz o orador.

Aparte: *Acho impossível estar consciente a todas as horas.*

KRISHNAMURTI: Não fiqueis nesse estado permanentemente. Procurai estar consciente em curtos momentos. Senhor, não é possível

"estar cônscio a todas as horas" — essa é uma idéia horrível. É um pesadelo este terrível desejo de continuidade. Ficai perceptivo por um minuto, por um segundo, e nesse segundo de percebimento podereis ver o Universo inteiro. Isso não é uma frase poética. Vemos coisas num rápido clarão, num simples momento; mas, depois de vermos uma certa coisa, desejamos prendê-la, retê-la, dar-lhe continuidade. Isso não é estar cônscio, absolutamente. Ao dizerdes "preciso estar ciente a todas as horas", fizestes disso um problema; portanto, deveríeis realmente descobrir porque desejais manter-vos assim — ou seja perceber a avidez aí implicada, o desejo de adquirir. E o dizer: "Ora, eu estou cônscio a todas as horas" — não significa nada.

O amor, como o casamento, é de eterna duração? Os casamentos duram eternamente? Sabeis disso melhor do que eu. O amor *dura* por todo o sempre, ou é coisa totalmente livre do tempo?

Já são doze horas e um quarto. Talvez possamos examinar esta questão noutra ocasião.

Pergunta: *Como dizeis, são doze e um quarto, e este tempo cronológico nos restringe. Não seria possível fundar-se uma organização onde pudéssemos reunir-nos diariamente, para prosseguirmos esses estudos?*

KRISHNAMURTI: Se o desejais, senhor, fundai uma organização. Eu estou fora disso. Se desejais reunir-vos com vários outros, fazei-o. Não precisais de *minha* permissão. Mas a verdade é que estamos sujeitos ao tempo cronológico. Vós tendes de pegar um ônibus, de ir almoçar, de comparecer a um encontro marcado para esta tarde. Eu terei de deixar este país em "tal data". Estamos sujeitos ao relógio, ao tempo cronológico. Isto é óbvio. Mas não é sobre isso que falo, como expliquei cuidadosamente no começo. Falo sobre a libertação do tempo psicológico.

10 de junho de 1962.

O TEMPO, A MORTE E O AMOR

(LONDRES — IV)

Desejo falar nesta tarde sobre o tempo e a morte; e gostaria também de falar a respeito disso que chamamos amor.

Nestas nossas palestras, não estamos interessados em idéias. As idéias são pensamento organizado, e o pensamento não resolve nossos profundos problemas psicológicos. O que elimina realmente os nossos problemas é o encararmo-los, não através do crivo do pensamento, porém entrando direta e vitalmente em contato com eles, percebendo e sentindo realmente o fato. Se posso empregar a expressão, devemos estar emocionalmente, e não sentimentalmente, em contato com o fato. Se confiarmos no pensamento, por mais engenhoso, por mais bem organizado, por mais erudito, lógico, são, racional que seja, nossos problemas psicológicos nunca serão resolvidos. Porque, como há dias salientei, é o pensamento que cria todos os nossos problemas; e o homem que realmente deseja penetrar esta questão da morte, em vez de evitá-la (a questão), deve descobrir por si mesmo como o pensamento cria o tempo, e como o pensamento também nos impede de compreender o significado, a importância e a profundeza da morte.

A maioria de nós tem pavor da morte, e procuramos fugir a esse medo racionalizando a morte; ou apegando-nos a várias crenças, racionais ou irracionais, manufaturadas, também elas, pelo pensamento.

Ora, para se examinar esta questão da morte, requer-se, assim me parece, uma mente não só racional, lógica, sã, mas também capaz de olhar diretamente o fato, ver a morte tal como é, e não se deixar dominar pelo medo.

Para compreender o medo, precisamos compreender o tempo. Não me refiro ao tempo medido pelo relógio, ao tempo cronológico; este é bastante simples, mecânico, e nele não há muito para compreender. Refíro-me ao tempo psicológico: o recordar os dias passados, todas as coisas que conhecemos, sentimos, gozamos, recolhemos e armazenamos na memória. A lembrança do passado molda-nos o presente, o qual, por sua vez, se projeta no futuro. Todo esse processo é tempo psicológico, em que está aprisionado o pensamento. O pensamento é o resultado de ontem, atravessando o dia de hoje, para amanhã. O pensamento sobre o futuro está condicionado pelo presente, e este, a seu turno, está condicionado pelo passado.

Constitui-se o passado das coisas que a mente consciente aprendeu na escola, dos empregos que exerceu, do conhecimento técnico que adquiriu, etc., e tudo isso faz parte do processo mecânico da lembrança; mas ele é também constituído de conhecimento psicológico, isto é, das coisas que o indivíduo experimentou e guardou, das lembranças ocultas nas profundezas do inconsciente. À maioria de nós falta tempo para investigar o inconsciente, pois estamos sempre muito ocupados, completamente entregues a nossas diárias atividades; assim, o inconsciente transmite-nos várias sugestões e mensagens, na forma de sonhos, e esses sonhos requerem interpretação.

Tudo isso — tanto o processo consciente como o inconsciente — é tempo psicológico: tempo como conhecimento, tempo como experiência, tempo como distância entre o que *é* e o que *deveria ser*, tempo como meio de "chegar", lograr êxito, preencher-se, "vir a ser". A mente consciente é moldada pela inconsciente; e é muito difícil compreender os secretos motivos, intenções e compulsões do inconsciente, porque não somos capazes de conseguir acesso ao inconsciente pelo esforço consciente. É negativamente que devemos abeirar-nos dele, e não pelo processo positivo da análise. O analista está condicionado pelas suas lembranças; e seu método positivo de abeirar-se de uma coisa que ele não conhece, e de cuja existência não está plenamente cônscio, é muito pouco significativo.

Analogamente, temos de abeirar-nos da morte de maneira negativa, porquanto não sabemos o que ela é. Temos visto outras pessoas morrerem. Sabemos que há morte por doença, por velhice e declínio, morte por acidente e morte propositada; mas não sabemos realmente o que significa morrer. Podemos racionalizar a morte. Vendo a velhice aproximar-se de nós — o gradual enfraquecimento da mente, perda de memória, etc. etc. diremos, porventura: "Ora, a vida é um

processo de nascimento, crescimento e declínio, e a extinção do mecanismo físico é inevitável". Mas isso não nos traz compreensão profunda do que seja a morte.

A morte, como a vida, deve ser algo extraordinário. A vida é uma totalidade. Sofrimento, dor, angústia, alegria, idéias absurdas, posse, inveja, amor, a torturante agonia da solidão — tudo isso é a vida. E para compreendermos a morte, devemos compreender o todo da vida, e não apenas tomar um fragmento dela e ficarmos vivendo com esse fragmento, como o faz a maioria de nós. No próprio compreender da vida é o compreender da morte, porque as duas coisas não estão separadas.

Como disse, não estamos interessados em idéias ou crenças, porque elas nada resolvem. O homem que deseja saber o que significa morrer, que deseja realmente experimentar, conhecer o seu pleno significado, deve estar cônscio da morte em vida, isto é, morrer todos os dias. Fisicamente, não podeis morrer todos os dias, embora a todos os momentos se esteja verificando alteração fisiológica. Refiro-me ao morrer psicológico, interior. As coisas que temos acumulado como experiência, conhecimentos, os prazeres e as dores que conhecemos — morrer para tudo isso.

Mas, como sabeis, a maioria de nós não deseja morrer, porque estamos satisfeitos com o nosso viver. E nosso viver é muito feio; é mesquinho, invejoso, uma luta constante. Nosso viver é uma tortura, com esporádicos clarões de alegria que logo se tornam simples memória; e a morte é-nos também uma tortura. Mas a morte real é o morrer psicológico para tudo o que conhecemos — isto é, sermos capazes de enfrentar o amanhã sem saber o que é o amanhã. Não estou enunciando uma teoria ou crença fantástica. A maior parte das pessoas temem a morte e, por isso, crêem na reencarnação, na ressurreição, ou estão apegadas a uma outra forma qualquer de crença. Mas ao homem que realmente deseja descobrir o que é a morte, a crença não interessa. Crer, meramente, é falta de maturidade. Para descobrirmos o que é a morte, devemos saber morrer psicologicamente.

Não sei se já tentastes alguma vez morrer para algo que vos seja muito caro e vos proporcione imenso prazer — morrer para isso, não com a razão, não com uma convicção ou propósito — morrer, simplesmente, para isso, como uma folha que cai da árvore. Se souberdes morrer dessa maneira, cada dia, cada minuto, conhecereis então a terminação do tempo psicológico. E parece-me que, para a

mente amadurecida, a mente verdadeiramente desejosa de investigar, a morte, nesse sentido, é muito importante. Porque investigar não é procurar com um *motivo*. Não podeis descobrir o que é verdadeiro, se tendes um motivo, ou se estais condicionado por uma crença, por um dogma. Deveis morrer para tudo isso: morrer para a sociedade, para a religião organizada, para as várias formas de segurança a que a mente está apegada.

Afinal de contas, as crenças e os dogmas oferecem segurança psicológica. Vemos que o mundo se acha num estado de confusão total; nesta universal confusão, tudo se está transformando rapidamente. Eis porque desejamos algo duradouro, permanente e, por isso, nos apegamos a uma crença, um ideal, um dogma, a uma dada forma de segurança psicológica; e isso nos impede de descobrir realmente o que é verdadeiro.

Para descobrirdes o que é novo, a ele deveis chegar-vos com uma mente sã, uma mente fresca, jovem, não contaminada pela sociedade. A sociedade é a estrutura psicológica da inveja, da avidez, da ambição, do poder, do prestígio; e para descobrir o que é verdadeiro, a pessoa precisa morrer para toda essa estrutura, não teoricamente, não abstratamente, porém morrer realmente para a inveja, a perseguição do *mais*. Enquanto houver essa perseguição do *mais*, em qualquer forma, não poderá haver compreensão do imenso significado da morte. Todos sabemos que mais cedo ou mais tarde morreremos fisicamente, que o tempo passa, e a morte nos alcançará no caminho; e, porque temos medo, inventamos teorias, coordenamos idéias a respeito da morte, racionalizamo-la. Mas isso não é compreender a morte.

Realmente, com a morte não se discute; não podemos pedir-lhe que nos dê mais um dia de vida. Ela é peremptória, inexorável. E não é possível morrer assim para a inveja, sem discutir, sem perguntar o que vos acontecerá amanhã se deixardes de invejar ou ambicionar? Isso, em verdade, significa compreender o inteiro processo do tempo psicológico.

Sempre estamos pensando em termos relativos ao futuro, planejando para o amanhã, psicologicamente. Não estou falando sobre o planejar para a vida prática; isso é coisa completamente diferente. Mas, psicologicamente, desejamos ser alguma coisa amanhã. A mente sagaz se ocupa com o que ela foi e o que irá ser, e toda a nossa vida é edificada sobre essa base. Somos o resultado de nossas "me-

mórias", e memória é tempo psicológico. Mas é possível morrermos, sem esforço, facilmente, para todo esse processo?

Todos quereis morrer para o que vos é doloroso — e isso é relativamente fácil. Mas eu falo do morrer para algo que vos dá muito prazer, um forte sentimento de riqueza. Se morrerdes para a lembrança de uma experiência estimulante, morrerdes para vossas "visões", vossas esperanças e preenchimentos, ver-vos-eis frente-a-frente com um extraordinário sentimento de solidão, sem nada terdes em que vos ampapardes. Igrejas, livros, instrutores, sistemas de filosofia — em nada disso confiareis mais, o que estará muito certo; porque, se depositardes confianças em qualquer dessas coisas, estareis ainda com medo, sereis ainda invejoso, ávido, ambicioso, sequioso de poder.

Infelizmente, quando em nada mais confiamos, tornamo-nos em geral amargurados, mordazes, superficiais, e vivemos então, simplesmente, de dia para dia, dizendo que tanto basta. Mas, por mais sagaz ou filosófica que a mente seja, o que daí resulta é uma vida superficial, medíocre.

Não sei se já alguma vez tentastes ou experimentastes isto: morrer, sem esforço, para tudo o que conheceis, morrer, não superficialmente, porém realmente, sem perguntardes o que acontecerá amanhã. Se puderdes fazê-lo, encontrar-vos-eis com um extraordinário sentimento de solidão, um estado de negatividade (*nothingness*), no qual não existirá amanhã — e, se experimentardes esse estado até o fim, vereis que não é um estado de lúgubre desespero; pelo contrário.

Afinal de contas, vivemos em maioria terrivelmente sós. Podeis exercer uma ocupação interessante, ter família e dinheiro em abundância, ter os vastos conhecimentos de uma mente culta; se quando vos encontrardes a sós, puserdes de parte tudo isso, conhecereis aquele extraordinário sentimento de solidão.

Mas, vede, nesse momento ficamos muito assustados, nunca "experimentamos" esse estado até o fim, para descobrir o que ele é. Tratamos de ligar o rádio, ler um livro, tagarelar com os amigos, ir à igreja, ao cinema, ou ao botequim — pois tudo isso está no mesmo nível, constituindo meios de fuga. Deus é uma fuga estimulante, exatamente como a bebida. Quando a mente foge, não há muita diferença entre Deus e a bebida. Sociologicamente, talvez não seja bom beber; mas o fugir para Deus tem também seus inconvenientes.

Assim, para compreender a morte, não verbal ou teoricamente, porém experimentá-la realmente, é preciso morrer para ontem, para todas as suas lembranças, as feridas psicológicas, a lisonja, o insulto, a mesquinhez, a inveja — é preciso morrer para *tudo isso,* quer dizer, morrer para si mesmo. Porque tudo isso *é* o que somos. E vereis então, se chegardes até aí, que existe uma solidão que não é isolamento. Solidão e isolamento são duas coisas diferentes. Mas não podeis alcançar a *solidão,* se não experimentardes até o fim e não compreenderdes esse estado de isolamento, em que as relações nada mais significam. Vossas relações com esposa, marido, filho, filha, amigos, emprego — nenhuma delas já nenhum significado tem ao sentirdes que estais completamente só. Estou certo de que alguns de vós já experimentastes esse estado. E quando fordes capazes de experimentá-lo até o fim e ultrapassá-lo, quando já não vos assustar a palavra "só", quando estiverdes morto para todas as coisas que conheceis, e a sociedade tiver deixado de influenciar-vos, conhecereis então "a outra coisa". A sociedade só poderá influenciar-vos enquanto a ela pertencerdes psicologicamente. A sociedade nenhuma influência pode exercer sobre vós, depois de cortardes o laço psicológico que a ela vos vincula. Estais então livre das garras da moralidade e respeitabilidade social. Mas o experimentar desse estado de solidão, até o fim, sem procurar fugir nem verbalizar — e isso significa "*ficar* com ele", completamente — isso requer uma grande soma de energia. Necessitais de energia para poderdes viver com algo que é feio e não vos deixardes corromper por ele, assim como também necessitais de energia para viver com algo que é belo, e não vos deixardes *acostumar.* Essa energia não contaminada é a *solidão* que deveis alcançar; e, dessa negação, desse vazio total, surge a criação.

Ora, sem dúvida, toda criação se verifica no vazio, e não quando a mente está cheia. A morte só tem significação ao morrerdes para todas as vossas vaidades, superficialidades, todas as vossas inumeráveis lembranças. Apresenta-se então algo que transcende o tempo, algo que não podereis alcançar se sentirdes medo, se estiverdes apegado a crenças, se estiverdes nas malhas do sofrimento.

PERGUNTA: *Que se entende por "estar cônscio sem escolha"?*

KRISHNAMURTI: Não devemos atribuir exagerada significação à palavra "cônscio". "Estar cônscio" não é nada misterioso em que devais exercitar-vos; não é uma coisa que só pode ser aprendida deste orador ou de um certo senhor de longas barbas. Tais coisas

são por demais fantásticas e absurdas. "Estar simplesmente cônscio" — que significa isso? Cientificar-vos de que estais sentados aí e eu estou sentado aqui; de que eu vos estou falando, e vós me estais escutando; conscientizar-vos deste salão, sua forma, sua iluminação, sua acústica; observar as variadas cores dos traços das pessoas, as atitudes dessas pessoas, seu esforço para prestar atenção, o coçar-se, o bocejar, o enfado, a insatisfação de não poderem extrair do que estão ouvindo algo que possam "levar para casa"; o seu concordar ou discordar do que se está dizendo. Tudo isso é parte do "estar perceptivo" — parte muito superficial, aliás.

Por trás dessa observação superficial, está a reação de nosso condicionamento; eu gosto e não gosto, sou inglês e vós não sois, sou católico e vós sois protestante. E nosso condicionamento, com efeito, é bem profundo. Ele requer investigação, compreensão. Perceber nossas reações, nossos secretos *motivos* e reações condicionadas — isso também faz parte da conscientização.

Não podeis "estar plenamente consciente" se estais a escolher. Se dizeis "isto é certo e aquilo é errado", o "certo" e o "errado" dependem do condicionamento pessoal. O que para vós é "certo", no Extremo-Oriente pode ser "errado". Credes num Salvador, no Cristo, e eles não crêem; e vós pensais que eles irão para o inferno, porque não crêem como vós. Tendes recursos para construir maravilhosas catedrais, enquanto eles talvez adorem uma imagem de pedra, uma árvore, uma ave, ou uma pedra, e vós dizeis: "Como são estúpidos esses pagãos!". "Estar ciente" é perceber tudo isso sem discriminar; é dar-vos conta de vossas reações conscientes e inconscientes. E não podeis estar totalmente conscientes se estais condenando, se estais justificando, ou se dizeis "Conservarei minhas crenças, minhas experiências, meus conhecimentos". Nesse caso, só percebeis parcialmente; e percepção parcial é, em verdade, cegueira.

Ver e compreender não é questão de tempo, não é questão de gradação. Ou vedes, ou não vedes. E não podeis ver, se não estais bem a par de vossas reações, de vosso próprio condicionamento. Estando ciente de vosso condicionamento, deveis observá-lo objetivamente; deveis *ver* o fato sem emitir opinião ou juízo a respeito dele. Por outras palavras, cumpre olhar o fato *sem* pensamento. Há então um percebimento, um estado de atenção, sem centro, sem fronteiras, no qual o conhecido não pode interferir; e é nesse estado de atenção total que a mente pode compreender o incognoscível. Uma mente vulgar, uma mente entravada por idéias neuróticas, pelo medo, pela avidez, pela inveja, poderá pensar a respeito do incognoscível, a res-

peito de Deus, a respeito disto ou daquilo, mas o que pensar terá pouca significação. Essa mente não é, em absoluto, uma mente religiosa.

PERGUNTA: *Não é importante livrarmo-nos das emoções negativas, conservando as positivas?*

KRISHNAMURTI: Que entendeis por "emoção"? Sensação, reação, "resposta" dos sentidos? Ódio, devotamento, o sentimento de amor ou compaixão por outra pessoa — são emoções. A umas, como o amor e a compaixão, chamamos positivas, enquanto a outras, tal o ódio, chamamos negativas, e delas queremos livrar-nos. O amor é o oposto do ódio? E o amor é emoção, sensação, sentimento prolongado pela memória? Sabemos o que significa amar? Sabemos realmente? Falamos de "amar a Deus", amar nossas esposas, nossos maridos, dizemos que amamos nossos animais; e em cartazes de propaganda lê-se: *"Lovely bear"**. Isso é amor? Amamos realmente nossas famílias? Coisa extraordinária, a família! A família se tornou uma coisa terrível, porque lhe ficamos apegados, nela "empatamos dinheiro", por ela nos sacrificamos e damos continuidade a nós mesmos através do nome da família; ela somos "nós mesmos", prolongados e perpetuados. Mas, podemos ter família sem nenhuma dessas complicações e fealdade.

Ora, que entendemos por amor? O amor, por certo, não é memória. Isso nos é muito difícil de compreender, porque para a maioria o amor *é* memória. Quando dizeis que amais vossa esposa ou marido, que quereis dizer com isso? Amais o que vos dá prazer? Amais aquilo com que vos identificastes e que reconheceis como coisa que vos pertence? Notai, por favor, que tudo isso são fatos, e que nada estou inventando; portanto, não vos mostreis horrorizados.

Ao dizermos que amamos, que significa isso? O amor é questão de tempo? Pode o amor existir se há apego, ou se possuís outra pessoa? Quando dizeis: "Ela é *minha* mulher", "Ele é *meu* marido" — existe amor nessas relações? Existe amor quando sois ciumento? O sentir-vos só, infeliz, agoniado, porque vossa esposa ou marido vos abandonou, isso é amor? E é amor a Deus o "ouvir missa" todos os dias ou uma vez por semana e executar todas as devoções correspondentes?

---

* "Cerveja amável" — talvez alguma marca de cerveja. (N. do T.)

Para amar uma coisa é preciso "estar com ela" *completamente*; vosso coração, vossa mente, todo o vosso ser deve "estar com ela", de modo que não haja "observador e coisa observada". Isso não significa identificação, que é simplesmente um *artifício*. Quando vos identificais com vossa família, isso não é amor, absolutamente. É o "prolongamento" de vós mesmo que estais amando.

É a imagem, o símbolo de "minha mulher" ou "meu marido" que amamos ou julgamos amar, e não o ser vivente. Não conheço minha mulher ou meu marido, absolutamente, e nunca conhecerei essa pessoa enquanto conhecimento significar reconhecimento. Porque o reconhecimento baseia-se na memória — memória de prazer e de dor, memória das coisas para as quais tenho vivido, pelas quais tenho sofrido agonias, das coisas que possuo e a que estou apegado. Como posso amar quando há medo, sofrimento, isolamento, a sombra do desespero? Como pode um homem ambicioso amar? E todos somos muito ambiciosos, ainda que honradamente...

Assim, para se descobrir realmente o que é o amor, devemos morrer para o passado, para todas as nossas emoções, boas e más — morrer sem esforço, assim como "morreríamos" para uma coisa venenosa, uma vez compreendida.

PERGUNTA: *A vida no Ocidente não é mais artificial do que a vida no Oriente?*

KRISHNAMURTI: Eu diria que é mais ou menos a mesma coisa, tanto lá como cá; não há muito que escolher entre uma e outra. Adquirimos idéias românticas a respeito do Oriente.

PERGUNTA: *Eu estaria inclinado a pensar que a vida lá é mais primitiva. Não existe uma virtude mais primitiva?*

KHISHNAMURTI: Uma vida primitiva não é uma vida espiritual. O primitivo tem tanto medo como o chamado civilizado, e a diferença é só que seus temores são mais rudimentares, mais superficiais. Mas, em certo sentido, é necessário que o indivíduo "sofisticado", eminentemente culto, muito sabedor, se torne primitivo. Precisa tornar-se novo, "inocente", morrer para todo o saber que acumulou. E esse primitivismo tanto pode ser encontrado no Ocidente como no Oriente. Esta divisão entre Oriente e Ocidente é infantil em extre-

mo; independentemente da divisão geográfica natural, ela é completamente artificial. Lá, os homens sofrem tanto quanto aqui, e são também tão materialistas como os de cá, com a só diferença de inventarem tantas palavras a respeito de Deus, da Sabedoria, e serem capazes de executar certas "habilidades" mentais.

PERGUNTA: *Pode-se alcançar o estado de que falais sem antes treinar a mente?*

KRISHNAMURTI: Senhor, depois de terdes treinado a vossa mente, deveis morrer para a mente treinada. Esta é uma de nossas idéias peculiares: que devemos submeter-nos a um determinado treinamento ou disciplina, a fim de "alcançarmos" a liberdade. Eu não empreguei a palavra "alcançar". Disse, apenas, que deveis morrer para as coisas que experimentais todos os dias; que deveis apenas observar vossas angústias, vossos apegos. Isso, por certo, não requer treino nenhum.

O apego, evidentemente, não é amor. Tendes apego a vossa esposa ou a vosso marido. Porquê? Em primeiro lugar, porque vos sentis só e encontrais prazer na companhia de outrem; isso vos dá alegria, conforto, sentimento de segurança, etc. Porque lhe tendes apego, dizeis que amais a pessoa; e se a pessoa se vira para outro, sentis ciúme, inveja, sofreis. O amor causa sofrimento?

Assim, para estarmos conscientes de nosso apego e para ele morrermos, precisamos de treino? Dizeis que sim, porque não desejais abandonar vosso apego e pensais que podeis libertar-vos dele gradualmente.

Respondi à vossa pergunta, senhor?

OUVINTE: *Não inteiramente. Não percebo como possa uma pessoa, sem preparo e treino prévio, compreender vossas respostas.*

KRISHNAMURTI: Todos aqui são pessoas instruídas, todos falam inglês. Que há de tão incompreensível no que estou dizendo? Eu digo que apego não é amor; e que, para poderdes descobrir o que é o amor, deveis morrer para o apego. Isso requer treino? Precisais cursar um sistema de disciplina para morrerdes para o apego? Psicologicamente, o descobrir *porque* credes em certas coisas e, depois desse descobrimento, *olhar* para essa crença, morrer para ela — isso re-

quer treino? Precisais submeter-vos a várias formas de treino para descobrirdes o que é o amor?

APARTE: *É preciso examinar tudo de perto, com muita atenção.*

KRISHNAMURTI: E isso significa que deveis seguir um sistema? Quer-me parecer que a maioria de nós é um tanto indolente; não desejamos de fato olhar imediatamente, e por isso dizemos que "leva tempo".

APARTE: *Não parecemos capazes de aplicar o que dizeis; falta-nos a necessária energia.*

KRISHNAMURTI: Temos exuberante energia quando se trata das coisas que realmente desejamos fazer. Tivestes de aplicar muita energia para virdes até aqui. Necessita-se de muita energia para crer, para ser ciumento, invejoso, ambicioso. O homem ambicioso, bem sabeis quanto é enérgico esse homem. Mas, dizemos que nos falta a necessária energia para nos livrarmos da ambição. Porquê? É muito simples a resposta; basta olharmos a nós mesmos, examinarmos nossa mente e nosso coração.

PERGUNTA: *Tende-nos descrito um "nada", um estado de vazio. Podeis dizer-nos algo sobre a grande verdade que poderia preencher esse vazio?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, esse "estado negativo" não é nenhuma coisa misteriosa. É negação — sem motivo — de tudo, de toda a estrutura psicológica da sociedade. Se negais, sem ambição, sem *motivo*, fica-vos um vazio, não? Se já não sois ambicioso, já não sois impelido pelo desejo de fama, de êxito, se já não fugis do medo — se morrestes para tudo isso, há então, como eu disse, um vazio, um estado negativo. E o interrogante indaga qual é a grande verdade que preencherá esse vazio.

Ora, estamos apenas permutando palavras, falando teoricamente, ou — livre de qualquer influência, qualquer compulsão — vos libertastes completamente da estrutura psicológica da sociedade? Podeis ter abandonado uma dada ambição e continuar a nutrir outra ambição; podeis ter-vos libertado parcialmente do medo, e continuar apegado a certas crenças. Mas, quando estais completamente livre da

estrutura psicológica da sociedade, há então vazio; não há ontem nem hoje, e não há observador a observar. Se não alcançastes este ponto, então, qualquer comunicação verbal relativa ao que se acha *além* é puramente teórica, sem valor; porque a palavra não é a coisa. Assim, se não o levais a mal, não iremos discorrer sobre o que se encontra além daquele estado de vazio. A discussão se torna, nesse caso, mero entretenimento especulativo.

APARTE: *Nada dissestes sobre a iminente destruição do mundo pela bomba de hidrogênio.*

KRISHNAMURTI: Acho que os acontecimentos históricos devem seguir o seu curso. Se, no ínterim, nos vemos constantemente ameaçados de ser destruídos ou "vaporizados" numa explosão, que podemos fazer? Quereis dizer que podemos impedir que os políticos continuem a cultivar esse maravilhoso cogumelo?* Vede os interesses aí envolvidos; considerai os interesses de ordem particular e governamental, nesta questão. O Exército, a Marinha, a Força Aérea, os capitães, os generais — todos estão interessados na bomba de hidrogênio. Esse interesse não pode ser dissolvido da noite para o dia. Eles resistirão a toda tentativa que se faça para pôr "fora da lei" a bomba de hidrogênio, exatamente como qualquer de nós resistiria se fossem atacados os nossos meios de explorar os semelhantes. Mas nós — não o mundo, nem um outro qualquer, porém vós e eu — podemos morrer psicologicamente para nossa avidez e inveja, nosso ódio e nacionalismo. Para tudo isso podemos morrer imediatamente, sem precisarmos esperar que a bomba de hidrogênio venha destruir-nos.

PERGUNTA: *Não seria preferível empregar as expressões "serenidade psicológica", "tranqüilidade", em vez de "morte psicológica"?*

KRISHNAMURTI: Se as palavras "serenidade" e "tranqüilidade" significam "fim psicológico" ou morte, então elas servem perfeitamente. Como vedes, é fácil substituir um conjunto de palavras por outro, mas permanece o fato de que psicologicamente não morremos. Se há Deus, a Verdade, ou o nome que quiserdes, isso só pode ser desco-

---

* Refere-se aos vapores, em forma de cogumelo, que se formam após a explosão atômica. (N. do T.)

berto quando estamos livres do "conhecido". Morrer para o "conhecido" é uma coisa extraordinária — sendo o conhecido vossa experiência de ontem, as coisas a que estais apegado e que conservais zelosamente na lembrança. Quando emprego a palavra "morrer", isso não significa "ficar tranqüilo" a respeito do "conhecido". "Morrer para o conhecido" significa *pôr fim ao conhecido*. Esse morrer traz tranqüilidade; mas a tranqüilidade é coisa secundária, porquanto dessa morte maravilhosa nasce uma "inocência", que é, em si, tranqüilidade da mente. A mente "inocente" é mente tranqüila; e só a mente tranqüila pode descobrir o que existe nessa tranqüilidade.

12 de junho de 1962.

A MEDITAÇÃO E O INCONSCIENTE

(LONDRES — V)

Nesta tarde desejo falar sobre algo que para a maioria de nós será um pouco estranho, um pouco fora do cotidiano; mas acho importante compreendê-lo. Vou falar a respeito da meditação. Esta palavra tem vários significados. Supõe-se que no Oriente a meditação é muito praticada; mas eu duvido disso. As pessoas realmente sérias meditam. E, no Ocidente, se sois religioso, praticais presumivelmente a chamada contemplação, ou ofereceis ocasionalmente uma prece, quando vos encontrais em dificuldades. Mas a meditação, para mim, é coisa bem diferente.

Como sabeis, estive falando sobre o medo, o sofrimento, o tempo, a morte, e as coisas que temos de enfrentar todos os dias. Há a rotina cotidiana do emprego, com o tédio que acarreta, e o esforço constante que fazemos para mantermos um certo padrão de vida externo; e, interiormente, também, procuramos manter um certo grau de dignidade e liberdade, seguindo um determinado rumo, do qual raramente nos desviamos. Essas coisas não são fantásticas, místicas, pois fazem parte de nossa própria existência e temos de enfrentá-las no decurso de nosso viver diário.

Ora, sem se lançarem as bases adequadas, não é possível meditar. A base essencial da meditação é o autoconhecimento — o conhecer a si mesmo. Se não nos conhecemos, toda meditação, toda contemplação, todas as preces, por mais proveitosas e aparentemente benéficas que sejam, conduzem inevitavelmente a várias formas de ilusão. A menos que a pessoa comece por estar cônscia de si própria, tanto da parte consciente como da inconsciente; a menos que perceba seus próprios motivos, conflitos, angústias, seu sentimento de culpa, suas ansiedades e desesperos, qualquer forma de meditação, contemplação ou oração, só pode levar à auto-hipnose. Pode-se

ter visões, porém estas são apenas a "projeção" do próprio condicionamento. O cristão verá Cristo e o hinduísta seu deus especial. Os que têm essas experiências ficam muito entusiasmados a respeito delas. Mas o que experimentam, o que vêem em suas "visões", é, em verdade, reação de seu *fundo,* sua educação, seu meio cultural; e, para meditar corretamente, a pessoa precisa estar livre desse condicionamento. Do contrário, a meditação é a mesma coisa que um círculo vicioso: o condicionamento projeta as visões, e estas, a seu turno, fortalecem o condicionamento.

Assim, não só para meditar, mas também para viver plenamente — que é livrar-se da carga da ansiedade, da incessante batalha da esperança e do desespero — é essencial a pessoa conhecer a si própria, e esse autoconhecimento requer especial atenção — uma atenção em que se observa sem avaliar. Isso é, vê-se o que se está passando realmente, sem condená-lo ou julgá-lo. Vedes-vos, por assim dizer, a um espelho, *sem* pensamento — se posso usar esta palavra, que mais adiante explicarei.

Sabemos o que é uma flor, no sentido botânico; sabemos-lhe o nome, a espécie, etc., mas raramente olhamos uma flor não botanicamente. A maioria de nós não tem interesse, nem paciência, nem capacidade para olhar e escutar, com o espírito livre das aflições e tormentos do passado, sem "projetar" as coisas que experimentou e que corrompem a percepção. Para nos conhecermos, precisamos de atenção sem escolha; devemos ser capazes de olhar e escutar sem interpretação.

Como este exame vai ser um tanto difícil, deixai-me sugerir-vos que fiqueis simplesmente escutando, sem fazerdes esforço para compreender — não como quem está sendo hipnotizado por mim, mas *escutando,* simplesmente, assim como quem escuta o canto de uma ave, ou como quem vê uma folha agitada pelo vento, uma nuvem que passa, toda luminosa e radiante. *Escutai,* simplesmente, não procureis captar com a razão o significado do que estou dizendo. Mas isso não significa que não devamos fazer uso da razão. Sem o raciocínio não poderemos ir muito longe — e nesta tarde eu tenciono, se possível, ir bem longe. Mas, para irmos longe, precisamos começar com o que está perto; e o que está mais perto de vós sois *vós mesmo.* Se não vos compreenderdes, não parcialmente, porém totalmente, podereis falar a respeito de Deus, citar a Bíblia ou outro qualquer livro sagrado, mas não sereis, de modo nenhum, uma pessoa religiosa; sereis simplesmente um escravo da propaganda do meio cultural ou sociedade em que viveis.

O necessário é esse extraordinário estado de atenção, no qual olhais e *escutais*, sem decisão, sem motivo, sem finalidade — e isso é, realmente, atenção sem escolha. E o conhecer-vos não é um processo de adição. É verdes a vós mesmo como sois: colérico, ciumento, lúbrico, invejoso — é observar simplesmente o fato; e essa observação sem análise revela todo o conteúdo do fato, e não tendes de fazer nenhum esforço para descobri-lo. No momento em que fazeis esforço para analisar, para compreender, estais desfigurando a realidade; estais pondo em função o vosso condicionamento, como analista, como cristão, como *isto* ou *aquilo*.

Como disse, o conhecer a si próprio não é processo de adição ou acumulação. No momento em que acumulais conhecimentos a vosso respeito, eles dificultam a percepção. Quando vos olhais através de uma cortina de conhecimentos que acumulastes acerca de vós mesmo, há desfiguração daquilo que vedes.

Espero esteja claro isso, pois este ponto é muito importante. A maioria de nós acumula; acumulamos virtudes, riquezas, desejos, experiências, idéias, e, com essa carga acumulada, temos novas experiências. Desse modo, tudo o que experimentamos fica condicionado pelo conhecimento ou experiência anteriormente adquirida. Toda experiência já foi provada, conhecida; por conseguinte não há nada novo.

Outro dia estive falando sobre a morte. Precisais morrer para todo o conhecimento que tendes acerca de vós, porque o "eu" jamais é estático, está sempre variando, não só física, mas também psicologicamente. Não sois o que ontem fostes, embora o desejásseis ser; operou-se uma mudança, da qual podeis não estar ciente.

Para conhecer-vos — e deveis conhecer-vos completamente, de ponta a ponta — o processo de acumular conhecimento sobre vós mesmo deve terminar; e esse término só pode verificar-se quando deixardes de julgar, de avaliar, de condenar, de justificar. Isso parece muito simples, mas para a maioria de nós não é, porque fomos exercitados para condenar, julgar, avaliar, comparar, justificar. Tal é nosso condicionamento. E o ver as coisas claramente como são, sem a desfiguração causada por nosso condicionamento, não é questão de tempo; é uma questão de imediata necessidade. É óbvio que não podeis ver o que o fato realmente é, se para vosso exame trazeis todas as vossas lembranças e opiniões. Se isto está claro, não apenas verbal ou intelectualmente, porém realmente, poderemos continuar com uma investigação do inconsciente.

O inconsciente tem um papel muito importante em nossa vida. A maioria de nós não conhece o inconsciente, a não ser através de sonhos, através de ocasionais sugestões ou mensagens relativas a coisas que estão ocultas. Eu acho que não é absolutamente necessário sonhar; isso é um desperdício de energia. Se estais desperto, cônscio, sem escolha, momento por momento, e portanto sem acrescentar nada ao que antes conhecestes; se observardes tudo o que vos cerca, bem como todo movimento de pensamento, descobrireis, então, que o sonhar cessa completamente — embora os psicólogos insistam em que não se pode evitar o sonhar, conquanto nem sempre nos lembremos de nossos sonhos. Isto não é questão para controvérsia ou argumentação. Vós mesmo podeis experimentá-lo. Se não estais semi-adormecido durante o dia, porém completamente desperto, observando tudo o que se passa ao redor e dentro de vós — cada movimento de pensamento, cada sentimento, cada reação — descobrireis, então, que quando dormis não sonhais.

O inconsciente, que está oculto e que tão pouco conhecemos, pode ser alcançado negativamente. É o que tento fazer-vos ver, quando digo que não há necessidade de sonhar.

Não sei até onde examinastes diretamente esta questão. Provavelmente achais ser muito enfadonho falar a respeito do inconsciente; muito "junguiano" ou "freudiano",* etc. Mas vós deveis conhecer o inconsciente, porque é o inconsciente que orienta a maior parte de nossa vida, que molda os nossos pensamentos, nossos sentimentos, e produz várias espécies de conflito. Se não conheceis o inconsciente, podeis falar sobre Deus, a oração, a guerra, a paz, a bomba atômica, mas o que disserdes pouco significará.

No inconsciente estão enraizadas não só as reações comuns do indivíduo, mas também as reações coletivas da raça a que pertence, no meio cultural em que foi criado — não apenas o meio cultural imediato, destes poucos anos, mas a tremenda acumulação de experiência humana no decurso das idades. Tudo isso lá está, no inconsciente. Descobrir todo o inconsciente por meio de análise, de investigação gradual, é absolutamente impossível; porque, se cometemos um erro em algum ponto do processo de análise, como é inevitável, o resto da análise ficará também errado. Se perceberdes a futilidade dessa análise, se perceberdes que com ela não se pode penetrar muito

* Relativo a Carl Jung e S. Freud. (N. do T.)

no inconsciente, e muito menos transcendê-lo, tereis então de abeirar-vos do inconsciente de maneira negativa — quer dizer, *totalmente*. Já explico o que quero dizer.

Espero não vos seja demasiado difícil o que estou dizendo. Não estou agora tomando uma atitude condescendente, ou professoral, ou superior — nada disso. Mas é provável que a maioria de vós nunca tenha pensado nesta matéria; e, para seguirdes logicamente, sãmente, o que se está dizendo sem ficardes confusos ou perturbados, tendes de escutar. Talvez não compreendais uma boa parte do que estamos dizendo, mas se a semente cair em terreno já amanhado pelo correto escutar, *compreendereis*. Se nossa maneira de observar ou escutar é negativa, não há, então, separação entre o pensador e o pensamento. Mas, para a maioria de nós existe uma separação, um conflito entre o pensador e o pensamento, entre o observador e a coisa observada, entre a parte da mente que diz "devo" e a outra parte que diz "não devo". Um desejo nos solicita numa direção, e outro desejo na direção oposta. Todos conhecemos essa dualidade "censor e pensamento" — o censor sempre a observar, a julgar, a avaliar o pensamento.

Ora, existe de fato separação entre o observador e a coisa observada, entre o pensador e o pensamento? Pensamos que sim; mas existe mesmo? É muito importante averiguá-lo; porque, se não há censor, pensador, centro de onde procede o julgamento, a avaliação, — o conflito cessa então completamente.

Certo, só existe pensamento — pensamento como reação mecânica da memória acumulada. Esse pensamento criou o pensador, a entidade permanente, "eu" — a que chama, então, "ego", "alma", "eu superior"; mas isso ainda é um resultado do pensamento, porque pode ser condicionado para pensar tudo o que a sociedade exigir que pense. Os comunistas não crêem em Deus, mas vós credes, porque fostes educados nesta crença. É só questão de propaganda. Para se compreender inteiramente esse processo, a totalidade do inconsciente, cumpre observá-la negativamente — pois esta é a única maneira de observá-la, porquanto toda observação positiva do inconsciente produz divisão entre o observador e a coisa observada.

Não sei se já notastes que no momento em que se vê algo sem o pensamento, não há observador: só há observação. Quando olhais para uma nuvem, sem vossas lembranças acumuladas relativas às nuvens, estais observando. Da mesma maneira temos de observar o inconsciente e quando observais assim, negativamente, *existe* in-

consciente? Não apagastes completamente o inconsciente com todo o seu conteúdo? Há, pois, um percebimento imediato da totalidade da consciência. Mas não podereis ver a totalidade da consciência enquanto estiverdes observando através de vosso condicionamento, através da experiência acumulada no passado.

Ao chegardes a esse ponto — e *deveis* chegar — tereis lançado as bases da meditação; porque tereis então eliminado completamente o sofrimento. Isso não significa que não haverá mais compaixão. Mas tereis eliminado o sofrimento, que embota e insensibiliza a mente — sofrimento que significa autopiedade, "preocupação consigo mesmo", que nenhuma relação tem com a verdadeira compaixão.

Agora, que é meditação? Há quem diga que na meditação é preciso controlar o pensamento. Que implica esse controle? Implica contradição, que é uma forma de conflito. A pessoa procura concentrar-se numa coisa e outros pensamentos se insinuam, os quais ela tem de repelir continuamente; torna-se, assim, a concentração, gradualmente, um processo de exclusão. É coisa semelhante ao caso do aluno que deseja olhar pela janela, mas o professor lhe manda olhar para o livro; o esforço de "olhar para o livro" chama-se concentração. Mas tal concentração é exclusão.

Penso haver um estado de atenção em que a concentração não é exclusão. Quando a mente se concentra por meio de disciplina, de controle, de repressão, de várias formas de punição e recompensa, essa concentração divide a mente contra si própria, e produz conflito. Na atenção não há conflito. Só se pode compreender a atenção quando se percebe a significação do tentar concentrar-se por meio de controle; e isso significa que cessa o esforço para se concentrar. Enquanto fizerdes esforço para vos concentrardes, haverá contradição, conflito e, por conseguinte, não haverá atenção; e vós precisais da atenção.

A meditação não é prece; a prece implica súplica, rogo, e isso é extremamente infantil. Vós só rezais quando vos vedes em dificuldades. Um homem feliz não reza. Só reza o homem que sofre, o homem que deseja algo ou tem medo de perder algo. E a contemplação, conforme praticada pelos ocidentais, essa também não é meditação.

Notai, por favor, que empreguei a palavra "ocidentais" apenas como meio de comunicação. Para mim não há divisão entre Oriente e Ocidente. Tal divisão é absurdamente nacionalista, perniciosa.

O que, em geral, se chama contemplação subentende um centro de onde *contemplar*; significa pôr-se num estado adequado para *receber, aceitar*; e isso, mais uma vez, não é meditação.

Para lançar as bases da meditação, a pessoa tem de compreender tudo isso, para que não haja medo, nem aflição, nem *motivo*, nem esforço de espécie alguma. Mas se deixais de forcejar porque alguém vos diz que não o deveis fazer, nesse caso estais tentando "produzir" aquele estado em que não há esforço — e esse estado não pode ser produzido; tendes de compreender toda a estrutura do esforço, porque só então tereis lançado as bases da meditação. Essa base não é fragmentária, não é uma coisa que se constrói gradualmente, com o pensamento, com o desejo de êxito, de realização, ou com a esperança de experimentar algo mais amplo, superior. Tudo isso tem de cessar. E, lançada essa base, o cérebro se torna então completamente quieto. Já não está reagindo a qualquer espécie de influência ou sugestão; já cessou de ter visões; já não está enredado no passado ou por ele condicionado. Esse estado de quietude é absolutamente essencial. O cérebro é o resultado de séculos de tempo. É o resultado biológico, zoológico, da influência, da cultura, de toda a estrutura psicológica da sociedade. E é só quando o cérebro está quieto, completamente imóvel, porém vivo, e não amortecido pela disciplina, pelo controle, pela repressão — é só então que a mente pode começar a operar. Mas essa absoluta quietude do cérebro não é um estado que se pode "produzir". Ela nasce, natural e facilmente, uma vez lançada a base, quando já não existe a divisão "pensador-pensamento".

Tudo isso constitui parte da meditação; a meditação não se encontra no fim. "Lançar a base" é ficar livre do medo, da aflição, do esforço, da inveja, da avidez, da ambição — livre de toda a estrutura psicológica da sociedade. Quando, graças ao autoconhecimento, o cérebro já não é uma máquina acumuladora, ele está quieto, tranqüilo, silencioso. Deveis alcançar esse estado de silêncio, porque, do contrário, não sereis realmente uma pessoa religiosa. Estareis apenas brincando com coisas que nada significam. Podeis intitular-vos cristão, hinduísta, budista, o que quer que seja, mas estas palavras são mero resultado de propaganda e nenhum valor têm para o homem verdadeiramente religioso. Mas, quando há aquele estado de silêncio, torna-se então existente aquela inefável imensidade. Não há mais aceitação nem rejeição; não há entidade que experimenta a imensidade. Não há experimentador, e esta é a parte mais maravilhosa da coisa. Só há aquele movimento imenso, atemporal; e se chegardes

até aí, vereis que existe criação. Talvez desejeis fazer algumas perguntas.

PERGUNTA: *Qual a finalidade da vida do homem neste planeta?*

KRISHNAMURTI: Não sei porque queremos uma finalidade. O viver, em si, não é a finalidade? Mas nossa vida é tão desprezível, tão mesquinha, tão feia, tão medíocre. Ela é um campo de batalha, e por isso desejamos uma finalidade superior, algo a que possamos dedicá-la: um ideal, uma utopia, um céu maravilhoso. Se conseguísseis libertar-vos de toda essa agitação, eu gostaria de saber se ainda perguntaríeis qual é a finalidade da vida. Acho que não o perguntaríeis, porque, então viveríeis uma vida de plenitude, de riqueza, e não uma vida de sofrimento, angústia e confusão. É por nos vermos confusos que desejamos claridade, mas não descobrimos um meio de nos libertarmos da confusão. Desejamos algo *além* e, assim, nos vemos de novo empenhados na batalha dualista do que é e do que *deveria ser.*

Eu diria que a vida é sem finalidade, mas isso não significa que devais aceitar a vida ignóbil que agora estais vivendo. Pelo contrário, deveis romper através dela, destruir completamente a estrutura psicológica da sociedade. Descobrireis então, por vós mesmo, que coisa extraordinária é a vida.

PERGUNTA: *Dissestes que o pensador e o pensamento são uma só unidade. Poderíeis explicá-lo melhor?*

KRISHNAMURTI: Que é pensamento? Pensamento é reação da memória. Pergunto-vos onde morais, e vossa reação é imediata, porque se trata de algo com que estais bem familiarizado. O processo de pensar é instantâneo, como o funcionamento de um computador, do cérebro eletrônico. Mas, se se faz uma pergunta mais difícil, há um intervalo de tempo, uma demora, entre a pergunta e a resposta, entre o "desafio" e a "reação". Nesse intervalo de tempo, o pensamento está funcionando; a memória começa a pesquisar, a buscar em si mesma a resposta. E, passado algum tempo, vem a resposta. Se vos fazem então uma pergunta ainda mais difícil, dizeis "Não sei". Mas, quando dizeis isso, desejais saber, esperais achar a resposta e, assim, ides consultar uma enciclopédia ou alguém. O "não sei" é apenas temporário.

Mas há um "não sei", um estado de não saber, de significado completamente diferente. Até agora existiram sempre o pensador e o pensamento. Dizeis "não sei", mas em verdade estais esperando saber. Quando, afinal, sabeis, o que viestes a saber será acrescentado aos conhecimentos que já acumulastes, e estareis apto a responder prontamente, na próxima vez que vos fizerem a mesma pergunta. Assim vosso "não sei" é, realmente, um processo de acumulação.

Ora, há um "não sei" que é completamente diferente, no qual não há pensador nem acumulação de pensamento. Trata-se de um fato: *não sabeis*. E para a maioria de nós esse estado de não saber é um tanto assustador. Realmente, nunca dizemos "Não sei"; há sempre essa vaidade de saber, o sentimento de "superior e inferior", etc. Mas quando dizemos "Não sei", sem nenhuma tendência para desejar ou esperar saber, não há então pensador nem pensamento. Esse é um estado de completa negação. Nesse estado de negação pode-se olhar negativamente o inconsciente, o total conteúdo da consciência. Não há então condicionamento, nem conflito entre o pensador e o pensamento; por conseguinte, a mente está fresca, jovem, nova, *viva*.

PERGUNTA: *Quando se chega a perceber que a mera verbalização é estática, que caminho seguir daí por diante?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, estais na suposição de que podeis libertar-vos da verbalização. É possível percebermos a limitação da palavra, e dela nos livrarmos? Toda verbalização é processo de pensar. Pode-se pensar sem a palavra, sem símbolo, sem imagem? E como pode findar a palavra? Em geral, somos escravos das palavras. Sois inglês, e esta palavra tem para vós enorme significação. Quando dizeis que credes em Deus, sois um crente da palavra e não de Deus. Nada sabeis a respeito de Deus, e como podeis crer em algo que não conheceis? Mas isso não significa ser ateu, que é igualmente absurdo.

A maioria de nós nos sentimos sós, e sabemos o que esta palavra significa. Sabemos — ou pelo menos pensamos saber — o que é esse estado de solidão. Nós o reconhecemos por meio da palavra? E se não existisse a palavra, quando tivéssemos um certo sentimento poderíamos reconhecê-lo como "solidão"? Em geral, somos tão escravos das palavras que não temos capacidade de olhar o fato.

Há um estado de solidão; e podeis *olhar* esse estado *sem* a palavra? Considerai uma coisa mais familiar: Podeis olhar para o fato

que é vossa cólera, vosso ciúme, sem a palavra, sem o símbolo? A palavra tem "associações", "memórias", por meio da palavra dá-se o reconhecimento, etc. Para olhar o fato é preciso estar-se livre da palavra. E, quando olhamos o fato sem a palavra, o fato é então o que pensávamos que era?

Senhor, o "dar nome", o verbalizar, é um processo muito complexo. Quando compreendeis que a palavra não é a coisa, estais então em contato com a coisa, não por meio da palavra, mas direta e vitalmente. E que acontece então?

Considerai o ciúme. Ao perceberdes que estais experimentando um certo sentimento, vós o reconheceis por meio da palavra "ciúme". Já tivestes antes esse sentimento, e a memória do sentimento que denominastes ciúme emerge todas as vezes que o sentimento volta, e dizeis, então: "Estou com ciúme". Por conseguinte, nunca olhais o fato, porém apenas reconheceis o que pensais ser o fato.

Ora, que acontece quando olhais o sentimento sem a palavra "ciúme"?

Enquanto passardes pelo processo de reconhecimento, que é olhar para a coisa nova traduzindo-a nos termos do que antes existiu, é inevitável o conflito; por conseguinte, não há renovação, não há nada novo. Isso é um fato psicológico. Se penetrardes fundo em vós mesmo, vereis tudo isso num clarão; não precisais escutar a mim ou a outro qualquer. Ao lançardes fora a carga das palavras, ao vos libertardes de toda essa estrutura de símbolos, idéias, para olhardes diretamente a coisa em si, encontrareis rejuvenescimento, frescor; algo totalmente novo acontece.

Mas vede quanto é difícil a um cristão abandonar o símbolo da Cruz, ou a vós abandonar a palavra "inglês". E deveis abandonar o símbolo, deveis libertar-vos da palavra. Deveis libertar-vos da palavra "Deus", a fim de descobrirdes o que realmente *é*.

PERGUNTA: *Pode-se perceber interiormente a verdade do que estais dizendo, mas nós temos de viver no mundo exterior, e a grande dificuldade é a aplicação dessas coisas.*

KRISHNAMURTI: Não *há* explicação, porquanto não há contradição; o mundo exterior e o mundo interior não são duas coisas separadas. O mundo exterior é mecânico, e a ele devemos aplicar o pro-

cesso mecânico do pensamento. O "dar nome", que implica todo o processo de acumulação de conhecimento, é realmente pernicioso. Isso não significa que não devais ter o conhecimento mecânico — porque, do contrário, não saberíeis aonde ir, daqui a um minuto. O conhecimento ou a experiência se torna prejudicial quando só há reconhecimento nessa base. Só quando cessa o processo de reconhecimento, há observação; e dessa observação resulta um movimento vital.

PERGUNTA: *Como prolongar a tranqüilidade da mente?*

KRISHNAMURTI: Oh, quer-me parecer que entendestes tudo erradamente! Gostais do estado de tranqüilidade, e por isso desejais que continue. Mas o que continua não é a tranqüilidade, porém vossa lembrança da coisa que *foi*. A tranqüilidade, ou silêncio, não tem continuidade. Se alguma vez alcançardes esse silêncio — mas não o alcançareis se não lançardes a base correta — nunca mais fareis essa pergunta. *Nunca mais*. Naquele silêncio não há tempo, não há continuidade, não há idéia de perpetuar algo já experimentado. O amor não tem continuidade, não é assim? Se tem continuidade, já não é amor. Não percebeis a beleza disso, infelizmente!

PERGUNTA: *Dissestes que a vida é ignóbil. É bom supor que a vida é desprezível?*

KRISHNAMURTI: Eu não suponho isso. Não o tenho como coisa "admissível". *Vejo-o*. Vejo sofrimento, medo, ansiedade, culpa; *vejo* os insultos, as tabernas, o beber, o fumar — mas não quero dizer que essas coisas são "certas" ou "erradas". Vejo a rotina da vida, ir para o emprego todos os dias, um tédio imenso. Se não o quiserdes chamar desprezível, dai-lhe outro nome; mas o fato é *este*. Empreguei a palavra "ignóbil" apenas para descrever o que está ocorrendo. E não devemos nós, como pessoas inteligentes, libertar-nos de tudo isso? Já tentastes "morrer" para o hábito de fumar? Não digo "lutar contra ele" com a razão, procurar-lhe um substituto, passar pelo tormento de resistir a algo que vos dá prazer, porém, simplesmente "deixá-lo cair".

PERGUNTA: *Depois de nos "esvaziarmos" do "eu", que há para preencher a mente?*

KRISHNAMURTI: Como posso responder-vos? Primeiro, tratai de "esvaziar" a mente e, depois descobrireis o que há. Não só *vós*, pes-

soalmente, senhor: *todos nós*. Esta é uma questão de interesse geral. Tememos o vazio e desejamos preenchê-lo. Temos medo de nossa esgotante solidão, e procuramos fugir dela. É o fugir que gera o medo; mas o fugir nos põe ativos e, por isso, quando fugimos, pensamos que estamos sendo muito *positivos*. Quando tiverdes compreendido essa solidão, depois de atravessá-la e ultrapassá-la, descobrireis por vós mesmo o que *há* quando o "eu" já não existe. Mas, como em tudo mais, senhor, deveis começar pelo *vazio*. A taça só é útil quando vazia. Mas, para compreender esse vazio, é preciso atravessá-lo num clarão, por assim dizer, e lançar a base correta. Então, vós *sabereis*; nunca mais perguntareis o que *há* além daquele vazio.

OUVINTE: *Então, por certo, o significado da vida é este: A taça deve ser útil.*

KRISHNAMURTI: A taça só pode ser útil quando vazia. Podeis então enchê-la com o de que gostais. Mas, se vossa taça já está cheia — cheia de sofrimento, aflição, conflito — que utilidade tem ela? Senhor, que utilidade tem nossa vida, tal como é: competição, guerras, conflitos internacionais, divisão entre Oriente e Ocidente, entre esta e aquela religião? Que *utilidade* tem isso?

INTERPELANTE: *Não me entendestes bem. Dizendo que "a taça deve ser útil", eu quis dizer que a finalidade da vida é cumprir a vontade de Deus.*

KRISHNAMURTI: Todo político, todo negociante, todo general preparador de guerras, fala sobre "a vontade de Deus". O comunista também fala da "vontade de Deus", mas no seu caso se trata da "vontade do Estado", etc., etc.. Que é "a vontade de Deus"? Só podereis averiguar isso quando estiverdes vazio, quando já não estiverdes buscando, já não estiverdes pedindo, quando já não pertencerdes a nenhum grupo separado, quando já não tiverdes medo, quando vos achardes num estado de completa incerteza — que não significa demência. Nesse estado, o pensamento já não busca um pouso seguro. Então, talvez, aquilo que se pode chamar "Deus" — ou outro nome qualquer — começará a atuar.

14 de junho de 1962.

A PERGUNTA CORRETA

(LONDRES — VI)

Fazer a pergunta correta não é fácil; mas justamente quando fazeis uma pergunta correta e sabeis considerá-la devidamente, já tendes a resposta. A dificuldade geral é que não sabemos claramente o que desejamos perguntar. Estamos confusos e, tateando no meio de nossa confusão, fazemos uma ou duas perguntas, na esperança de nos esclarecermos. Mas eu não creio que a mente confusa possa encontrar a claridade. Estando confusa, não pode achar a luz, não pode achar a compreensão; mas o que ela pode fazer é averiguar *por que* está confusa, qual a origem de sua confusão, e examiná-la devidamente. Devemos começar com a confusão, e *não* com o *desejo* de encontrar compreensão ou clareza. Como pode uma mente confusa encontrar a claridade? O que encontrar será também confuso.

Parece-me, pois, que ao tentarmos encontrar a solução de um dado problema estamos evitando a compreensão do próprio problema. Se tenho um problema, minha reação instintiva é achar-lhe a solução, encontrar de qualquer maneira uma saída desse problema; e geralmente encontro uma solução que temporariamente me satisfaz. Mas o problema volta por outro caminho. Ora, se em vez de procurar solução para o problema, começo a compreendê-lo, a esclarecê-lo, então, nesse próprio processo aparece a solução. Não tenho de procurá-lo fora do problema.

Com isso em mente, prossigamos.

PERGUNTA: *Senhor, estou certo se entendo que quereis dizer que a atenção está no tempo, e o percebimento na eternidade? E que, lançando a tempo as bases da atenção, teremos vislumbres de um percebimento que é atemporal?*

KRISHNAMURTI: Deixai-me, em primeiro lugar, salientar que não estais aqui apenas para entender o que estou dizendo. Estais tratando de compreender-vos, e não de compreender o que eu vos estou dizendo. Estamos tratando de ver-nos como somos, conhecer a nós mesmos, se possível, totalmente. Estamos tratando de compreender essa entidade sobremodo complexa que é cada um de nós, com todas as suas sutis variações, conflitos, ânsias, compulsões.

Disse eu que, para nos compreendermos completamente, torna-se necessário um certo percebimento, o percebimento individual de como somos; e não podemos ter essa percepção, se condenamos ou justificamos o que vemos em nós. Ora, isso é bastante simples. Se condeno a mim próprio, não há compreensão. Não percebo o significado daquilo que vejo; condeno-o, apenas. Se condeno uma pessoa ou a comparo com outra, não a compreendo.

Assim, para compreendermos a nós mesmos — por nobres ou ignóbeis, sensíveis ou insensíveis que sejamos — requer-se percebimento. Esse percebimento implica que não deve haver justificação, nem condenação, nem comparação. Justificação, condenação e comparação estão dentro da esfera do tempo; são ditadas pelo nosso condicionamento. Olhamos as coisas como ingleses, hindus, cristãos ou comunistas. Nossa observação e nosso pensar estão condicionados pelas influências culturais e educativas de nosso ambiente, e se não estamos cônscios desse condicionamento, não podemos ver o que *é*, não podemos ver o fato. Isto, em si, é bastante simples, não achais? Não é algo que estais tentando aprender de mim. Para verdes e compreenderdes a entidade sobremodo complexa que sois, deveis olhar-vos sem esse *fundo* de condenação, justificação e comparação. E quando vos olhardes desse modo sabereis ver-vos de maneira total.

Considero importante compreender esta questão do percebimento, e não torná-la algo misterioso. Não há mistério nenhum no percebimento. Ele é infinitamente praticável e aplicável à existência diária. Se uma pessoa percebe que está comparando, julgando, avaliando, se está inteirada de seus gostos, versões, contradições, sem condenar ou procurar livrar-se delas, — se percebe tudo isso, se está crente do fato, que acontece? Que acontece se não ignoro que sou mentiroso — se percebo o fato sem condená-lo, sem dizer quanto isso é terrível, maléfico, desvirtuoso, etc? Se sabeis que realmente mentis, que acontece?

Vede, por favor, que não estais aprendendo nada de mim. Eu não quero ser vosso instrutor, não quero ser seguido. Isso é preju-

dicial, um obstáculo, destrói toda a vossa capacidade de vós mesmo o descobrirdes. Mas, se observardes, vereis que, quando estais simplesmente cônscio do fato, vós o examinais sem terdes nenhuma opinião a seu respeito. Olhais para ele como coisa nova, e não com todas as lembranças e associações ligadas ao fato.

Espero estar-me explicando com clareza.

A dificuldade é que nunca encarais a realidade diretamente, olhais apenas para os "valores" e opiniões a ela associadas, e isso vos impede de *ver* o fato.

Ora, que acontece quando *vejo* que estou mentindo, que sou ambicioso, ou invejoso, ou ávido? Quando olho para o fato, sem nenhuma opinião, nenhuma lembrança a ele relativa, já não há então nenhum obstáculo a percebê-lo. Posso olhá-lo, sem desvio nem desfiguração; e, então, esse próprio fato gera a energia de que preciso para tratar dele. Posso descobrir porque minto, e o que a esse respeito devo fazer. Compreendeis? Se não tenho nenhuma opinião, juízo ou avaliação concernente ao fato, então ele próprio gera a energia necessária para enfrentá-lo.

Tudo isso faz parte da percepção, faz parte do tempo. Por favor, não especuleis a respeito do atemporal. Para descobrirdes o que existe além do tempo, não deveis "fabricar" uma porção de palavras, e tampouco podeis aprendê-lo de minha boca. Tendes de trabalhar aplicadamente, para chegardes a esse descobrimento.

Perceber significa estar consciente de vossas reações ao vos defrontardes com um fato. Significa observar todas as vossas reações aos "desafios" — não algum desafio "supremo", mas os desafios de cada dia, os pequenos desafios ocorrentes quando viajais num ônibus, quando falais com o patrão, etc. Deveis dar-vos conta, não apenas de vossas reações conscientes, educadas, "modernas", mas também dos *motivos*, compulsões e ânsias inconscientes; porque tanto o consciente como o inconsciente estão dentro do campo do condicionamento e, por conseguinte, do tempo. O inconsciente é o passado, a herança racial acumulada, e é preciso que se perceba *tudo isso*.

Ora, para se poder estar ciente, *sem escolha*, desse processo total do inconsciente e do consciente, necessita-se de um estado mental negativo; e acho que agora já deve estar bastante claro o que eu entendo por "estado mental negativo". O estado positivo é aquele em que a mente condena, julga, avalia, aprova, nega, concorda ou

discorda, e ele resulta de vosso particular condicionamento. Mas o processo negativo não é o oposto do positivo.

Se desejais compreender o que está dizendo este orador, deveis escutar negativamente, não? "Escutar negativamente" significa não aceitar nem rejeitar o que se diz, nem compará-lo com o que está escrito na Bíblia, ou com o que diz o vosso analista. Escuta-se, simplesmente. Nesse "escutar negativo" percebeis vossas próprias reações sem julgá-las; por conseguinte, começais a compreender-vos, e não simplesmente o que o orador está dizendo. O que o orador diz é apenas um espelho em que vos mirais.

Ora, esse percebimento implica atenção, não achais? E, no estado de atenção, não há esforço de concentração. No momento em que dizeis: "Preciso concentrar-me", criastes o conflito, porque concentração envolve contradição. Desejais concentrar-vos em alguma coisa, vosso pensamento foge, procurais fazê-lo voltar, e ficais continuamente empenhado nessa batalha. E, enquanto se desenrola a batalha, não estais escutando. Se aprofundardes isso, acho que descobrireis que os dizeres do orador exprimem a verdade. Não é uma coisa aplicável a vós mesmo só porque ouviste alguém dizer algo sobre ela.

A compreensão, pois, é um estado de atenção sem escolha. E, sem esse percebimento, essa atenção, nenhum significado tem o falar acerca do que está *além*, o atemporal, etc. Isso é pura especulação. É o mesmo que ficar sentado ao pé do monte a perguntar o que há do outro lado dele. Para descobrirdes o que há, tereis de galgar o monte. Mas ninguém deseja galgar o monte, pelo menos poucos o desejam. Em geral nos satisfazemos com explicações, conceitos, idéias, símbolos. Procuramos compreender apenas verbalmente o que é atenção, o que é percebimento. Mas essa compreensão de si mesmo é tarefa verdadeiramente penosa. Não estou empregando a palavra "penosa" no sentido de conflito ou esforço para alcançar algo. É preciso estar verdadeiramente interessado em tudo isso. Se não estais interessado, muito bem, não precisais tocar nisso. Mas, se estais interessado, vereis quanto é difícil compreender a si próprio totalmente. Todos os problemas humanos originam-se desse centro extraordinariamente complexo e vivo que é o "eu", e o homem que deseja descobrir os sutis movimentos desse "eu", tem de estar negativamente cônscio, observando sem escolher. Todo esforço para ver, toda espécie de compulsão, desfigura o que se vê, e, por conseguinte, *nada vemos*.

PERGUNTA: *Que quereis dizer ao afirmardes que uma pessoa, para se libertar do sofrimento, deve destruir totalmente a memória? Perdi recentemente minha esposa. No momento de morrer, ela disse: "A morte é a centelha da vida". Como poderei esquecer isso?*

KRISHNAMURTI: Vejamos se poderemos considerar isso como *fato*, e não como assunto pessoal.

Todos temos tido mortes na família, ou temos visto a morte passar por nossa porta. Aqui, o corpo sem vida é colocado num ataúde e coberto de flores; depois transportam-no para o cemitério num coche fúnebre, com um longo acompanhamento de automóveis. No Oriente, ele é transportado nu, sob um lençol, e cremado no lugar mais adequado. E como enfrentar sem sofrimento essa coisa extraordinária que se chama a morte? Este é o primeiro ponto. Como poderemos compreendê-la, a morte? Estamos envelhecendo, e ela virá para todos nós. Como deverei enfrentá-la? Já a tenho visto, já aconteceu morrerem pessoas de minha família, mas nada sei a respeito dela. Meu filho morreu e eu o pranteio; vejo-me sozinho, torturado. Sentindo-me infeliz, procuro fugir; quero ser confortado. No desejo de consolação, a mente encontra uma saída fácil: a crença na vida após a morte, na reencarnação, na ressurreição. Tudo isso são fugas do fato, que é a morte.

A morte parece ser o fim absoluto de tudo o que tenho experimentado: todas as conversas, experiências, relações que tive, os prazeres e lembranças que tenho armazenados; e há as "derradeiras palavras", a perda do companheiro, a agonia da solidão e da separação.

Ora, tudo isso implica sofrimento. E como posso compreender a morte, enquanto vivo? Não posso compreendê-la no último momento, porque então estou fraco demais, muito doente, muito transtornado, temeroso de todo o "processo" a que chamo "morte". Devo compreender a morte enquanto tenho vitalidade, energia, a capacidade de pensar claramente. Não achais?

Que devo pensar sobre o fato que é a morte? Como abeirar-me dele? A morte é o "desconhecido". Embora muito se tenha escrito a respeito dela e muitas pessoas tenham dito que há vida futura, que têm provas e estão convencidas disso — a morte continua a ser o "desconhecido". Ora, como devo abeirar-me dela? Eu posso ter um

certo sentimento a respeito da morte, mas tal sentimento pode ser enganador. Se tenho o que se costuma chamar uma intuição da vida após a morte, como muita gente diz que tem, isso que chamo "intuição" bem pode ser o meu próprio desejo de consolo, minha ânsia de continuidade.

Temos, pois, o fato que é a morte. E como me abeiro dele? Busco uma resposta, uma explicação, ou procuro esquecê-lo, ou aferro-me à lembrança das últimas palavras pronunciadas por um amigo ao morrer, à lembrança das coisas que juntos fizemos. A morte é um desafio, e a esse desafio eu reajo com o pensamento, como memória; ou, em virtude do meu desejo de consolação, creio na reencarnação, nisto ou naquilo. Não estamos discutindo sobre se há, ou não, reencarnação. Estamos considerando o fato que é a morte, e como devemos encará-lo. A maneira como encaramos o fato é importante, e não o descobrir se há reencarnação, se há continuidade após a morte, etc.

Ao olhar a realidade que é a morte, penso a seu respeito e meu pensamento é resultado de meus temores, minhas lembranças, minhas esperanças, meus desesperos, minha solidão. Esse é o *fundo* de onde penso. Agora, ao olhar a realidade, posso morrer para esse *fundo*? Entendeis o que quero dizer? Por certo, para compreender o fato, viver com o fato, de modo que ele próprio me dê a intensidade, a vitalidade, a energia necessária para examiná-lo, eu devo morrer para esse *fundo* (*background*) de medo, esperança, desespero, lembrança. Tenho de estar cônscio do fato, sem medo, sem dizer: "Não posso esquecê-la", "Não posso esquecê-lo", "Isso seria deslealdade". — Tenho de ficar livre da fotografia, da imagem que está sobre a lareira ou na minha mente. Devo livrar-me de tudo o que tenho conhecido, para poder compreender algo que não pode ser enfrentado com o "conhecido". Não achais?

Tememos, não o desconhecido, mas perder ou abandonar o "conhecido". Se choro pela morte de meu irmão, estou realmente chorando por causa dele? Ou estou apenas interessado em minha solidão, meu vazio, minha ansiedade, por ter agora de viver sozinho neste mundo medonho, desolado? Não é *isso* o que tanto me perturba, e não o desconhecido? Este vem muito mais tarde.

Assim, posso abandonar completamente o conhecido, abandonar a lembrança agradável, a lembrança das coisas que junto fizemos — morrer, simplesmente, sem exigência alguma, sem *motivo* nenhum? Porque, se a abandono com um *motivo,* continuo na esfera do "conhecido".

Se morrerdes para o "conhecido", a imagem de vossa esposa, vosso marido, vosso filho, para as lembranças de tudo o que fizestes juntos, que vos restará? Nada, não é verdade? E é o conhecimento consciente ou inconsciente desse fato que vos faz medo. "Ficar sem nada" é um estado brutal, e a maioria de nós não deseja passar por esse estado; mas ele *é* a morte. Pouquíssimos são capazes de passar por esse estado, porque a mente tem tanto medo, está tão condicionada por seu próprio temor, por suas próprias ansiedades. Mas se chegamos até aí, encontramos o "desconhecido", um movimento fora dos limites do tempo, fora do pensamento e do padrão "conceitual" da existência. É muito difícil descrever esse estado. Mas, se a ele chegardes, passareis a viver de instante em instante, — não aceitando o momento com todas as suas ilusões, prazeres e desprazeres, mas vivendo sem conhecer o próximo momento, por conseguinte com uma extraordinária visão da imensidade.

PERGUNTA: *Por que é tão difícil viver sem a "fome de ser"?*

KRISHNAMURTI: Senhor, não faríeis esta pergunta se tivésseis escutado o que antes se disse. Estamos sempre fazendo isso. Alguém faz uma pergunta, e de tal maneira estamos absorvidos em nossos próprios problemas, que nem prestamos atenção. Se tivésseis *escutado* a pergunta relativa à morte, teríeis respondido por vós mesmo à presente pergunta: Por que é tão difícil viver sem a "fome de ser" ou "vir a ser"?

Há fome de ser, fome de publicidade ou fama, fome de tornar-se *alguém*, neste mundo ou no chamado mundo espiritual, fome de pão, fome de sexo, etc. E já tentastes alguma vez abandonar qualquer dessas "fomes"? Já tentastes alguma vez abandonar algo que vos proporciona prazer, ou que se tornou um hábito — abandoná-lo, simplesmente? Muitos fumam, dentre vós. É um hábito comum. Já tentastes abandonar esse hábito, para ele morrendo, sem esforço, sem compulsão, sem a batalha que começa quando dizemos "Eu não devo. . ."? Como enfrentais esse hábito — se o fazeis?

Eu não fumo, mas conheço muita gente que fuma e para quem isso se tornou um hábito tirânico. Se não querem abandoná-lo, está muito bem. Não há problema nenhum. Mas, se eu desejo abandonar um hábito já inveterado, que devo fazer? Posso abandoná-lo sem esforço, deixá-lo simplesmente "cair" de mim? Se recorro ao esforço para abandonar um hábito, bem sabeis o que acontece: começa uma

batalha perpétua com esse hábito. Um dia o abandono, no dia seguinte estou de novo escravizado a ele, e fico nesse jogo anos e anos.

Por conseguinte, devo primeiramente compreender a inutilidade da resistência ou do esforço para eliminar um hábito. Feito isso, que acontece? Torno-me consciente do hábito. Se fumo, observo-me quando o faço. Dou-me conta de que ponho a mão no bolso, retiro o maço de cigarros, tiro um do maço, bato-o sobre a unha do polegar ou outra superfície dura, ponho-o na boca, acendo-o, apago o fósforo, ponho-me a soltar baforadas de fumaça. Estou ciente de cada movimento, cada gesto, sem condenar ou justificar o hábito, sem dizer que é certo ou errado, sem pensar: "Que coisa horrível, preciso ficar livre disso", etc. Conscientizo-me, sem escolha, passo por passo, quando fumo. Experimentai-o da próxima vez — isto é, se desejais quebrar o hábito. E, para compreender e quebrar um hábito, ainda que superficial, podeis considerar no seu todo o imenso problema do hábito: hábito de pensamento, hábito de sentimento, hábito de imitação — e o hábito de ter "fome de ser algo", pois isso é também um hábito. Quando combatemos um hábito, damos mais vida a esse hábito; e, então, o lutar se torna outro hábito, o qual, por sua vez, nos aprisiona novamente. Conhecemos apenas a resistência, que se tornou hábito. Todo o nosso pensar é "habitual"; mas compreender um hábito é abrir a porta da compreensão de todo o mecanismo do hábito. Descobris quando o hábito é necessário, como no falar, e quando é visceralmente corruptor.

A maioria de nós funciona numa série de hábitos. Na agitação, na ansiedade, na tremenda agonia de nossa existência, buscamos conforto recorrendo àquilo que chamamos Deus, e nesse hábito "funcionamos". Temos hábitos alimentares, hábitos de pensamento, hábitos de sentimento, e dizemos: "Se não 'funciono' no hábito, que farei? Como hei de viver?" — e isso, com efeito, significa medo da incerteza. Em geral, não sabemos o que é viver num estado de incerteza sem soçobrar. Quando nos sentimos intensamente incertos, tornamonos neuróticos, sendo isso uma simples reação decorrente do desejo de estar certo. O pensamento sempre funcionou no hábito, por isso teme estar incerto, sem segurança. Viver na incerteza é um estado salutar e não um estado neurótico, mas nós não sabemos o que isso significa.

Assim, para compreenderdes o "anseio de ser" ou de "vir a ser", deveis interessar-vos no inteiro processo do hábito, e compreendê-lo.

PERGUNTA: *À medida que envelhecemos, a mente parece solidificar-se em camadas. Esse processo é natural e inevitável?*

KRISHNAMURTI: Fisicamente, à medida que envelhecemos, vamo-nos tornando mais rígidos, menos flexíveis. Isso é um fato que se pode observar com facilidade. Naturalmente, mediante alimentação adequada, a prática de certos exercícios, etc., é possível conservar o corpo regularmente flexível; mas isso não constitui o problema integral. Como conservar-nos interiormente jovens, flexíveis, *vivos* sem nos enrijecermos mentalmente e sem funcionarmos em padrões fixos? Eis o problema real.

Como sabeis, uma das coisas mais difíceis é livrar-nos de uma idéia. Por exemplo, a idéia de Deus. As pessoas ditas religiosas estão terrivelmente "carregadas" dessa idéia. É uma idéia para a qual fostes condicionado e na qual enrijecestes. O cristão crê no Salvador, em Jesus (crucificado). Isso é o resultado de dois mil anos de propaganda. É a propaganda que vos faz crer ou não crer num só Salvador. Certas idéias foram inculcadas em cada um de nós desde a infância, e a maioria de nós continua a agir de acordo com elas. Podeis tornar-vos ateu, mas vossa mente continua dominada por alguma idéia ou crença. Há a idéia do nacionalismo, a idéia do justo e do injusto — não estamos discutindo sobre se há "justo" e "injusto", não é este o ponto que nos interessa agora. Estamos examinando a idéia, a crença, e como ela se apodera de nós. Enquanto a pessoa vive em padrões de pensamento, em modos fixos de pensar, a mente está condenada a tornar-se rígida, endurecida.

Consideremos, por exemplo, a questão das relações — relações com o marido, a esposa, o filho, a mãe, o pai, etc. Uma das coisas mais difíceis nos relacionamentos é "nunca estarmos certos desses relacionamentos". Quando tendes um marido, uma esposa, um filho, essa pessoa é *vossa*. Estabelecestes o padrão da posse, e essa posse — na qual há ciúme, ansiedade, medo — é chamada amor; ela se torna aquela coisa endurecida e respeitável, que é a moralidade social.

Como vedes, todo o nosso atuar, pensar, viver, está padronizado e, assim, naturalmente, nossa mente se solidifica; e ela também se solidifica por causa do conflito. Estar ciente de tudo isso é ter uma mente que não é rija nem flexível, porém uma coisa inteiramente diferente. Mas, para se experimentar esse estado, é preciso compreender o hábito e ficar livre dele.

A virtude não pode ser praticada. A virtude oriunda da prática constante não é virtude. Não é a humildade que pratica a humildade. Não é o amor que diz: "preciso amar". No momento em que estamos cônscios de ser virtuosos, está destruída a virtude. A virtude vem sem disciplina, sem esforço, sem imitação, sem exercício, quando não há acumulação, porém tão-só um "estado de aprender".

PERGUNTA: *Não seria valioso examinar, com percebimento interior, o passado histórico?*

KRISHNAMURTI: Não sei bem o que se entende pela palavra "valioso". Ela é como a palavra "útil".

Em regra, desejamos ser úteis, sabe Deus porquê; e desejamos fazer o que é "valioso", queremos olhar para o passado de modo que ele tenha um certo valor. Afigura-se-me bastante simples informar-nos sobre o passado histórico. Podeis ler os livros de História. Mas eu não estou falando desses livros. Estou falando do passado que sois vós e sou eu. Vós e eu somos o resíduo de todos os entes humanos, quer vivam no Oriente, quer no Ocidente. O "ego" é o epítome psicológico do processo histórico. E quando examinais o "eu", ao tomardes consciência dele, que encontrais? Não encontrais Deus, não encontrais a alma, e tampouco o eterno, nada disso. O que achais é um passado insondável. Fomos condicionados para crer que somos a alma, que em nós habita Deus, ou que não há Deus nenhum e que existimos para o Estado. Foi-nos inculcado que devemos fazer o que é correto, que devemos ser úteis, que devemos ser bons, que devemos ser *isto* e não *aquilo*. Ora, por certo, para descobrirdes se há Deus, deveis destruir essa terrível respeitabilidade; tendes de despojar-vos do caráter que formastes, para serdes alguém, em conformidade com o padrão de virtude, de moralidade social — tendes de quebrá-lo completamente. Esta é a única revolução real. A crise não está no nível econômico ou social, porém no nível psicológico; é uma crise na consciência, e aí é que deve ser enfrentado o desafio. E, depois de terdes penetrado toda a estrutura psicológica da sociedade, que é o "ego"; depois de a terdes observado, compreendido e quebrado, nada mais vos resta; vede-vos só, completamente isolado.

Senhor, que relação tem a verdade, o amor ou o incognoscível, com este mundo de ciúme, inveja, prazeres passageiros, crenças, dogmas, paixão? Sinto ter usado a palavra "paixão". A paixão é uma coisa bela, uma coisa *boa*. Não me refiro à paixão da ambição, da

lascívia, etc. A paixão de que falo é algo inteiramente diferente. Mas que relação tem essa imensidade — se realmente existe — com nossa pequenez? Nenhuma, absolutamente. Mas sempre desejamos estabelecer uma relação entre o "conhecido" e o incognoscível.

Não se deve buscar a verdade. Não há buscar. Como pode uma mente pequena procurar a verdade? A mente pequena, a mente ambiciosa, invejosa, psicologicamente confusa, poderá imaginar, conceber ou formular o que é a verdade; mas o que formular será ainda mesquinho, pequeno, estreito. O importante não é buscar a verdade, porém ficar livre da pequenez, porque então deixais a janela aberta, deixais um espaço no qual aquela imensidade — se existe — poderá manifestar-se.

17 de junho de 1962.

DA TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

(LONDRES — VII)

Seria lamentável se, após estas palestras, levássemos daqui meras idéias, conceitos ou conclusões; porque, conforme tenho salientado, idéias, conceitos, conclusões não podem alterar na essência a mente humana. Embora política, econômica, social e comercialmente as coisas estejam mudando rapidamente, a rapidez dessas mudanças é mais significativa do que as próprias mudanças. O de que necessitamos é uma tremenda revolução psicológica; entretanto, aparentemente, não podemos acompanhar, psicologicamente, as céleres modificações exteriores. Individualmente, continuamos envolvidos em conflito, como já o estamos há séculos.

Para se descobrir o que é verdadeiro, devem ser postas de parte todas as conclusões, todas as formas de comparação e condenação; e isso se nos afigura dificílimo, porque somos educados, condicionados para condenar, justificar. Quando temos um problema, tentamos achar uma solução em vez de tratarmos de compreender o próprio problema; pois a solução está contida no problema, e não fora dele. Para a maioria de nós, mudança consiste apenas em troca de padrão; e se considerardes isso, vereis que troca de padrão constitui uma verdadeira transformação. Toda mudança operada na esfera do tempo é o mesmo movimento, modificado e continuado.

Ora, eu não estou falando sobre mudança de padrão, porém a respeito de uma profunda revolução psicológica — e isso significa libertar-se completamente da estrutura psicológica da sociedade. Mudança que se opera dentro do padrão social é um movimento do "conhecido" para o "conhecido", não achais? Sou *isto* e quero tornar-me *aquilo*, que é meu ideal, e, assim, luto para mudar. Mas o ideal é uma "projeção" do conhecido, e o cultivo do ideal continua a não ser mudança nenhuma.

A revolução implica, por certo, um percebimento total de toda a estrutura psicológica do "eu", consciente e inconsciente, e que se esteja totalmente livre dessa estrutura sem pensar em "tornar-se outra coisa". Quer estejamos cônscios dela, quer não, a maioria de nós estabeleceu um padrão de pensamento e atividade, um modo de vida padronizado. No esforço para operarmos uma mudança em nossa vida, aceitamos consciente ou inconscientemente um certo padrão, e pensamos ter mudado; mas, na realidade, não houve mudança nenhuma.

Como tenho salientado, se não há compreensão do inconsciente, toda "mudança" psicológica é simples ajustamento a um padrão estabelecido pelo inconsciente. E a crise atual — não apenas a crise externa, mas também a crise existente na consciência — exige uma revolução: não me refiro à revolução social ou econômica, que é muito superficial, porém à revolução no inconsciente — à completa libertação da estrutura psicológica da sociedade, total abandono da ambição, da inveja, da avidez, do desejo de poder, posição, prestígio, etc. Esta é a única revolução, porquanto, sem ela, nada de novo pode existir; sem ela, ficamos apenas acalentando idéias, conceitos e, por conseguinte, há sempre sofrimento. Só tem fim o sofrimento com essa revolução total.

A questão, pois, é: Como operar essa mudança interior, essa revolução total? Se fazemos um esforço deliberado, consciente, para modificar-nos, geramos conflito, luta; e a mudança nascida de conflito, luta, só pode produzir mais sofrimento.

Ora, é possível promover uma revolução na psique, sem esforço consciente? Tenho explicado cuidadosamente que o inconsciente é o depósito do passado. No inconsciente estão armazenadas não só as experiências do indivíduo, mas também as da raça. Ele é o repositório de toda a luta do homem no decurso das idades: sua busca de Deus, sua rejeição de Deus, sua adoração do Estado, sua identificação com a nação, com uma idéia, etc. A totalidade de tudo isso é o passado, é o *fundo* inconsciente de cada um de nós, em conformidade com o qual reagimos. Podemos tentar compreender o inconsciente por meio de exame e análise, mas isso, é óbvio, não produzirá revolução. Podeis modificar, reformar; mas vossa reforma tornará necessária nova reforma; não é revolução, não é a completa libertação do passado. Necessita-se de uma mente jovem, nova, purificada, e essa mente só pode existir quando nos libertamos psicologicamente do passado.

Mas como poderá operar-se essa revolução, sem esforço, sem se procurar fazer algo nesse sentido? Todo esforço ou luta que visa transformação envolve contradição, e a contradição acentua o conflito já existente; portanto, não há transformação. Só se pode perceber o que é novo num estado de purificação, isto é, quando o passado deixou de ter qualquer significação psicológica.

A inocência, como deveis saber, é uma das exigências da sociedade moderna, mas essa exigência é ainda muito superficial. Para as pessoas que têm passado por muitos sofrimentos, que se vêem oprimidas pelo sentimento de culpa, pela ansiedade, pelo medo — para essas pessoas a "inocência" é uma coisa muito importante. Mas a "inocência" de que falam é o oposto da complexidade, o oposto do sofrimento, da angústia, da luta, da confusão. A verdadeira "inocência", como o amor, não é um oposto. O amor não é o oposto do ódio. Só nasce o amor quando o ódio, em todas as suas formas, desapareceu. Do mesmo modo, a mente deve ser "inocente" (ilesa), embora tenha passado por todas as formas de experiência. Para que a mente realize esse estado de "inocência" devem terminar as acumulações de experiência — as quais são ainda o passado, ainda fazem parte do *fundo* inconsciente.

Ora, como será isso possível? Dizem as pessoas religiosas que devemos recorrer a Deus, pormo-nos num estado de receptividade para a Graça de Deus. E há práticas religiosas (quase ia dizendo "truques") de toda espécie, que servem para persuadir, influenciar ou controlar a mente humana, a fim de torná-la capaz de alcançar, de uma ou de outra maneira, aquela "inocência". Há também os que, com o uso de drogas diversas, procuram "experimentar" um estado exaltado de sensibilidade perceptiva, um maravilhoso estado de bem-aventurança. Mas a inocência não pode ser "produzida" com o uso de nenhuma droga, de nenhum método de ioga, nenhuma crença ou rejeição de crença, ou pelo aguardar a Graça de Deus. Tudo isso implica esforço, busca, ânsia de fugir ao fato — *o que é.* E a inocência só pode vir à existência com a total libertação do "conhecido" — isto é, com o morrer para o "conhecido", morrer para o passado, para as lembranças agradáveis, para todas as coisas que temos acalentado, formado, acumulado e que constituem nosso caráter.

Infelizmente, a maioria de nós não deseja morrer para nada, principalmente para aquilo que nos dá prazer, para as lembranças de coisas que temos experimentado e a que ficamos apegados. Preferimos encontrar um refúgio, viver numa ilusão. Mas, precisamos

morrer para o "conhecido", a fim de que se torne existente a "inocência". Isto não é uma mera declaração verbal ou conclusão. É necessário morrermos realmente para o "conhecido", para o passado. Mas não podemos morrer para o conhecido, se temos um *motivo* para morrer; pois todo motivo está enraizado no tempo, no pensamento; e o pensamento é a reação do *fundo* (*background*) da consciência, o qual é o "conhecido".

Todos estamos condicionados — como ingleses, russos, hinduístas, cristãos, budistas, o que quer que seja. Somos moldados pela sociedade, pelo ambiente; nós *somos* o ambiente. A maioria de vós, sem dúvida, crê em Deus, em Jesus, porque nesta crença fostes educados; ao passo que na Rússia as pessoas foram condicionadas para não aceitarem nada disso. A totalidade do condicionamento da mente é o "conhecido", e esse condicionamento pode ser quebrado, mas não por meio de análise. Só pode ser quebrado quando considerado de maneira negativa, e essa maneira negativa não é o oposto da positiva. Assim como o amor não é o oposto do ódio, assim também esse "negativo" não é o oposto de "positivo", que é exame, análise, esforço para alterar o padrão existente ou para ajustar-se a um padrão diferente. Tudo isso consideramos "positivo"; e o "negativo" de que falamos não é o oposto disso. Não é, tampouco, uma síntese. Síntese implica reunião dos opostos, mas isso produz novo conjunto de opostos. O "negativo" de que falamos é a total rejeição dos opostos. Quando rejeitamos totalmente o método (que faz parte de nosso condicionamento) pelo qual se procura modificar a psique por meio de esforço, de análise, então o nosso método é negativo; e só nesse estado de negação a mente pode ser "inocente". Essa é a mente verdadeiramente religiosa.

A pessoa religiosa não é aquela que crê, que vai à igreja todos os dias ou uma vez por semana; não é a que tem um credo, que está escravizada a dogmas e superstições. A mente religiosa é, deveras, uma mente científica; científica, no sentido de que é capaz de observar os fatos sem desfigurá-los, de ver a si própria tal como é. O libertar-se do condicionamento requer, não uma mente crédula, disposta a aceitar, porém aquela capaz de se observar de maneira racional e sã, e de perceber que, a menos que seja despedaçada a estrutura psicológica da sociedade, ou seja o "eu", não pode haver "inocência"; e que, sem "inocência", a mente nunca poderá ser religiosa.

A mente religiosa não é fragmentária, não divide a vida em compartimentos. Ela abarca a totalidade da vida — a vida de aflição e dor, a vida de alegrias e satisfações passageiras. Uma vez que está

totalmente livre da estrutura psicológica da ambição, da avidez, da inveja, da competição, de toda exigência de *mais*, acha-se a mente religiosa num estado de "inocência", e só assim a mente pode transcender a si própria, e não quando crê, meramente, num *além* ou nutre uma certa hipótese relativa a Deus.

A palavra "deus" não é Deus; o conceito que tendes de Deus não é Deus. Para se descobrir se existe isso que se pode chamar "Deus", devem desaparecer totalmente todos os conceitos verbais e formulações, todas as idéias, todo pensamento que seja reação da memória. Só então existe aquele estado de "inocência" em que não há automistificação, nem o querer ou desejar resultado; e então podereis descobrir por vós mesmo o que é verdadeiro.

Assim, a mente já não está em busca de experiência. Se ela busca experiência, é imatura. À mente "inocente" já não interessa a experiência. Está livre da palavra, ou seja da capacidade de reconhecer com seu fundo de conhecimento (*background*). O reconhecimento implica associação, que pode ser verbal ou empírica e sem essa associação nada se pode reconhecer. A mente religiosa, ou "inocente", está livre da palavra, livre de conceitos, padrões, formulações, e só assim pode uma mente descobrir por si própria se há, ou não há, o Imensurável.

Talvez desejeis fazer agora algumas perguntas pertinentes à matéria de que estamos tratando.

PERGUNTA: *Qual é a essência, o elemento fundamental de vosso ensino?*

KRISHNAMURTI: Isto seria um tanto difícil de explicar em poucas palavras. Como tenho procurado fazer-vos ver, o escutar é uma arte. Em geral, nós não *escutamos,* porque traduzimos o que ouvimos em conformidade com nossas reações de prazer e dor, em conformidade com nossos gostos e aversões, nossos conflitos e as formulações do que já conhecemos. Tampouco, em geral, *vemos* coisa alguma, porquanto tudo o que vemos, real ou visualmente, logo o interpretamos desta ou daquela maneira. Podemos olhar para uma flor botanicamente, mas bem poucos olham a flor não botanicamente — e esta é a única maneira de *ver* a essência, a beleza, o total esplendor da flor.

Do mesmo modo, vossa percepção do significado do que estou dizendo depende da maneira como estivestes escutando todas estas palestras. Não tendes possibilidade de compreender, se vos limitais

a selecionar algumas idéias, conceitos ou opiniões. Se foi isso que estivestes fazendo, então sinto dizer que estas palestras terão para vós pouca significação. Ou escutais tudo, ou não escutais nada. E se escutastes tudo o que estivemos dizendo, podeis perceber por vós mesmo a sua essência e não me perguntareis qual é essa essência. Isso não é um hábil subterfúgio; trata-se de um fato positivo. Não podeis recolher num saco as águas do mar, ou aprisionar o vento em vossa mão. Mas podeis escutar os surdos rumores da tempestade, a violência do mar, sentir a força imensa do vento, sua beleza e indestrutibilidade. Porque é preciso destruir totalmente o velho, para que algo novo possa despontar.

PERGUNTA: *Que é a voz serena e suave da consciência? Não é a voz de Deus que se faz ouvir dentro de cada um de nós?*

KRISHNAMURTI: Eu diria que convém desconfiar da "voz serena e suave da consciência", assim como devemos desconfiar e duvidar da "voz de Deus" dentro em nós. Essa voz se faz ouvir a todos os santos, a todos os generais, a todos os traficantes de guerras, tanto quanto a vós e a mim. Essa voz deve ser totalmente rejeitada, porquanto nos extravia desastrosamente. "A voz de Deus", na maioria das pessoas, é o próprio desejo delas, sua ânsia, identificação com um dado país, dada crença ou idéia. É fácil "produzir" a "voz de Deus" em si mesmo — *terrivelmente* fácil. E se por acaso sois um organizador, um homem dotado de certa capacidade oratória, vos tornareis um líder e conduzireis vossos semelhantes à destruição, às piores aflições.

PERGUNTA: *Por que insistir em falar sobre o "conhecido"? Por que não nos falais do "Desconhecido"?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, por que falo eu? Que é comunicação? Podemos comunicar-nos uns com os outros verbalmente, ou podemos comungar silenciosamente. Em geral preferimos a comunhão silenciosa, porque assim cada um pode conservar suas idéias e crenças favoritas, permanecer recolhido em sua torre de marfim. Mas, quando tentamos comunicar-nos verbalmente, começam as dificuldades, porque então temos de estabelecer uma certa relação entre nós, temos de nos entender mediante a significação das palavras; e só é possível nos compreendermos mutuamente quando nos encontramos a um só tempo no mesmo nível.

Eu não falo com o fim de persuadir-vos a transformar-vos, ou de impelir-vos a alguma espécie de revolução psicológica, mas, sim, porque não posso deixar de falar a respeito de algo que é tão momentoso, tão real e verdadeiro. Quando vós mesmo vedes a extraordinária beleza e luminosidade de uma nuvem, sentis vontade de dizer a outros que a olhem também — eu, pelo menos, o faço. Aí está. É por isso que falo.

E a outra pergunta é: Por que falo reiteradamente sobre o conhecido? Por que não me atenho ao desconhecido e dele não vos falo?

Vós não podeis conhecer o "desconhecido". Só podeis conhecer o que já experimentastes e, portanto, sois apenas capaz de reconhecer. O "desconhecido" não é reconhecível; e, para a manifestação dessa imensidade, é preciso que termine o "conhecido". É necessária a libertação do "conhecido". E é por isso que falo constantemente sobre o *conhecido*, isto é, com o fim de extingui-lo.

Não há possibilidade de falar a respeito do "desconhecido". Não há palavra nem conceito que possa inseri-lo na estrutura do "conhecido". A palavra não é a coisa; e a coisa precisa ser percebida diretamente, sem a palavra. E isto é sobremodo difícil: perceber uma coisa com a mente purificada, ilesa. Perceber uma coisa com amor — amor jamais contaminado pelo ciúme, pelo ódio, pela ira, pelo apego, pela posse. Temos de morrer para o apego, para a posse, para o ciúme, a inveja — morrer, sem razão, sem causa, sem *motivo*. Porque é só então, nesse estado livre do "conhecido", que a "outra coisa" pode manifestar-se.

PERGUNTA: *Credes que uma repetição de palavras, por mais sagradas, seja meditação?*

KRISHNAMURTI: A meditação não pode produzir-se mediante qualquer repetição de palavras, por meio daquilo que os hinduístas chamam *mantras* e vós chamais "oração". Orações e *mantras* só servem para adormecer a mente. Pelo engrolar repetidamente uma série de palavras podeis pôr-vos a dormir, agradavelmente — e assim fazem muitos de nós. Nessas condições soporíficas, sentimo-nos num estado extraordinário; mas isso não é meditação. Significa, apenas, narcotizar-se com palavras. Um homem pode também narcotizar-se tomando certos preparados químicos ou bebidas alcoólicas, e de várias outras maneiras; mas nada disso é meditação.

A meditação é uma coisa realmente extraordinária, e deveríeis praticá-la todos os dias. Mas a meditação não está separada do viver.

Não é algo para se fazer de manhã e esquecer no resto do dia — ou que deve ser lembrado e utilizado como guia de nossa vida. Isso não é meditação.

Meditação é o percebimento de cada pensamento, de cada sentimento, de cada ato, e esse percebimento só é possível quando não há condenação, nem julgamento, nem comparação. Vedes, simplesmente, cada coisa como é, e isso significa que estais cônscio de vosso condicionamento — tanto do consciente como do inconsciente — sem desfigurá-lo ou procurar alterá-lo. Vedes todas as "respostas" (*responses*), reações, opiniões, motivos, ânsias, existentes em vós mesmo. Mas isso é apenas o começo.

Se tendes mentalidade religiosa, *deveis* meditar. Deveis perceber vossos sentimentos, ser sensível a cada movimento de vosso próprio pensamento — e isso não é concentração. A concentração é muito fácil. Qualquer colegial a aprende. Mas meditação não é absorver-se numa certa coisa. Quando uma criança se absorve num brinquedo, torna-se muito quieta, completamente identificada com o brinquedo. E isso é o que deseja a maioria de nós: absorver-nos em algo, identificar-nos com um brinquedo, uma idéia, uma crença, um conceito. Mas isso não é meditação.

A meditação é uma coisa que ultrapassa de muito esse infantil modo de pensar. Meditação é aquele estado de percepção em que existe atenção para cada pensamento e cada sentimento; e, em virtude dessa atenção, há silêncio — não o silêncio da disciplina, do controle. Silêncio produzido por meio de disciplina, de controle, é o silêncio da decomposição, da morte. Mas há um silêncio que vem à existência naturalmente, sem esforço algum, sem mesmo o percebermos — quando há aquela atenção livre do "experimentador", do observador, do pensador. Esse silêncio, realmente, é a "inocência", e nesse silêncio pode apresentar-se — sem o chamarmos, sem o procurarmos ou solicitarmos — o Desconhecido.

PERGUNTA: *Dissestes que para ficarmos livres do passado, do pensamento, temos de morrer, e que isso não era uma mera declaração verbal: que era necessário morrer realmente. Entendeis com isso que devemos morrer fisicamente?*

KRISHNAMURTI: É difícil morrer, mesmo fisicamente, porque estamos sobremodo apegados ao físico. Mas eu não me refiro à morte

física. Esta, pesa-me dizê-lo, é inevitável para todos nós. Se os cientistas descobrirem algum novo preparado que nos permita viver mais cinqüenta anos ou além, permaneceremos os mesmos até o fim, com nossa vulgaridade, nossas preocupações, problemas, ciúmes, nosso desejo de sermos sensíveis, belos, etc. Eu me refiro ao morrer em relação à estrutura psicológica do "eu" — o que somos. Morrer, nesse sentido, significa morrermos para nossa inveja, senhor. Em geral, somos invejosos. A sociedade se baseia na inveja, na comparação, no desejo de *mais*: mais conhecimentos, mais influência, mais poder, mais riqueza, mais, mais, mais... Essa é a própria essência da inveja. E morrer para esta, morrer para a inveja sem se necessitar de argumentação, de persuasão, sem sabermos o que então acontecerá — essa é a morte real, porque, com essa morte, vem a "inocência". O pensamento — o qual é, essencialmente, resultado da continuidade, do passado — pode ser modificado, alterado; ele pode criar uma nova série de idéias, fórmulas, conceitos. Mas aquilo que tem continuidade jamais conhecerá um fim, nem o que surge com esse fim: a "inocência". O pensamento, por mais racional, por mais lógico que seja, nunca será capaz de saber o que é a inocência, porquanto o pensamento nunca pode ser livre.

INTERPELANTE: *Dissestes, creio eu, que o evitar um problema é preferível a procurar uma solução.*

KRISHNAMURTI: Não, senhor, desculpai-me, mas eu nunca disse tal coisa.

Em maioria temos problemas, interiores e exteriores, e sempre estamos a buscar alguma solução. Todos os problemas externos, mecânicos, podem ser solucionados; mas os problemas interiores, os problemas psicológicos, não têm solução. Precisam ser compreendidos; e a mente que busca solução para um problema psicológico é incapaz de compreendê-lo. Se tenho um problema psicológico, digamos, em minhas relações, e tento solucioná-lo, nesse caso estou evitando o problema, porquanto meu interesse em encontrar a solução me impede de ver o fato, isto é, o próprio problema. Para compreender o problema, devo olhar o fato sem opinião, sem exigência de solução.

PERGUNTA: *Se o tempo o permite, poderíamos permanecer sentados tranqüilamente, para "experimentarmos" juntos alguns momentos de completo silêncio?*

KRISHNAMURTI: Senhor, esta é uma das coisas mais perigosas que se pode fazer. Estais sentados aqui, reunidos, há uma hora, a *escutar* e é de supor que, durante esse escutar, permanecestes em silêncio. Senão estivestes em silêncio durante essa hora, ou mesmo por alguns minutos, no ato de escutar, então o permanecermos tranqüilos, todos juntos, para experimentarmos o silêncio só poderá levar-nos a várias formas de ilusão. O silêncio é difícil e árduo, não é um entretenimento. Não é coisa que se possa experimentar pela leitura de um livro, pelo ouvir uma palestra, ou pelo ficar sentado junto com outros, ou pelo retirar-se para uma floresta ou um mosteiro. Eu diria que nenhuma dessas coisas pode produzir esse silêncio. Esse silêncio exige intenso trabalho psicológico. Tendes de estar "ardentemente cônscio" — cônscio de vosso falar, cônscio de vosso sentimento de classe, cônscio de vossos temores, vossas ansiedades, vosso sentimento de culpa. E quando morrerdes para tudo isso, então, sim, desse morrer virá a beleza do silêncio.

PERGUNTA: *Qual a diferença entre meditação e contemplação?*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, que entendeis por "contemplação"? Se contemplação supõe uma entidade que está tentando contemplar, tentando focar a própria mente, então a contemplação é a mesma coisa que a chamada meditação em que há um "meditador" a tentar obter um certo resultado. Uma pessoa pode "meditar", com toda regularidade, com o fim de se tornar tranqüila, com o fim de "realizar" Deus, mas isso não é meditação, não é contemplação. Enquanto há observador, pensador, "experimentador", não há possibilidade de meditação. Meditação não é coisa que se possa aprender de um livro e depois praticar por alguns anos; ela não é questão de disciplina. Em regra, de tanto disciplinarmos a nossa mente estamos mortos e, dentro desse padrão, procuramos meditar. O importante é a quebra do padrão; e a quebra do padrão é o começo da meditação.

PERGUNTA: *Como é possível ficarmos plenamente conscientes, quando nos achamos ocupados com um dado trabalho?*

KRISHNAMURTI: Não vejo nenhuma dificuldade. Por que não se pode ficar intensamente cônscio enquanto se faz um trabalho? Quer o trabalho seja mecânico, quer seja científico ou burocrático, se esta-

mos atentos enquanto o executamos, não só o faremos com mais eficiência, mas também começaremos a perceber a razão por que o estamos fazendo, os *motivos* que nos impelem a fazer esse trabalho. Descobriremos se temos medo de nosso chefe; observaremos como falamos aos nossos subordinados e como falamos aos que estão acima de nós. Havendo conscientização em nossas relações com outrem, podemos saber se estamos criando inimizade, ciúme, ódio; perceberemos todas as nossas reações, no estado de relação, quer estejamos aqui, quer no ônibus, no escritório, na fábrica. Tudo isso está implicado no percebimento intenso.

Também, se estamos intensamente cônscios, pode acontecer que abandonemos o nosso emprego. Por conseguinte, a maioria de nós não deseja ter essa clara percepção, já que ela é tão perturbadora; achamos preferível continuar com o que estamos fazendo, ainda que seja entediante. Na melhor das hipóteses, deixamos um emprego que nos entedia para procurarmos outro menos entediante — mas este pouco depois se torna também rotina.

Assim, estamos aprisionados no hábito: o hábito de ir para o emprego todas as manhãs, o hábito de fumar, o hábito sexual, o hábito das idéias, dos conceitos, o hábito de ser inglês, etc. etc. Funcionamos no hábito. O estar bem inteirado do hábito tem seu próprio perigo — e nós tememos o perigo. Temos medo de não saber, medo à incerteza. Há uma grande beleza, uma grande vitalidade em não estar certo. Não é insanidade o estar completamente na insegurança; não significa que a pessoa se torna psicopata. Mas ninguém deseja isso. Preferimos quebrar um hábito e criar outro mais agradável.

PERGUNTA: *Pode-se aprender algo da inocência de uma criança?*

KRISHNAMURTI: A criança não é inocente. A criança é ignorante. A criança anseia por mais experiência, à medida que se desenvolve e amadurece. Não estamos falando da inocência da infância — isso é para os poetas. Falamos da "inocência" da mente amadurecida — a mente que passou por agonias, lutas, sofrimentos, intensas ansiedades, dúvidas, e deixou tudo isso para trás, morreu para todas essas coisas.

19 de junho de 1962.

A ARTE DE ESCUTAR

(SAANEN — I)

Considero importante que, logo de começo, nos fique bem claro o propósito destas reuniões. Muitas transformações externas se estão verificando no mundo, e há também muita pressão, muitas exigências, problemas inumeráveis e, para enfrentar tal situação, torna-se necessária uma completa transformação da psique. Pela palavra "psique" entendo a mente, o inteiro processo de nosso pensar — nossas atitudes, nossos valores, nossos hábitos, as numerosas crenças e dogmas que há séculos vimos cultivando. Tudo isso, no meu sentir, precisa ser completamente transformado, se desejamos enfrentar os urgentes problemas da vida; e é a este respeito que desejo falar durante estas reuniões — sobre como produzir essa transformação básica, a transformação da mente humana.

Por conseguinte, estas palestras vão ser muito sérias, e não um mero entretenimento para as manhãs de domingo ou outro dia qualquer. Se sois realmente *sérios*, e espero que o sejais, ireis escutar de maneira completa e não, apenas, absorvendo uma pequena parte, aqui e ali; ireis escutar a totalidade do que se vai dizer, e poderemos, assim, vós e eu, averiguar juntos como será possível promovermos esta radical revolução em nós mesmos. Com a palavra "sério" refiro-me à firme intenção de seguir um dado assunto até o fim, quer nos agrade, quer não, de explorar totalmente um dado aspecto da vida. Não vamos tratar de problemas externos, tais como o Mercado Comum, ou a maneira de abolir a bomba atômica, ou se há necessidade de irmos à Lua, etc.; mas eu creio que, se pudermos compreender os problemas interiores, os exteriores serão também compreendidos.

Parece-me, igualmente, que o problema externo não difere muito do problema interior. Pensando bem, não existe realmente diferença, pelo menos não existe nenhuma linha de demarcação entre o exterior e o interior. O viver é como o vaivém da maré. O concentrar-nos no processo interno de nosso próprio ser pouco significará, se não com-

preendermos igualmente o processo externo. As atividades externas da mente correspondem às atividades internas e, se nos concentrarmos num desses "processos", desprezando o outro, não chegaremos muito longe.

Como disse, estas palestras devem ser encaradas com seriedade, não são uma espécie de entretenimento e, por certo, nosso propósito não é meramente de trocar idéias. Idéias, conceitos, são pensamento organizado, e pouco exprimem quando se trata de promover no homem uma transformação radical. As idéias não transformam um ente humano, servem apenas para alterar o padrão da existência. Geralmente, gostamos de entreter-nos com idéias, aceitando idéias novas e abandonando as velhas, ou trocando uma crença por outra; mas essas trocas e substituições representam simplesmente um ajustamento superficial e não produzem transformação nenhuma.

Assim sendo, não iremos entreter-nos com idéias, fórmulas, conceitos. Não vamos tratar de mitos, porém, de fatos psicológicos — nossos temores, esperanças, desesperos. E só seremos capazes de enfrentar esses fatos psicológicos quando soubermos escutá-los, observá-los sem condenação ou interpretação. Por conseguinte, reputo importante compreender o que entendemos por "escutar", "observar", e a esse respeito desejo estender-me um pouco nesta manhã.

A transformação não se efetua pela ação da vontade, ou pelo desejo, que é outra forma da vontade; ela não virá por meio de esforço, o qual, por sua vez, resulta de um impulso, um *motivo*, uma compulsão. Tampouco pode realizar-se esta transformação, esta revolução interior, como resultado de qualquer influência ou pressão, ou por mero ajustamento. Ela só pode verificar-se sem esforço — e esse ponto apreciarei mais tarde. Mas, sendo esta a primeira palestra, ela deve naturalmente constituir uma espécie de introdução, e importa começarmos pela compreensão do que significa *escutar*.

Não sei se alguma vez já *escutastes* realmente alguma coisa. Procurai escutar aquela corrente d'água que ali passa, sem lhe dardes nome, sem lhe dardes nenhum significado, sem deixá-la interferir em vossa atenção — *escutá-la* simplesmente. Só podereis escutar quando não há um motivo que vos impele a escutar. Se algum motivo tendes, então esse motivo é importante, e não o ato de escutar. Estais escutando com o fim de obter ou realizar alguma coisa, com o fim de chegar a alguma parte e, assim, vossa atenção está dividida; por conseguinte, não há *escuta*.

Prestai atenção a esta matéria, porquanto, se não a compreenderdes perfeitamente, receio que vos escapará totalmente o verdadeiro significado destas palestras.

A meu ver, qualquer forma de esforço com o fim de produzir revolução interior perverte ou nega essa própria revolução. A transformação só é possível quando não há esforço de espécie alguma; eis porque tanto importa compreender o que significa *escutar*.

Não podeis escutar, se estais comparando o que escutais com o que já sabeis. Pois, nesse caso, estais apenas interpretando; e quando há interpretação, não há *escuta*. Se condenais o que escutais, porque achais que deveria ser diferente ou porque nutris certas opiniões, nesse caso não estais escutando. E também, por certo, não escutais quando apenas seguis uma autoridade "estabelecida" ou substituís uma autoridade por outra.

Assim, a arte de escutar é dificílima, porquanto estamos condicionados para aceitar ou rejeitar o que escutamos, para condená-lo ou compará-lo com o que já sabemos. Quase não há *escutar* que seja "descondicionado". Quando eu digo alguma coisa, vossa reação natural, ou melhor, vossa reação condicionada é de aceitá-la ou rejeitá-la, ou de dizer que já o sabeis, ou que isso está em tal ou tal livro ou que tal ou tal pessoa já o disse. Por outras palavras, vossa mente está ocupada com sua própria atividade; e enquanto continua essa atividade, não estais escutando.

Certo, tudo isso é muito lógico, racional e são, não achais? Não estamos falando de algo misterioso.

Agora, o ato de *escutar completamente* algo que é real — escutá-lo sem opinião, sem julgamento, sem condenação, sem nenhuma interferência da palavra — é extremamente difícil. Requer atenção total, e também a requer o ato de *ver*. Não sei se alguma vez vemos verdadeiramente uma coisa — uma árvore, uma montanha, um rio, o rosto de nossa mulher ou marido, de uma criança, ou de um passante. Duvido disso; porque as palavras, as idéias, as fórmulas interferem no que estamos vendo. Dizeis: "Que bela montanha!", e essa própria expressão vos impede de *olhar* e isso, também, é um fato psicológico. Para ver uma coisa de maneira completa, vossa mente deve estar quieta, sem nenhuma interferência das idéias. Na próxima vez que observardes uma flor, notareis quanto é difícil olhá-la não botanicamente — principalmente se por acaso tendes certos conhecimentos de botânica. Conheceis a espécie, conheceis todas as variedades da flor, e o olhá-la sem nenhuma interferência da palavra, sem a intrusão de vossos conhecimentos, de vossos gostos e desgostos, também isso é dificílimo. A mente anda sempre tão ocupada e distraída, constantemente "tagarelando" sem nunca *ver* nem *escutar*!

Mas, quando a mente está quieta, o escutar e o ver nenhum esforço requerem. Se estais escutando realmente o que agora se está dizendo e, por conseguinte, compreendendo-o, vereis que o vosso escutar é desacompanhado de esforço.

A revolução interior ou psicológica implica uma transformação completa, não só da mente consciente, mas também da inconsciente. Pode-se facilmente modificar o padrão externo de vossa existência, ou vossa maneira de pensar. Podeis deixar de pertencer a qualquer igreja que seja, ou podeis abandonar uma igreja para ingressar noutra. Podeis pertencer ou não pertencer a determinado partido político ou grupo religioso. Tudo isso pode ser modificado pelas circunstâncias, por vosso medo, por vosso desejo de maior recompensa, etc. A mente superficial pode ser facilmente modificada, porém muito mais difícil é efetuar uma alteração no inconsciente — e aí é que se encontra o nosso problema. O inconsciente não pode ser alterado pela volição, pelo desejo, pela vontade. Temos de abeirar-nos dele negativamente.

O examinar negativamente a totalidade da consciência implica o ato de escutar; implica perceber os fatos sem a interferência de opiniões, juízos, condenação. Por outras palavras, requer pensar negativo. A maioria de nós, por educação e experiência, está acostumada a ajustar-se, a obedecer, a seguir autoridades estabelecidas — autoridades morais, éticas, ideológicas. Mas o que aqui estamos examinando exige que não haja autoridade de espécie alguma; porque, assim que o indivíduo começa a *investigar*, já nenhuma autoridade existe. Cada momento é um descobrimento. E como é possível a mente descobrir quando está sujeita à autoridade, a suas anteriores experiências? Assim, o pensar negativo significa devassar nossas crenças assertivas, dogmáticas, nossas experiências, ansiedades, esperanças e temores; significa ver tudo isso negativamente, isto é, sem o desejo de alterá-lo ou transcendê-lo, porém observando-o simplesmente, sem avaliação.

Observar sem avaliação significa observar sem a palavra. Não sei se já tentastes alguma vez olhar uma coisa sem a palavra, o símbolo. A relação das palavras com aquilo que elas descrevem constitui o pensamento, o qual é reação da memória; e olhar um fato, *sem* palavras, é olhá-lo sem a intervenção do pensamento.

Experimentai-o, uma vez. Ao sairdes daqui, nesta manhã, olhai para o verde vale, olhai as montanhas com seus capuzes de neve, ou *escutai* aquele rio sem nenhum pensamento — o que não significa estar dormindo. Não significa olhar com a mente "em branco". Pelo

contrário, olhar uma coisa sem a intervenção do pensamento requer que estejais totalmente desperto. E esta é árdua tarefa, porquanto estais condicionado, desde a infância, para julgar, para avaliar. Estamos condicionados pelas palavras. Dizemos que certo indivíduo é comunista, ou católico, ou inglês, ou americano, ou suíço, e através dessa cortina de palavras olhamos e escutamos; por isso, nunca vemos, nunca ouvimos.

Eis porque é tão importante libertarmo-nos da escravidão às palavras. Tome-se a palavra "deus". Temos de ficar completamente livres dessa palavra, principalmente se nos considerarmos pessoas religiosas ou espirituais; porque a palavra não é a coisa. A palavra "deus" evidentemente não é Deus; e para se compreender o que é essa extraordinária entidade, temos de ficar livres da palavra — o que significa ficar interiormente livre de todas as influências e associações oriundas desse termo. Isso, por sua vez, não implica crer nem descrer; implica que se não deve pertencer a nenhuma religião, nenhum sistema organizado de pensamento. Só então temos a possibilidade de descobrir por nós mesmos se algo existe além da palavra, além das medidas da mente.

Estas palestras, pois, constituem um assunto muito sério; requerem toda a vossa atenção, para o descobrimento de vós mesmos, não amanhã, não no próximo minuto, mas no momento de escutar, no presente imediato. Se não compreendemos o mecanismo, o inteiro processo de nossa própria mente, não podemos ir muito longe; e nós temos de fazer uma viagem ao eterno. Para fazê-la, temos de começar com o que está mais perto: com *nós mesmos*. Eis porque tanto importa estarmos cientes das operações de nossa mente, sendo isso o começo do autoconhecimento. Se não vos conheceis, não tendes base para ulterior investigação; e o conhecer-vos requer, não um processo acumulativo de conhecimento, porém a compreensão de vós mesmos, de momento em momento. Tendes de ver-vos como sois a cada instante, sem interpretardes o que vedes e sem acumulardes conhecimentos a vosso respeito; cumpre observar com objetividade.

Eis porque estas palestras exigem seriedade de propósito de vossa parte. Deveis ouvi-las com toda a regularidade, agora ou nunca, pois não podereis compreender o todo se vierdes casualmente ouvir uma palestra. Não procuraríeis um matemático para pedir-lhe que vos ensinasse em poucos minutos todo o universo das matemáticas. Isso seria absurdo, absoluta falta de madureza. Analogamente, se estais seriamente interessados nesta matéria, vireis, assiduamente, assistir a estas palestras, e prestareis atenção — atenção sem esforço.

Com "atenção sem esforço" quero referir-me a um estado de atenção no qual não apenas escutais o que o orador diz, mas também descobris, através de suas palavras, o vosso próprio processo de pensar, isto é, descobris os fatos existentes em vós mesmos.

O aumento da prosperidade e dos conhecimentos científicos, no mundo, não trará felicidade maior. Poderá atender, em maior escala, a nossas necessidades físicas — e espero que assim seja. Poderá proporcionar mais confortos e utilidades — mais banheiros, melhores roupas, mais geladeiras, mais carros. Mas essas coisas não resolvem os problemas humanos fundamentais, que são muito mais profundos e prementes, e estão dentro de nós. E a finalidade dessas palestras é de explorarmos juntos os nossos problemas, pois aqui não há autoridade alguma. Não estou procurando influenciar-vos para pensardes de determinada maneira, pois isso seria infantil, imaturo, mera propaganda.

Permiti-me sugerir que, enquanto escutais, não tomeis notas, mas fiqueis, apenas, realmente *escutando*; e também que vos conserveis quietos, tanto quanto possível, antes do início e após a conclusão de cada palestra. Na primeira reunião, naturalmente, temos de cumprimentar-nos e conversar; mas, posteriormente, não fiquemos aqui sentados a falar, falar, pois isso denota, apenas, inquietação mental. O que interessa é estardes conscientes de tudo: que observeis, sem esforço, o fato de que "tagarelais", o fato de que sois ciumento, o fato de que vos vedes frustrados e aspirais à fama, expressando-vos pela poesia, pela pintura, pela música, pelo pensamento. Observar realmente, e sem discriminação, tudo o que se passa em vós mesmos, observá-lo com naturalidade, — é nesse estado de percepção objetiva que ocorre a plena revolução. E só a mente que se acha em completa revolução de instante em instante, — e não aquela que tenta alcançar essa revolução — só essa mente pode descobrir se há, ou não, algo imensurável.

Talvez alguns de vós desejeis fazer perguntas, e veremos o que daí resultará. É muito fácil fazer perguntas errôneas, mas fazer a pergunta correta é uma das coisas mais difíceis. Requer uma mente perceptiva. A pergunta deverá refletir um problema real que tendes, algo com que estejais batalhando. Se fizerdes a pergunta correta, poderemos, então, nós dois, procurar juntos a resposta correta. Mas, não há realmente solução para nenhum problema humano. Os problemas mecânicos têm solução. Quando um carro se desarranja, um motor falha, há uma solução mecânica para tal problema, ao passo que a maioria de nossos problemas são insolucionáveis. Entretanto,

infelizmente, quando temos um problema, desejamos quase sempre uma solução — quer dizer, desejamos fugir ao problema e, assim, fazemos uma pergunta.

Ora, se apenas desejais fugir ao vosso problema, qualquer que ele seja, por favor não façais pergunta nenhuma. Mas, se desejais realmente compreender qualquer problema humano, psicológico, neste caso poderemos investigar juntos suas sutilezas e variações, suas nuanças e complexidades. Na exploração do problema, começareis a compreender o problema, e esta é a única maneira de resolvê-lo.

Receio ter-vos dificultado o fazer uma pergunta. Não era esta minha intenção. Mas, para podermos explorar realmente um problema humano, devemos encontrar-nos simultaneamente no mesmo nível — sendo isso, afinal de contas, o que se pode chamar amor. Por certo, só há amor quando vos encontrais com outro, a um só tempo, no mesmo nível — isto é, quando vos encontrais com a pessoa totalmente, completamente. Para explorarmos nossos problemas humanos, devemos, psicologicamente, encontrar-nos dessa maneira. Se esperais uma solução de minha parte — e, no meu sentir, não há solução senão na compreensão do problema — nós *não nos encontraremos*, e saireis daqui dizendo: "Esse homem é um simplório; não sabe responder a uma pergunta direta, e a evita".

Assim sendo, parece-me que o relevante, no decorrer destas palestras, é olharmos juntos o problema — mas isso não significa estar de acordo ou em desacordo. Concordar ou discordar é puramente uma atitude de colegial. Esta não é uma reunião política. Estamos procurando ver as coisas em nós mesmos tais como são, e isso requer observação, e não concordância ou discordância.

PERGUNTA: *Como pode a exploração mental de um problema produzir uma compreensão não baseada em operação intelectual?*

KRISHNAMURTI: Vejamos o que entendemos por exploração e o que entendemos por compreensão. A exploração mental produzirá compreensão? Por favor, não concordeis nem discordeis. Estamos examinando a questão. A troca de idéias, opiniões, fórmulas — isso pode trazer compreensão? Que se entende por "compreensão"? Como se torna existente o estado de compreensão? Com um rápido exame, assim, talvez possamos *encontrar-nos*.

No estado de compreensão, por certo, não existe barreira entre o fato e vós mesmo. Quando compreendeis uma coisa, toda a vossa atenção está aplicada a essa coisa. A atenção não é fragmentária como o processo mental. Ao examinardes uma coisa mentalmente, esse é um processo fragmentário, separativo; mas, quando compreendeis, nessa compreensão está toda a vossa mente, todas as vossas emoções, vosso corpo, todo o vosso ser. Estais quieto, e nessa quietude dizeis: "Compreendo".

A compreensão, evidentemente, não pode resultar de fragmentação; e quase todos nós pensamos de maneira fragmentária, todas as nossas relações na vida são fragmentárias. Com uma parte de nós mesmos somos políticos, com outra parte somos religiosos, com uma terceira parte somos homens de negócio, etc. etc. Psicologicamente, todos nós estamos fracionados, e com esses fragmentos de nós mesmos olhamos a vida. E, então, dizemos: "Intelectualmente compreendo, mas não posso agir".

Assim, o exame ou exploração mental é fragmentário, superficial, e não produz compreensão. Intelectualmente, concordamos, por exemplo, que é falta de madureza estar o mundo dividido em nacionalidades e grupos religiosos antagônicos, mas, no fundo, continuamos a ser ingleses, alemães, hinduístas, cristãos, etc. Nosso problema é de estabelecer um contato emocional direto com o fato, e isso requer que o consideremos de maneira negativa, isto é, sem a obsessão de nenhuma opinião.

Há enorme diferença, pois, entre o exame mental de um fato e a compreensão desse fato, o examiná-lo mentalmente não leva a parte alguma. Mas a compreensão nascida do exame negativo dele — sem opinião nem interpretação — essa compreensão dá-nos grande energia para o enfrentarmos. Nas palestras vindouras entrarei mais minuciosamente neste assunto, pois provavelmente a maioria de nós carece dessa energia. Temos abundância de energia física — pelo menos o espero; mas, para se enfrentar um fato psicológico, requer-se extraordinária energia de uma diferente qualidade, e não existe essa energia se considerais o fato pela via do hábito — hábito de associação, hábito verbal, hábito de pensamento. Dessa maneira, o fato permanece, e o intelecto fica separado do fato. Isso naturalmente ocasiona contradição, conflito e, por conseguinte, dissipação de energia.

22 de julho de 1962.

O SIGNIFICADO DO CONHECIMENTO

(SAANEN — II)

Hoje está um dia encantador e talvez seja uma parte desse encantamento o falarmos sobre coisas importantes. Nesta manhã, desejo começar considerando o quanto na generalidade somos superficiais. E, por trás dessa superficialidade de nossa existência, por trás da rotina diária de trabalho, vida conjugal, sexo, filhos, existe um profundo sentimento de desespero e angústia. Penso que em geral — consciente ou inconsciente — o percebemos. Embora tenhamos algumas posses, posição, prestígio, existe, para a maioria de nós, atrás de toda essa superficialidade, um sentimento de ansiedade não causado por qualquer coisa em particular; mas, quando não estamos ocupados em nossas imediatas atividades da vida, esse sentimento lá está, penetrando profundamente os nossos pensamentos e sentimentos. Essa ansiedade, esse sentimento de desespero não se restringe àqueles que estão envelhecendo, mas, creio, a ele estão também sujeitos os jovens, aqueles que ainda têm de seguir seu caminho no mundo, que se preocupam com o futuro, com o ter êxito na vida, com casamento, sexo, filhos, governo doméstico. Para a maioria de nós existe esse sentimento fundamental de total desesperança, o sentimento que nos faz perguntar: Para que serve tudo isso? Trata-se de um fato, principalmente agora, quando o mundo se vê sobressaltado pelo espectro de iminente catástrofe. Considero importante falarmos a respeito disso, porque, como somos superficiais, recorremos a várias maneiras de fugas, ou procuramos modos e meios de dar um significado mais profundo à vida.

A vida abarca tanto o exterior como o interior; e pode-se dar mais profundeza ao significado da vida? Não estou dizendo "dar mais profundeza" no sentido de ir à igreja, de crer ou descrer em Deus, de trabalhar em obras sociais, de se interessar por quadros e música,

pois tudo isso, em verdade, é bem superficial. Ora, pode a mente que é superficial por natureza, em virtude de seu próprio condicionamento, de sua educação, das influências da sociedade, penetrar em si mesma profundamente? Não sei se já alguma vez vos fizestes essa pergunta.

A maioria de nós parece pensar que o aprofundamento em si próprio é um problema dificílimo, e que provavelmente não vale a pena fazê-lo. Ainda que possamos estar completamente insatisfeitos com a superficialidade de nossa existência, sentimos não possuir a necessária técnica, o *modus operandi,* para entrarmos em profundidade naquele vasto e maravilhoso mundo — se tal mundo existe — que não é constituído de meras palavras e símbolos, de idéias emocionais e das criações imaginárias do intelecto.

Ora, acho que devemos tentar descobrir juntos o que é isso que dá profundeza de discernimento, uma clareza de percepção em que não existe confusão, nem luta pelo preenchimento — uma existência que não representa fuga à vida. No mundo hodierno, os conhecimentos se estão ampliando rapidamente. Graças a uma tecnologia sempre crescente, mais e mais trabalhos estão sendo executados pelas máquinas. Há cérebros eletrônicos capazes de traduzir, de pintar, de escrever poesias e de resolver problemas matemáticos extremamente complexos. O conhecimento se tornou extraordinariamente importante; e, num mundo em que se confere ao conhecimento suprema importância, não se torna o próprio conhecimento uma fonte de desespero? Vou desenvolver isso, e peço-vos não aceitar nem rejeitar o que vou dizer; escutai-o, simplesmente.

Certos espíritos superficialmente habilidosos, no mundo inteiro, com sua capacidade de escrever e de expressar-se, influenciam numerosas pessoas, levando-as a dar cada vez mais valor ao conhecimento e tornando-as, dessa maneira, cada vez mais dependentes das coisas externas. O conhecimento, embora útil e necessário em certos níveis da existência, não é um fim em si e, se lhe damos indevida importância, ele se torna uma fonte de ansiedades, uma fonte de "culpa", uma fonte de desespero.

A mente foi educada no conhecimento, e tem passado por muitas tribulações, muitas experiências, estando sujeita a numerosas influências; e pode essa mente libertar-se de todo esse *fundo* e tornar-se nova? Porque, decerto, só a mente purificada é livre de ansiedades, de temores, de desespero. Mas, no mundo moderno, estamos encerrados no medo, no desespero, num enorme sentimento de incerteza.

Ora, o conhecimento é evidentemente essencial, pois, do contrário, não poderíamos funcionar de maneira nenhuma. Em trabalhos muito importantes e complicados, como, por exemplo, a construção de um avião a jato, e bem assim nas coisas corriqueiras da vida, como o saber onde moramos — necessitamos do conhecimento. Conhecimento da matemática, conhecimento da biologia, conhecimentos técnicos de vária ordem — tudo isso tem seu lugar próprio. Mas o conhecimento impede também a clareza de percepção. O que quer que sejais — cientista, músico, artista, escritor — é só nos intervalos em que vossa mente está livre de seus conhecimentos, que há movimento criador. O intervalo pode ser muito breve, ou pode ser vasto e extenso, mas nesse intervalo não existe saber, se posso empregar essa palavra, não há intrusão do passado como conhecimento. As coisas que aprendestes, os erros que cometestes, vossos êxitos e fracassos, vossas esperanças e desesperos — só com a mente livre de toda essa carga do passado se torna possível a visão do novo; e essa visão do novo pode expressar-se numa composição — se sois músico, num quadro, se sois pintor, etc.

Considero importante compreender isto, porquanto para a maioria de nós a experiência é o "caminho da vida". Quanto mais experiência acumulamos, tanto mais sábios nos consideramos; mas eu ponho em dúvida essa sabedoria. A experiência, quer superficial, quer profunda, é com efeito reação a desafio e, quando essa experiência se acumula na forma de conhecimento ou memória, ela condiciona a próxima reação.

Continuai a prestar atenção, por favor. Não sou nenhum mestre-escola, mas, já que vos destes ao trabalho de vir aqui, talvez façais também junto comigo uma viagem de exploração deste tão complexo problema da experiência ou conhecimento. Não estou expondo nenhuma filosofia, nenhuma teoria ou sistema de idéia. O que digo concerne à nossa existência diária, tão cheia de rotina e de hábito; relaciona-se com o dia que passais no emprego, o dia que passais com vossa esposa e filhos, numa relação de conflito ou de prazer. Estamos tratando direta e profundamente da própria vida, de nossas ações diárias, nosso pensar e sentir, nossas esperanças e temores.

Como disse, a experiência é para a maioria "o caminho da vida", e quanto mais experiências temos, mais experiências desejamos; ou desejamos uma experiência final, de algo imensurável, capaz de dar significado mais profundo e amplo à vida. Supomos, em geral, não haver fim para a experiência. Mas, se consideramos a experiência, vemos que ela é "acumulativa", e que o *fundo* de experiências acumu-

ladas condiciona nossa futura reação a desafio. O que quer que a pessoa seja — matemático, dona-de-casa, etc. — a reação do passado, como conhecimento ou experiência acumulada, constitui nova experiência, e esta, por sua vez, fortalece o passado.

Temos, pois, essa carga acumulada de passadas experiências, tanto individuais como coletivas. Em qualquer sociedade que vivamos, lá está ela; é nosso *fundo*, nossa tradição, nossos conhecimentos, nossa cultura. Esse fundo dita-nos sempre nossas ulteriores experiências, moldando os nossos pensamentos e, assim, não há findar da experiência. Não vemos possibilidade desse findar, porquanto dizemos para nós mesmos: "Que seria a vida sem experiência?" Mas é o *fundo* de experiência que gera a ansiedade, o sentimento de desespero, o medo de não "chegar", não realizar. Sentimo-nos incompletos, sem auto-suficiência, e, por isso, queremos mais e mais experiência — como meio de adquirirmos maior profundeza. Mas o conhecimento ou a experiência — se não me entenderdes mal — tem de acabar, se desejamos investigar completamente a questão do desespero.

Há várias formas de desespero: o desespero de não sermos capazes de preencher-nos, de não alcançarmos um alvo, de não sermos *alguém* neste mundo, etc. Há também o desespero da solidão, e o desespero da interminável confusão. Não sabendo o que fazer, recorremos a alguém — um líder político, um líder religioso, ou um líder científico — para que nos diga como agir e, mais cedo ou mais tarde, percebemos a total inutilidade de sermos instruídos sobre o que devemos fazer. Incertos e desesperados como estamos, amontoamos experiência como conhecimento; mas o conhecimento não elimina o desespero, a experiência não dissipa o sentimento de ansiedade existente em nossa vida.

Dessarte, qual o significado da experiência, não só das pequenas experiências de cada dia, mas também das experiências profundas que temos? Um cristão ortodoxo, criado com certas crenças e dogmas, poderá ter uma visão do Cristo, e isso para ele é uma coisa maravilhosa; mas, psicologicamente, é óbvio que tais experiências são uma "projeção" de seu próprio *fundo*, de seu próprio condicionamento. Quando um hinduísta tem visões, vê os seus próprios deuses, e não o Cristo.

Ora, é possível viver sem experiência? Para mim, o *fundo* de conhecimento ou experiência, com sua incessante exigência de mais experiência ainda, é a fonte de nosso desespero, porquanto não pode

haver liberdade mental nesse estado condicionado. Só a mente sã, ilesa, é livre de desespero. Mas, como sabeis, a maioria de nós começaria a dormir se não houvesse nenhum externo desafio. Se não tivéssemos de ganhar o sustento, de competir com o próximo, de nos entender com nosso patrão; se não fossem os estímulos da propaganda, dos artigos das revistas, os quais nos mostram como ter êxito, como um engraxate pode tornar-se milionário, presidente ou o que quer que seja — se não fossem todos esses estímulos, exigências e "desafios" externos, a maioria de nós levaria uma vida monótona, estagnada, estúpida. Não estou dizendo que não a temos agora — pois ela aí está; mas essa constante pressão do exterior nos mantém em movimento.

Se o indivíduo percebe quanto está implicado nessa reação às externas pressões, trata de repeli-las; mas isso não é coisa fácil. É difícil não "reagir" aos estúpidos pregões da propaganda e às exigências psicológicas da estrutura social; mas se a pessoa é capaz de pôr de parte tudo isso, ela cria então seus próprios desafios e reações. Não sei se já observastes este fato. Quando estais sempre contestando, perguntando, duvidando, isso se torna vosso próprio desafio — desafio muito mais estrito e vital do que as exigências externas da sociedade.

Mas esse constante contestar, esse contínuo inquirir, duvidar, analisar, é ainda produto de descontentamento, não? É ainda produto do desejo de saber, do desejo de descobrir que finalidade tem a vida, se a finalidade é *esta*, se é *aquela*. Assim, embora tenha rejeitado os desafios externos, a pessoa continua escrava da experiência, do "desafio e reação". Há um estado de conflito interior, e também este conserva a pessoa ativa — muito mais ativa do que o faz o conflito exterior.

Vede, por favor, que não estou dizendo nada de chocante. É isso que realmente se passa com todos nós. Quanto mais intelectuais e sutis somos, tanto mais rejeitaremos a óbvia propaganda das religiões e dos políticos. Mas temos então nossos próprios "desafios", nossas próprias exigências e padrões, nossa própria vitalidade para inquirir; e isso indica, por certo, que continuamos dependentes do estímulo a fazer uma pergunta e exigir uma resposta. Tanto os "desafios" interiores como os exteriores, com suas reações, indicam uma mente condicionada que está ainda à procura de resposta, ainda investigando às apalpadelas, e, por conseguinte, no campo da vontade e, portanto, nos domínios do desespero.

Ora, quando uma pessoa compreendeu profundamente e, portanto, rejeitou tanto os desafios exteriores como os interiores, a experiência se torna então muito insignificante, porquanto a mente está sobremodo desperta; e assim alertada, ela não necessita de experiência. Só a mente embotada busca experiência, depende do estímulo do "desafio e reação". Aprisionada que está em seus próprios conflitos e sua própria confusão, essa mente depende da aquisição de conhecimentos e, pela dependência, se torna cada vez mais embotada.

Não estou advogando a ignorância. Para mim, ignorância não é falta de conhecimentos livrescos. Se não lestes os mais recentes romances, se não estais familiarizado com a filosofia do materialismo dialético, etc. etc., isso, em si, não significa que sejais ignorante. Para mim, ignorância é não perceber as operações da própria mente. A falta de autoconhecimento é a essência da ignorância. Não estou dizendo que devemos "jogar fora" tudo o que se aprende dos livros. Não podemos fazê-lo. Quero apenas salientar que a pessoa desperta não necessita do estímulo do "desafio e reação". Achando-se atenta, ela não exibe nenhuma experiência. É a luz de si própria. E, decerto, pode viver neste mundo de "culpa", sem ansiedade e sem desespero. O indivíduo não desperto, dependente, ignorante de si mesmo, é que se encontra num estado de conflito e sofrimento.

Agora, depois de ouvirdes tudo isso, não digais: "Como poderei ter uma mente vigilante? Como poderei adquiri-la? Não podeis adquiri-la. Não é coisa que se compre, não é coisa adquirível pela prática. Não podeis procurá-la e achá-la. Não há método, não há sistema capaz de suscitá-la. O importante é escutar simplesmente, sem desejar, sem procurar, porque esse escutar é um estado mental em que não há nenhuma interferência do conhecimento, nenhuma atividade do pensamento; e nesse silêncio mental há criação, compreensão.

Se escutastes realmente, neste sentido da palavra, estareis então fora do conflito, do sofrimento e do desespero. Porque, no *escutar*, ocorre um milagre — o único milagre real.

Vede, senhores, estamos envelhecendo — e mesmo os jovens o estão — e quanto mais velhos nos tornamos, tanto mais solidamente nos fixamos em nosso condicionamento. Nossos hábitos de pensamento se tornam mais "pesados", nossos dias cada vez mais cheios de rotina, e tudo quanto ameace o habitual, o rotineiro, gera ansiedade e medo. E, inevitavelmente, no fim de tudo, aguarda-nos a morte — a qual se torna outro horror. Assim, não é a mente sagaz, não é a mente ilustrada, nem aquela que se tornou filosófica e tudo

racionaliza, a fim de não ser perturbada — não é nenhuma dessas, mas só a mente livre, desimpedida, que é capaz de compreender, capaz de conhecer ou perceber aquela coisa ordinária que se pode chamar "o desconhecido", "o imensurável", ou o que quiserdes.

Com a mente renovada, pode-se viver neste mundo. Podeis ter família, ler ou não ler os "horríveis" jornais, ouvir concertos, ir para o escritório todos os dias — tudo isso podeis fazer naquele estado de "inocência". Podeis viver uma vida plena, e a vida terá significado muito maior. Escolhi este assunto para esta manhã, porque a maioria de nós evidentemente passa a vida em diferentes graus de superficialidade. A questão é, realmente, se há possibilidade de tornar profunda a mente superficial. Eu acho que há. A mente superficial poderá tentar tornar-se profunda, mediante esforço para penetrar em si própria, mas continua superficial. Já se pudermos compreender todo esse processo de experiência, de "desafio" e reação, tanto exteriores como interiores, ver-nos-emos, então, imediatamente, fora dele. Nossa mente é então jovem, ainda que tenhamos um corpo velho; torna-se clara, penetrante, fresca, e é só nesse estado de inocência que o real pode existir.

Podemos conversar sobre o que estive dizendo esta manhã?

INTERPELANTE: *Parece-me que não pode haver a percepção de termos tido uma experiência, se não tivermos um depósito de experiência, o qual cria a idéia do tempo como passado e futuro.*

KRISHNAMURTI: Acho que foi isso que estive dizendo. O passado é conhecimento, não? O que ontem fostes, vossas aspirações, vossas existências, vossos ciúmes, vossas vaidades — isso é o passado, é o tempo no sentido psicológico, e sem passado, sem esse "ontem psicológico", existe um "amanhã psicológico"? Se nego todos os dias passados, se morro para eles, extirpando-os como que por meio de uma operação cirúrgica — pode haver, então, um amanhã? E pode haver experiência para o homem que está vivendo plenamente? Decerto não podeis viver plenamente quando estais recordando o pretérito e antecipando o futuro. Mas, quando há percebimento pleno, no sentido de viver totalmente de momento em momento, há então experiência?

Notai, por favor, que isto é uma questão de fato e não uma questão retórica ou ideológica. Se realmente não me preocupo com

o que ontem aconteceu, se fui ofendido, se senti ciúme, se fui insultado — se extirpei tudo isso completamente, há então sentimento do tempo, sentimento de passado e futuro?

Vede, o tempo é experiência. A lembrança do prazer e da dor que tivemos, a exigência de preenchimento, de realização, de "vir a ser" alguém — tudo isso implica o tempo. E é uma questão realmente complexa, pois em geral o tempo nos é muito importante. Não me refiro ao tempo cronológico, o tempo medido pelo relógio, mas à estrutura temporal criada pela psique, pelo pensamento; e isso sugere a questão relativa ao cultivo da memória.

Conforme sugere aquele cavalheiro, tem de haver tempo enquanto houver um centro de onde experimentamos. Enquanto houver esse centro — um centro condicionado que reage a cada desafio, consciente ou inconsciente — não pode haver nenhum momento de criação. Quer sejais músico, pintor, cientista, químico, quer sejais uma pessoa simples, sem especiais habilitações — não sei se alguma vez já observastes, em vós mesmo, esta coisa extraordonária: que, quando a mente está completamente quieta, quando o pensamento cessou inteiramente, quando não há mais movimento de ida-e-vinda, contemplação do passado ou do futuro — nesse momento de quietude se conhece algo inteiramente novo.

Mas essa "novidade" não é para ser reconhecida como o novo. Desde que reconheceis o novo, ele já se tornou velho, já não é "o novo". Nesse instante a pessoa precisa ficar — "ficar", não, esta palavra é inadequada — a pessoa precisa *ser*, sem voltar para trás nem saltar para a frente, sem nenhuma idéia do tempo. Tentai isso uma vez — "tentai", não, esta palavra é também inadequada. "Tentar" implica "tempo intermediário", e isso é absurdo. Não há nada que tentar, uma vez que não há "tempo intermediário". Ou temos "o novo", ou não o temos. E "o novo" está presente, com extraordinária vitalidade, espantosa potência, ao compreenderdes, no seu todo, o processo da experiência, do conhecimento, do buscar.

Espero vos estejais esforçando tanto quanto eu.

PERGUNTA: *Essa energia de que falais é limitada pela saúde física?*

KRISHNAMURTI: Em parte, não inteiramente. Naturalmente, a saúde física é necessária. Se sofreis constantemente dores torturantes, vossa energia se dissipa com isso. Quem conheceu a dor pode saber

dissociar-se dela, não fugindo, porém "ficando com ela", completamente. Quando dizemos para nós mesmos: "Queria que passasse esta dor; quando terminará ela?" — Isto é, quando o pensamento está operando em relação à dor — estamos aumentando e nutrindo a dor. Mas é possível "ficar" completamente *com* a dor — a não ser, naturalmente, que a pessoa perca os sentidos, e isso é outro caso, muito diferente. Eu sei o que estou dizendo, portanto não penseis: "Oh, vós não sabeis o que é dor". Todos temos dor. Se "viverdes com a dor", completamente, se não lhe resistirdes e para ela bem atentardes, vereis que, apesar da dor, por mais atroz que seja, tereis um diferente sentimento de vitalidade. Mas, por outro lado, a dor se torna um problema ligado ao tempo, porquanto a comparais com vossa lembrança de quando não a sentíeis.

"Viver com uma coisa" é algo verdadeiramente extraordinário. "Estive vivendo" com o barulho daquele ribeiro toda esta manhã; estive-o *escutando* enquanto vos falava, sem resistir-lhe, sem desejar repeli-lo. Assim, o ribeiro com seu murmúrio e sua beleza, e o vosso próprio falar, tudo faz parte daquele percebimento de que estamos tratando.

PERGUNTA: *Que direis sobre nossas responsabilidades e erros de ontem?*

KRISHNAMURTI: Todos nós temos certas responsabilidades, e há também os erros de ontem; mas, porque "transportar" para hoje esses erros? Esta é uma das questões. E que se entende por "responsabilidade"? É horrível a gente sentir-se "responsável". Por favor, não me entendais mal. Não estou dizendo que deveis tornar-vos irresponsáveis. Não estou tratando da "irresponsabilidade" — fazê-lo seria uma cômoda maneira de fugir ao problema. Sentis-vos "responsável" quando amais alguém?

INTERPELANTE: *Quando temos filhos, por eles nos sentimos responsáveis.*

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, nós estamos procurando compreender o que se entende por "responsabilidade". Não digais imediatamente: "Não devo sentir-me responsável por meus filhos?" Esta é uma maneira muito fútil de examinar uma coisa. Além de filhos, temos maridos, esposas, avós, sogras, casas, bens, empregos, e tudo isso nos faz sentir-nos responsáveis. Mas, que entendemos pela

palavra "responsabilidade"? O militar diz: "Eu sou responsável pela manutenção da paz". Que absurdo! A polícia diz que é responsável pela manutenção da boa conduta social. Cumpre-nos, pois, examinar o significado, o profundo significado dessa palavra.

Quando amo alguém, sinto-me "responsável"? Que entendo por "amor"? Amor é questão de apego? Vede, é justamente assim. Quando estou apegado a alguém, sinto-me responsável por essa pessoa, e a meu apego chamo "amor". Por favor, não concordeis nem discordeis. Este é um problema difícil. Penetremos mais o significado da palavra "responsabilidade". Eu penso que empregamos palavras, tais como "amor" e "responsabilidade", quando nenhum amor temos.

Estais calados!

INTERPELANTE: *Estamos tentando compreender-vos.*

KRISHNAMURTI: Não, senhor, não estais tentando compreender-*me*. Estou apenas dizendo que olheis para vossa pessoa, que penetreis em vós mesmos, para que todas essas coisas vos sejam reveladas.

Bem, continuemos com a palavra "responsabilidade", que é de tanto peso para todos nós. Dizemos: "Tenho de sair para o emprego todos os dias, quer goste, quer não, porque tenho uma família para manter e cabe-me a responsabilidade de ganhar dinheiro"; ou "É minha responsabilidade educar meus filhos"; ou "É minha responsabilidade ser bom cidadão, tornar-me soldado", e por aí além. Por que nos sentimos "responsáveis"? Quando é que empregamos essa palavra?

INTERPELANTE: *Quando damos importância ao "eu".*

KRISHNAMURTI: Se permitis sugerir, *olhai* para vós mesmo. Quando é que empregais a palavra "responsabilidade"?

INTERPELANTE: *Quando há o sentimento de obrigação.*

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, sentimento de obrigação. Ao sentirdes que sois obrigado, que *tendes* de fazer algo. Ultrapassai a palavra e olhai para o sentimento — olhai-o, como pai, como irmão, como marido, como esposa. Por certo, só falais em responsabilidade quando sentis que *tendes* de fazer uma certa coisa; dizeis que é vosso dever, que tudo depende de vós, etc.

Ora, pode uma pessoa viver neste mundo, sem o sentimento de responsabilidade, isto é, sem o sentimento de que o que está fazendo constitui um encargo? Vede, senhor, eu vim aqui, esta manhã, para falar-vos. Não achei que isso era um encargo, uma responsabilidade. Não estive dizendo para mim mesmo que tinha a obrigação de fazer, porque tanta gente viera para escutar-me. Não tenho o dever de falar — eu não o faria nessa base, ser-me-ia sumamente entediante. Jamais uso a frase "sou responsável" — é horrível. O que eu faço, faço-o porque gosto de fazer — o que não significa que daí extraio satisfação, ou que me preencho, falando. Tudo isso é completamente imaturo, infantil. Mas, quando a pessoa ama, então as palavras "responsabilidade" e "dever" desaparecem de todo. Havendo amor, não há pátria, não há sacerdotes, não há soldados, não há deuses, e não há guerras.

25 de julho de 1962.

VIRTUDE E SOLIDÃO

(SAANEN — III)

Estivemos falando outro dia sobre o significado do conhecimento e como o conhecimento impede a clareza da percepção. Examinamos essa matéria mais ou menos profundamente e nesta manhã desejo falar acerca da virtude. Para investigar esta questão é preciso considerar a influência da sociedade, o significado social da virtude e da autoridade, e também o estado de solidão. Todos esses fatores estão presentes na palavra "virtude".

Temos, em primeiro lugar, a questão da influência social, de como somos moldados pela estrutura sociológica e psicológica da sociedade. A maneira como pensamos, a maneira como agimos, nosso senso de responsabilidade, se posso empregar esta palavra, sobre a qual estivemos falando outro dia — tudo isso é resultado da influência social. Psicologicamente, não estamos separados da sociedade. Nossas reações, nossos pensamentos resultam de nosso condicionamento, o qual é determinado pela estrutura psicológica da sociedade. Embora sejamos educados em escolas e colégios, e adquiramos uma certa porção de conhecimentos técnicos em várias especialidades, em regra estamos à mercê da sociedade. Ela é que nos molda o caráter. Nossas idéias religiosas são condicionadas pela sociedade, pela cultura * em que nascemos. A influência da sociedade molda todo o nosso ser. Somos católicos, protestantes, judeus, hinduístas, *isto* ou *aquilo*, com o correspondente conjunto de dogmas, crenças e superstições. Dentro desse padrão cultivamos o que chamamos nossos próprios "valores", mas também aí estamos sendo influenciados, consciente ou inconscientemente, por uma multidão de coisas — pela alimentação, pelo clima em que vivemos, pelo vestuário, pelos jornais,

* Cultura: grau de civilização de um povo. (N. do T.)

revistas e livros que lemos, pelo rádio e a televisão. Se não compreendemos todas essas influências, penetrantes e contínuas, se delas não ficarmos cientes, a virtude perde seu significado. Quando não há compreensão da influência, seguimos meramente um padrão que se tornou respeitável — e respeitabilidade não é virtude. Pelo contrário, respeitabilidade é uma coisa horrível e nada, absolutamente, tem em comum com aquilo que se pode chamar "virtude" e que mais adiante examinarei.

Assim, se desejamos realmente compreender a extraordinária solidez, vitalidade e força da virtude, temos, em primeiro lugar, de ficar cônscios da influência — não só da influência que recebemos conscientemente, mas também da influência inconsciente, para a qual, de ordinário, somos tão receptivos, e que é muito mais difícil de perceber.

Ora, é verdadeiramente possível ficarmos livres da influência — a influência de nossa mulher ou marido, de nossos filhos, da sociedade, de tudo o que nos cerca? É possível ficarmos livres dessa insistente influência exercida a todas as horas, na forma de propaganda, pelos jornais e livros? Se dizemos ser impossível ficarmos livres dela, nesse caso o assunto está encerrado. Não há mais necessidade de continuar a investigar, e a virtude se torna mera imitação, ajustamento a padrão. A sociedade, com seu código de ética, suas responsabilidades, seus valores tradicionais, exige insistentemente que o indivíduo se ajuste ao padrão estabelecido, e a esse ajustamento chama moralidade: e imoral é a pessoa que se desvia do padrão. Mas, por certo, precisamos ficar totalmente livres do padrão, libertar-nos completamente da estrutura psicológica da sociedade — e isso significa que temos de perceber toda essa estrutura em nós mesmos, tanto na mente consciente como na inconsciente. E é muito difícil ficarmos cônscios de nosso condicionamento inconsciente. Conscientemente, podemos rejeitar a estrutura moral da sociedade, e há muita gente que o faz; "sacodem os ombros" e a colocam de lado. Mas a influência da sociedade não se restringe ao século atual, inclui igualmente o imenso passado, com toda a sua propaganda, sua tradição, e esse padrão está profunda e firmemente radicado no inconsciente; e para se estar inteirado do padrão inconsciente, requer-se uma certa qualidade de negação.

Espero não estejais apenas ouvindo as palavras e concordando ou discordando, porém experimentando realmente, para verdes até que profundidade podeis penetrar em vós mesmos, no vosso inconsciente. Serão totalmente inúteis estas reuniões, nenhuma significação

terão, se escutardes *esporadicamente* algumas palestras e depois sairdes daqui. E não digais: "Isso eu não posso fazer", pois ninguém o fará para vós. Cada um tem de trabalhar pela sua própria transformação.

O inconsciente é o depósito oculto do passado, individual e coletivo. É o repositório de séculos de propaganda, de toda a experiência e conhecimento, das tradições e complexidades da raça. Agora, por mais engenhoso que vós sejais, que o analista seja, a mente consciente não pode abeirar-se do inconsciente por meio de análise. Pela análise só se pode arranhar a superfície do inconsciente, não é possível aprofundá-lo — como já admitem hoje em dia os analistas e psicólogos. A mente consciente foi educada, "treinada" numa determinada direção, adquiriu conhecimentos técnicos em certas especialidades, para que a pessoa possa ganhar a vida — sendo isso o que se chama "o acesso positivo à vida"; mas por esse caminho não é possível abeirar-nos do inconsciente.

Espero me esteja expressando claramente. Senão, podeis fazer-me perguntas depois, para examinarmos mais a questão.

O inconsciente, que é "o oculto", tem de ser considerado negativamente. Entendeis o que quero dizer com "acesso negativo" e "acesso positivo"? Quando temos um problema, a maioria de nós a ele se aplica positivamente, e isso significa que procuramos modificar *o que é,* de acordo com um certo padrão. Como somos pessoas "positivas", nossa maneira de considerar o inconsciente é também positiva. Na realidade, não somos absolutamente "pessoas positivas", porquanto nosso método positivo é uma reação ao negativo. Espero estejais compreendendo.

Estar cônscio de uma coisa negativamente — como, por exemplo, o agitar-se daquela cortina ou o murmúrio daquele ribeiro — é olhá-la e escutá-la sem resistência, sem condenação, sem rejeição. Do mesmo modo, é possível inteirar-nos da totalidade do inconsciente — e esse é o percebimento negativo. Mas este estado de negação não é o oposto do "positivo"; nada tem que ver com o positivo, porquanto não é uma reação.

Se desejais compreender alguma coisa, vossa mente deve achar-se num estado de negação; e ela não se acha em estado de negação, quando rejeitais ou condenais o que vedes. O estado de negação não significa "estar em branco". Pelo contrário, estamos cônscios de tudo, vemos e ouvimos com a totalidade de nosso ser — e isso significa que não há resistência, não há rejeição, não há comparação, não há

julgamento. E acho que é possível *escutar* dessa mesma maneira a todas as reações do inconsciente, isto é, estar negativamente cônscio do inconsciente. Se puderdes fazer isso — e essa é em verdade a única maneira de nos abeirarmos do inconsciente — então o inconsciente se revelará totalmente, imediatamente. Naturalmente, podeis proceder passo a passo, analisando cada forma de condicionamento, cada tradição, cada valor, conforme vêm à superfície, sendo isso um trabalho extremamente prolongado e entediante; e por essa maneira o vosso exame nunca será total.

Agora, mediante essa percepção negativa, ou não discriminadora, podeis penetrar completamente o condicionamento do inconsciente. Vosso condicionamento de nacionalidade, de valores tradicionais, de herança racial, o condicionamento que vos foi imposto pela atual sociedade — podeis penetrar tudo isso imediatamente e começar, então, a compreender o significado, a verdade ou a falsidade da influência.

A maioria de nós tem dividido a influência em boa e má. Pensamos que há "influência boa", e que é correto termos a boa influência. Mas, para mim, a influência é sempre a mesma: perverte e desfigura. A mente influenciada em qualquer direção não pode ver com clareza, é incapaz de percebimento direto. Se uma pessoa compreender isso, não apenas intelectual ou verbalmente, porém totalmente, com todo o seu ser, já não estará então escravizada a qualquer forma de influência.

Por favor, não considereis o que se está dizendo como algo teórico, ou algo não aplicável a vós, porque já sois bem velho ou ainda jovem, ou porque já estais bastante condicionado, ou porque tendes muitas responsabilidades. Tudo isso é puro contra-senso e mera fuga ao fato de não desejardes verdadeiramente compreender, em sua inteireza, o processo da influência. E muito importa compreender o processo da influência, porquanto é a influência que nos faz ajustar-nos à moralidade respeitável, a qual se apóia na autoridade da tradição, na autoridade da sociedade, na autoridade de um cargo; e dessa maneira a autoridade se torna predominante em nossa vida. A sociedade exige obediência, a obediência que uma mãe espera de seu filho, e, porque somos escravos da influência, aceitamos instintivamente a autoridade da sociedade, a autoridade do sacerdote, a autoridade do símbolo, a autoridade da tradição. Em casos tais, como "conservar a direita" na estrada, pagar impostos, etc., devemos naturalmente aceitar a autoridade da lei — mas não é a esse respeito que estamos falando. Tratamos do impulso psicológico para obedecer, o qual implica escravização à influência.

Não estou apenas fazendo um discurso para vós ouvirdes. Estamos fazendo juntos uma certa coisa — pelo menos espero que a estejamos fazendo juntos — que é: estamos examinando, no seu todo, a questão da virtude. Se compreendemos corretamente a virtude, ela liberta uma enorme vitalidade, e é dessa vitalidade, dessa energia, que necessitamos para realizar a transformação completa de que falamos em nossa primeira reunião. Assim, ao me ouvirdes, vós mesmos deveis trabalhar, e não eu, para vós. A maioria de nós se contenta em ir a um torneio de tênis para observar os jogadores; nunca tomamos parte no jogo, ficamos só observando, escutando, e apreciando o jogo dos outros. Mas, aqui, devo dizer que a coisa não é assim, de modo nenhum. Aqui, vós tendes de trabalhar tanto quanto o orador, porque, do contrário, a reunião não tem valor nenhum. Com "trabalhar" quero dizer "escutar o que se está dizendo e descobrir se se aplica a vós mesmo" — e isso significa verdes diretamente o fato, a verdade ou a falsidade destes dizeres. Ver o fato não significa aceitar nem rejeitar os dizeres do orador, mas estar tão vivamente consciente que, se forem verdadeiros, aprendeis todos os matizes de cada palavra, aplicando-os na auto-investigação. É isso que entendo por "trabalho". Se assim fizerdes, quando sairdes deste pavilhão sereis virtuoso, e digo-o categoricamente: tereis virtudes.

Assim, cumpre compreender a aceitação da autoridade, que realmente exprime exigência psicológica de segurança, de certeza, de garantia de que se está seguindo o caminho correto. Em geral detestamos a incerteza a respeito de qualquer coisa, principalmente sobre nós mesmos. Mas, notai, *precisamos* estar incertos para podermos descobrir o que é verdadeiro. Temos de libertar-nos de toda autoridade, todo seguir, todo obedecer, e isso é coisa dificílima, pois a liberdade não é uma reação ao fato de que sois prisioneiro. Só quando compreendeis individualmente vossa escravidão às palavras, à influência, à autoridade — *compreender,* e não, reagir — pode haver liberdade.

A autoridade, pois, precisa ser compreendida, seja a autoridade do sacerdote, seja a do político, do livro, do especialista, do vizinho, ou a autoridade de vossa própria experiência. E, como já vimos, para compreender algo, deve a mente achar-se num estado de negação. Para compreenderdes vosso filho, deveis observá-lo quando brinca, quando chora, quando come, quando dorme; e, quando o comparais com outra criança, não o estais observando. Da mesma maneira, cumpre observarmos o desejo instintivo de obedecer, de seguir, de ajustar-se, de imitar; é preciso examinarmo-lo, com profundeza, den-

tro em nós. O ajustamento é obviamente necessário em certas coisas. A língua de que nos servimos para falar baseia-se em ajustamento a um padrão lingüístico estabelecido, e seria absurdo rejeitar esse padrão, porque então não teríamos meios de nos comunicar uns com os outros. Não me refiro ao ajustamento no sentido de aceitar certos fatos necessários, e óbvios, sobre os quais todos estamos de acordo; refiro-me ao ajustamento psicológico, à aceitação ou imitação psicológica, que representam, essencialmente, o desejo de segurança.

Em regra, tememos errar, estamos sempre a buscar o êxito neste mundo, ou psicologicamente desejamos "chegar a alguma parte"; por conseguinte, a obediência, que significa aceitar a estrutura psicológica da sociedade, se torna extraordinariamente importante. Se compreenderdes o pleno significado disso, vereis que a essência mesma da virtude é a solidão. Se não estais completamente *só*, não sois virtuoso. A mente só está *só* quando compreendeu a influência e não se deixa contaminar nem apanhar por ela. Essa mente já não busca posição nem poder, e, por conseguinte, está livre da autoridade, da obediência, do seguir. O estado de solitude não é uma reação, não é uma fuga à multidão; não significa retrair-se, tornar-se eremita, viver no isolamento, pois tudo isso é reação. E com a palavra "solitude" quero referir-me a uma coisa completamente diferente de "isolamento".

É muito difícil comunicar a outra pessoa o significado ou a natureza do "estar só". Em geral nunca estamos sós. Podeis retirar-vos para as montanhas e viver como recluso, mas, ainda que fisicamente estejais sozinho, estareis ainda acompanhado de vossas idéias, vossas experiências, vossas tradições, do conhecimento de coisas passadas. O monge cristão, em sua célula monástica, não está sozinho; está em companhia de sua idéia de Jesus, de sua teologia, de suas crenças e dogmas, de seu especial condicionamento. De modo idêntico, o *sannyasi* da Índia, que se retira do mundo e vive no isolamento, não está só, porquanto ele também vive com suas lembranças.

Refiro-me a uma solidão em que a mente se acha de todo livre do passado; e só assim a mente é virtuosa, porque só nessa solidão pode haver renovação. Direis, talvez: "Isto é pedir demais. Ninguém pode viver assim neste mundo caótico, em que todos têm de ir diariamente para o trabalho, ganhar a vida, gerar filhos, tolerar as 'implicâncias' da mulher ou do marido, etc., etc." Mas eu acho que o que se está dizendo está diretamente relacionado com a vida e os atos de cada dia, porque, do contrário, não teria valor nenhum. Dessa solidão surge uma virtude viril e impregnada de um extraordiná-

rio sentimento de pureza e suavidade. Não importa se cometemos erros; o importante é termos esse sentimento de estarmos completamente sós, não contaminados, porque só então a mente pode conhecer ou perceber aquilo que transcende a palavra, que transcende o nome, que supera todas as projeções da imaginação.

Talvez queirais fazer perguntas sobre este assunto que, juntos, estivemos considerando nesta manhã.

PERGUNTA: *Se no ato de escutar não há experimentar, então o escutar fica no nível verbal — e isso é de pouco ou nenhum valor. Mas, para experimentar, necessita-se de grande sensibilidade; e como podemos ter essa sensibilidade?*

KRISHNAMURTI: Senhor, o escutar não é um ato de experimentar. Vou explicar o que quero dizer. Se escutais da maneira que tenho tentado explicar-vos, não há então entidade ou centro que experimenta. Escutais com todo o vosso ser — e vosso ser não tem limites, não está restrito às palavras de Krishnamurti. Mas, se, escutando o orador, escutando aquele rio, as aves, o vento entre as árvores, ouvis e vedes de um centro, nesse caso estais experimentando e essa experiência se acrescenta a outras mais e só pode aumentar o próprio condicionamento. Ao passo que no escutar e olhar "sem nenhum centro", sem traduzir verbalmente o que se ouve e vê, cessa completamente a idéia de experimentar; só há então o fato, e não *vós* experimentando o fato. Isso talvez requeira melhor explicação.

Podeis olhar para uma flor de duas e diferentes maneiras. Olhá-la "botanicamente", isto é, com todos os conhecimentos e informações relativas às flores, colhidos nos livros, etc. Olhais a flor com esses conhecimentos, e através deles experimentais a peculiar natureza ou condições de existência da flor. Essa é uma maneira de olhar a flor. A outra maneira é olhá-la não botanicamente, olhá-la *sem* conhecimento — se entendeis o que quero dizer com "olhar sem conhecimento". "Olhar sem conhecimento" vossa esposa, vossos filhos, os fatos ocorrentes nas relações, é vê-los sem as mágoas, inimizades, crueldades, insultos, imposições, anteriormente experimentados. Tudo isso, que faz parte do conhecimento, desapareceu e vós olhais diretamente *o que é*. Esse mesmo olhar, em que não há experiência nova, é a mais elevada forma de sensibilidade.

A pessoa que "experimenta" um poente não é sensível. Poderá dizer: "Que beleza, que maravilha!" e ficar extasiada com o pôr-do-Sol, mas essa pessoa não é sensível. Ser sensível implica um estado de espírito em que só existe o fato, e não as vossas lembranças relativas ao fato. Esse perceber, esse ser, esse escutar de cada momento tem na vida um efeito extraordinário. Não vos deixeis arrebatar pela intensidade ou entusiasmo do orador. Não vos deixeis hipnotizar, mas observai, escutai, e descobri por vós mesmos.

PERGUNTA: *Ainda que não vos torneis para nós uma autoridade, não nos estais influenciando com vossas palavras, vossas maneiras, gestos, etc.?*

KRISHNAMURTI: Tenho dito que toda forma de influência, até a influência deste orador, é destrutiva. Quando sois influenciados, sois destruído, tornai-vos soldado, um seguidor, um autômato. Mas se — sem comparar, julgar, avaliar — escutais para descobrirdes individualmente qual é o fato real, se o que se está dizendo é verdadeiro ou falso, nesse caso estais além de toda autoridade, além de toda influência, não importa de quem seja.

Senhores, quando falo de influência, refiro-me a todas as espécies de influência, e não a uma determinada influência. Ao escutarmos, temos de estar intensamente cônscios, para não nos deixarmos influenciar, nem conduzir. Aqui não há nenhuma forma de propaganda. Não estou tentando converter-vos a coisa alguma — isso seria horrível. Estou apenas assinalando o que me parece serem fatos psicológicos — e vós podeis acolher ou deixar de acolher o que estou dizendo. Tratando-se de fatos, então, naturalmente, vós tendes de escutá-los, não porque eu o digo, mas simplesmente porque são coisas reais. Mas é de suma importância o *como se escuta um fato*. É um fato, por exemplo, que um trem está passando. O importante é escutar o barulho do trem sem resistir a ele, porque, no momento em que resistis, estais sendo influenciado. Mas, se puderdes estar consciente daquele barulho do mesmo modo como atentais para o murmurar de um riacho ou do vento entre as folhagens; se puderdes *escutar* um fato *sem* resistência, seja uma coisa dita por vossa mulher, por vosso filho, por um carregador, seja um dito deste orador, descobrireis então por vós mesmo que podeis ultrapassar toda a influência, que podeis livrar-vos completamente da destrutiva influência da sociedade.

PERGUNTA: *Quando há total integração da mente, das emoções e do corpo, não há nesse estado amor?*

KRISHNAMURTI: Que significa a palavra "integração"? Significa unir ou harmonizar, reunindo diferentes partes. Ora, não podeis integrar o corpo, a mente e os sentimentos, porque estão sempre fragmentados. Não é possível reunir o que está fragmentado por conflito interior.

Tende a bondade de prestar a isto um pouco de atenção. Todos nós gostamos muito desta palavra "integração". Os políticos a empregam, aplicam-na os psicólogos, e nós também gostamos de tagarelar, discorrer de diferentes maneiras sobre essa palavra. "Integrar" faz supor uma entidade que está juntando as diversas partes — uma entidade exterior ou interior, que está colocando os fragmentos em harmônica justaposição. Enquanto existir a entidade que forceja para "integrar", não haverá integração, pois existe contradição, uma divisão entre a entidade e as partes que estão separadas, entre a idéia e o fato. Há um conflito, criado pelo esforço que se faz para juntar os vários fragmentos, e toda "integração" assim feita nada significa. Ainda que muito falemos sobre isso, a integração não é possível. Mas, se tiverdes penetrado fundo na questão e compreendido a impossibilidade da integração enquanto existe uma entidade que procura reunir os fragmentos — se tiverdes compreendido isso completamente, vereis então que se verifica uma operação bem diferente. Não há então entidade nenhuma e, assim, nenhuma contradição e, por conseguinte, existe harmonia. E só nesse estado isento de esforço, de fragmentos para reunir, em que o percebimento é total, sensível — só então há possibilidade de haver o que chamamos Amor.

PERGUNTA: *Toda técnica implica esforço, ajustamento, disciplina, resultado, e o que dizeis parece negá-lo. Isso é exato?*

KRISHNAMURTI: Senhor, esta é uma questão imensa, e não desejo examiná-la agora. Faremos isto noutra ocasião. Mas, para compreender, a pessoa precisa realmente estar livre de esforço, de todas as técnicas, métodos, sistemas, e não, simplesmente, dizer: "Bem, agora vou viver sem fazer esforço" — pois isso não significa coisa nenhuma.

Antes de concluir, desejo voltar ao que estive dizendo no começo desta reunião.

Estar só, sem se retirar da sociedade, sem se tornar eremita, é algo extraordinário. A pessoa está *só* porque compreendeu o significado da influência, da autoridade. Compreendeu inteiramente a questão da memória, do condicionamento e, em virtude dessa compreensão, surge uma solidão inatingível pela influência. E não tendes idéia de quanta beleza há nessa solidão, e que extraordinário sentimento de virtude, ou seja de vitalidade, pujança, força, ela encerra. Mas isso requer que compreendamos a fundo o nosso condicionamento.

26 de julho de 1962

DA ENERGIA

(SAANEN — IV)

Falamos há dias sobre a vitalidade e a força da virtude, e agora desejo examinar mais profundamente a questão da energia — a necessidade de uma energia não criada pelo conflito ou a resistência. Essa energia é de suma importância, porque dela necessitamos para aprofundar aquele estado que transcende toda experiência e que não é matéria de fé.

Mas, em primeiro lugar, acho que deveríamos esclarecer-nos mais uma vez quanto à intenção destas reuniões. Este orador não está interessado em nenhuma espécie de propaganda; não deseja converter-vos a determinada maneira de pensar ou norma de ação, e tampouco está tentando criar uma atmosfera ou ambiente especial, no qual o indivíduo possa produzir aquela energia total. Mas existe, indubitavelmente, além da razão e do pensamento, uma energia que se manifesta quando é eliminado o conflito, de qualquer espécie que seja. O próprio conflito gera uma certa forma de energia, nascida da reação, da resistência, da repressão, da contradição; mas é necessário que o conflito desapareça completamente, para que se torne existente aquela outra energia.

Ora, antes de entrarmos na questão relativa ao esvaziar a mente de todos os conflitos, todas as idéias, todos os conceitos, deve-nos ficar bem clara a função — se posso empregar tal palavra — que, como ouvintes, aqui desempenhais. Estais escutando unicamente com o fim de vos ajustardes ao que se está dizendo? Estais escutando com o fim de encontrardes falhas e contradições nas palavras do orador? Procurais criar, como resultado do que se está dizendo, um padrão pessoal de ação? Enquanto escutais, que ocorre, na realidade, em vossa mente? Desejo falar a respeito de algo extremamente sério e que, se compreendido, poderá produzir, de imediato, completa revo-

lução na mente. Desejo entrar nesta matéria um tanto extensa e profundamente — se não vos parece presunção de minha parte assim me expressar — e eis porque ressalto a importância de averiguardes qual é o estado de vossa própria mente enquanto escutais.

Estais meramente ouvindo as palavras e tentando relacionar ou ajustar o que já sabeis ao que se está dizendo? Estais ouvindo indolentemente, nesta aprazível manhã, como que para matar o tempo, buscando entretenimento no chamado sentido espiritual ou religioso? Ou apenas observais vossa própria mente, explorando-lhe os ocultos recantos, os obscuros recessos e regiões desconhecidas? Se deveras observais vossa própria mente, então vós e eu, como indivíduos, poderemos produzir juntos essa coisa a cujo respeito vou falar. Mas, para isso requer-se um estado de completa vigilância, de atenção.

Não há atenção sempre que há qualquer espécie de resistência. Não há atenção, se há esforço ou luta para compreender. Se desejais compreender algo, deveis aplicar-lhe vossa atenção completa. Para vos inteirardes do conteúdo do que se vai dizer, impende que vosso corpo, vossa mente, vossas emoções, todo o vosso ser se devote a esse fim. E então, esvaziando a mente de seu total conteúdo, descobrireis por vós mesmo que se manifestará uma extraordinária energia. Isso poderá parecer absurdo ou impossível, ou mera fantasia; mas nós não nos estamos ocupando com idéias. Ocupamo-nos com fatos — os fatos que realmente se estão verificando em nossa própria mente. Para percebermos o significado desses fatos, deles devemos cientificar-nos; cumpre dar-nos conta de cada movimento do pensamento, sem de maneira nenhuma procurar corrigi-lo ou alterá-lo. E, assim conscientes, podemos começar a investigar o conflito íntimo de cada um de nós. O conflito, em qualquer forma, exterior ou interior, destrói a clareza; e só da clareza pode provir aquela energia a que me refiro.

Há dois tipos de energia; há a energia gerada pela resistência, pela contradição, pelo conflito em nossas diárias relações, a qual produz certas atividades com que todos nós estamos familiarizados. E existe outro tipo de energia não resultante de resistência, contradição, conflito; mas não se pode saltar de um tipo para o outro, sem se compreender o conflito, porque, enquanto houver conflito de qualquer natureza e por mais sutil que seja, não poderá existir a verdadeira energia. Esta energia só se torna possível com a total cessação do conflito; e não se pode pôr fim ao conflito quando se tem um *motivo*, o desejo de alcançar a autêntica energia.

Evidentemente, todos nós temos energia física e mental em variados graus. Como a maioria dos habitantes do Ocidente vivem fisicamente com certo conforto e bem alimentados, e gozam de uma certa dose de folga, eles têm em geral mais energia física do que os habitantes do Oriente, onde há menos comida e mais desconforto, e excesso de população. A energia física, naturalmente, é necessária; mas estamos agora falando sobre a energia mental, sem a qual não podemos ter uma mente penetrante, clara, capaz de pensar sadiamente, sem tendências ou ambigüidades, sem idéias fantásticas, românticas ou ilusórias. E só pode haver essa energia, essa clareza mental, quando não há conflito de espécie alguma.

Como sabeis, o conflito esgota a mente. Conflito supõe um problema humano, e todo problema humano, em qualquer nível que seja — um problema sexual, um problema econômico, um problema de relações, um problema de virtude, um problema de morte, qualquer problema, enfim — causa desperdício de energia mental e impede a clareza de percepção. E é possível viver neste mundo sem nenhum problema? Isso nós mesmos podemos verificar, mas só se compreendermos a essência do conflito.

Deixai-me dizer aqui que não estais escutando com o fim de "alcançar" um determinado estado mental ou de captar uma certa vitalidade, *com que fazerdes* frente ao vosso cotidiano viver. Escutais com o fim de descobrir os vossos próprios problemas, e isso significa tornar-vos cônscios de vossas próprias atividades e contradições.

Ora, que se entende por "contradição"? Há contradição, conflito interior, enquanto temos uma idéia, um conceito, um padrão de ação, um alvo ou um ideal, porque tal coisa é irreal, não constitui um fato. O fato é uma coisa, e a idéia relativa ao fato outra coisa, e essa divisão gera conflito. Não compreendo o fato — o que somos realmente — criamos uma idéia, um padrão de "como ser bom", de "como deve ser o nosso estado interior"; criamos o protótipo, o herói, o exemplo, o estado perfeito, e lutamos para aproximar desse ideal o nosso viver. E eu estou bem certo de que ides agora criar a idéia da "ausência de conflito", idéia que se tornará o padrão.

Ora, por que criamos o padrão? Criamos o padrão porque desejamos evitar o fato, não importa qual seja ele. Como estamos insatisfeitos e não compreendemos o fato — *o que somos* — criamos a idéia do que *deveríamos ser*, e por isso há uma divisão, uma contradição. No mundo inteiro se verifica esse processo, essa fuga ao que *é*, mediante a busca inspirada pela idéia do que *deveria ser*. E, de-

certo, enquanto lutamos para efetuar uma aproximação entre o fato e a idéia, o conflito é inevitável.

A maioria das nossas ações baseiam-se em idéias, não é verdade? Somos impelidos pelo pensamento "devo" ou "não devo", significando isso que nosso agir está radicado numa idéia e que estamos sempre procurando aproximar os dois (o fato e a idéia). Vamos falar a respeito da total eliminação da idéia e, por conseguinte, da completa cessação do conflito — mas isso não significa que ides adormecer em conforto, em vosso próprio mundo livre de ideação. Pelo contrário, requer-se, de vossa parte, completo percebimento.

Para mim, qualquer espécie de conflito — nas relações, no estudo, no amor, no pensamento — é prejudicial, porque embota e insensibiliza a mente; e para se ter essa extraordinária energia que capacita a mente a enfrentar e resolver qualquer problema, necessita-se de sensibilidade no mais alto grau. Todos os sentidos, todas as partes de vosso ser devem estar totalmente vivas, e isso só é possível quando compreendeis o inteiro processo do conflito — isto é, quando o conflito terminou.

Se de vez em quando faço uma pausa, é porque desejo saber até onde me tendes acompanhado — mas não quero dizer que me estejais seguindo, que eu seja vossa autoridade, quero apenas saber até que ponto tendes compreendido, pois esta é uma questão bem complicada. Viver sem idéia é coisa muito diferente daquilo com que em geral estamos acostumados. Vivemos habitualmente com idéias, vivemos com os nossos pensamentos, nossos conceitos, nossas formulações; mas para mim essa não é a verdadeira maneira de viver, porquanto só cria conflito, sofrimento, confusão. Para viver de maneira total, completa, deve a mente estar livre de toda ideação, a fim de ser capaz de enfrentar o fato — *o que é* — de momento a momento, sem interpretá-lo. Mas nós estamos pesada e profundamente condicionados a esse conceito de luta. Vivemos no mundo ideologicamente, vivemos com idéias, com heróis, com exemplos, com padrões, buscamos o que *deveríamos ser*.

Ora, eu estou propondo eliminar tudo isso. Falo a respeito de fatos, e não de meras fantasias. Cada um, se observar, poderá ver por si mesmo que, havendo conflito, há confusão, há falta de clareza, sofrimento, angústia, toda sorte de perturbações. E é possível viver e atuar sem conflito? Cada um precisa agir, não só no mundo exterior, mas também interiormente. Cada um tem de ir para seu emprego, de fazer uma infinidade de coisas; mas é possível viver-se nes-

te mundo sem idéia e, por conseguinte, sem conflito? Pode haver atividade em que a mente não se esteja comparando com uma idéia? Não sabeis se isso é possível ou impossível. Eu digo ser possível e que essa é a única maneira correta de viver; mas isso requer muita compreensão, e, para compreenderdes, necessitais de forte energia e não, simplesmente, de uma vaga esperança ou aspiração.

A idéia, o conceito, o padrão nasce do pensamento, o qual por sua vez se baseia em nosso condicionamento. Todo o nosso pensar, por nobre, requintado ou sutil que seja, é resultado de nossa experiência, de nosso conhecimento. Não há pensamento sem o passado. Nosso pensar é mera reação da memória. E eu estou falando sobre a ação *sem* reação — ou seja viver sem o pensamento como reação da memória.

Neste mundo, há guerra, há a bomba atômica, e há os ditos pacifistas, aqueles que não desejam a guerra e falam sobre a proscrição da bomba; para eles, esse é o ideal. A bomba é unicamente um resultado, produto de um processo histórico plasmado por nosso nacionalismo, nossa ganância, nossa ambição, nossos preconceitos, nossas distinções de classes, nossas antagônicas inclinações religiosas. Todas essas coisas produziram a bomba, e não é bom "mexer com bombas". O importante é modificarmos o nosso modo de vida, o nosso modo de pensar. Mas ninguém quer fazer tal coisa. Ninguém deseja essa revolução total, e é dela que estou falando: da revolução total, que não é reação. O comunismo é uma reação ao capitalismo, por conseguinte não é verdadeira revolução. Enquanto houver nacionalismo, enquanto houver distinções de classes, enquanto houver patriotismo, identificação de um indivíduo com determinado grupo ou seita, política, econômica ou religiosa, haverá guerra. Para pormos fim à guerra, precisamos extirpar todo esse pensar condicionado.

Falo, pois, acerca de algo que não é reação. Compreendeis o que entendo por "reação"? Vós me insultais, dizeis alguma coisa que me desagrada, e eu reajo; ou agrada-me o que dizeis e, também, reajo. Mas, não será possível ouvir o que outro diz sem reagir? Por certo, se escuto para verificar a verdade ou a falsidade do que estais dizendo, então, desse escutar, dessa percepção, resulta uma ação não reativa.

Toda reação se baseia em idéia, em padrão de pensamento; assim, para uma pessoa ficar completamente livre de conflito, deve examinar esta questão do pensamento. O pensamento, na realidade, é mecânico, e nunca pode ser livre. O pensamento pode aspirar, criar,

imaginar, mas nunca pode ser livre, produto que é de nosso condicionamento, da memória, do conhecimento do passado. Olhar os fatos sem reação, interiormente e exteriormente, supõe olhá-los sem pensamento.

Direis, porventura: "Que absurdo é esse que estais dizendo?" Isso só será absurdo, se não seguistes desde o começo o que juntos estivemos considerando. Se vos limitais a "pegar" uma frase, tal como "viver sem pensamento", essa frase, naturalmente, parecerá disparatada, absurda. Mas, se tiverdes observado em vós mesmo cada movimento de pensamento e sentimento, agradável ou desagradável, se tiverdes observado, sem reação, as complexidades de vossa mente e compreendido o significado do pensar, descobrireis, individualmente, o que é viver, funcionar, agir, sem pensamento. Mas isso requer extraordinária lucidez.

Sabeis o que entendo por "conscientização"? Conscientização é ver o tremular daquelas folhas ao vento e ouvir as águas céleres daquele ribeiro; é observar a luminosidade das nuvens e o aprofundar das sombras; é estar ciente de todas as pessoas aqui presentes, com seus trajes de variadas cores, suas diversas opiniões, suas diferentes expressões fisionômicas. É perceber tudo isso e também vossas próprias reações — reações de preconceito, de simpatia e antipatia. É observardes, escutardes tudo, sem escolher, sem interpretar, sem condenar ou justificar; e fazer isso significa que compreendestes o vosso próprio *fundo,* vosso próprio condicionamento.

Afinal, nós fomos educados para condenar, concordar ou discordar, para comparar, justificar, resistir. Isso é tudo o que sabemos, é nosso *fundo* — fundo criado por nossa educação, na escola e às mãos da sociedade. Consideramo-nos alemães, ingleses, franceses, católicos, protestantes, hinduístas. Cremos ou não cremos. Isso é nosso *fundo*, e, quando esse fundo "reage", dizemos que estamos pensando. Pois bem. Estar cônscio é perceber e compreender todo o processo desse *fundo,* não só do fundo consciente, mas também do inconsciente. Porque nosso *fundo* é que se torna autoridade e cria conflito.

A pessoa que se interessa pela compreensão do conflito nenhum alvo tem e, por conseguinte, nenhuma frustração. Achamo-nos em maioria num estado de frustração. Desejamos tornar-nos famoso músico, grande estadista, queremos ser *isto* ou *aquilo*, mas não somos suficientemente capazes, suficientemente solertes ou o que quer que seja. Desejamos preencher-nos, mas somos impedidos pelas circunstâncias, por idéias, por nossa própria falta de capacidade, nosso desejo

de segurança e, assim, vemo-nos frustrados. E mesmo quando nos preenchemos há sempre, nesse preenchimento, a sombra da frustração.

Espero não estejais meramente seguindo minhas palavras, porém observando a vós mesmos.

Viver sem alvo, viver sem desejo de preencher-se, requer compreensão. Significa enfrentar fatos — o que na realidade se verifica na mente. E quando a mente conhece a si própria, quando observou e compreendeu a si mesma, vê então que todos os conflitos foram eliminados. E do vazio resultante provém aquela energia que nos é absolutamente necessária para prosseguirmos.

Divididos que estamos pelo conflito, em geral nos vemos em sofrimento, confusão e, por conseguinte, dispomos de escassa energia mental. Mas, depois que a mente se esvaziou de todo conflito, por ter compreendido o inteiro processo do pensar, da ideação, do cultivo de conceitos, ideais, protótipos, etc., desse vazio provém uma energia que vive de instante em instante, dia por dia, e a mente tudo pode fazer sem frustrar-se, sem medo. Só então existe a verdadeira paz interior. Não é uma paz "produzida". Paz que foi "produzida", paz disciplinada, é uma coisa sem vida, e eis porque a maioria das pessoas religiosas estão interiormente mortas.

Quando não há nenhum conflito mental, pois a mente compreendeu a si própria, surge aquela energia que já não busca experiência, que ultrapassa toda experiência. Achando-se vazia, mantém-se consciente; nela não há cantos obscuros, nem regiões desconhecidas; está inteiramente viva, vigilante. Se chegardes até aí, descobrireis por vós mesmo que o tempo perdeu toda a sua significação; porque só então compreendereis aquilo que está além das palavras, além dos símbolos, além de todo o pensamento.

Vamos debater o que estivemos dizendo esta manhã?

PERGUNTA: *Acho que abandonei todas as formas de preferência. Já não tenho gostos nem aversões. É surpreendente isso?*

KRISHNAMURTI: De modo nenhum, senhor! Mas não há aí um grande perigo — e não o digo em relação a vós, pessoalmente — de uma pessoa retrair-se da vida e, por conseguinte, se tornar totalmente insensível? Compreendeis o que entendo por "sensibilidade"? A

maioria de nós deseja ser sensível ao belo — à boa música, aos belos quadros, etc. — mas não desejamos ser sensíveis às coisas feias, barulhentas, sórdidas, pútridas, que se nos deparam nas ruas. Para serdes sensível num sentido, deveis ser sensível em ambos os sentidos. Não há verdadeira sensibilidade se sois sensível a uma coisa e insensível a outra. A pessoa insensível a alguma coisa na vida não é *totalmente* sensível, e parece-me existir esse perigo quando dizemos "já não tenho preferências; acho melhor ser indiferente a tudo o que está ocorrendo, indiferente a minhas próprias desavenças e ansiedades, minhas "culpas e conflitos."

PERGUNTA: *Meu próprio desejo de compreender o que dizeis não constitui, em si, uma contradição?*

KRISHNAMURTI: Ora, vós estais compreendendo a vós mesmo e não ao orador e, por conseguinte, não pode haver contradição. Mas se, quando ouvis, procurais moldar vossos pensamentos, vossos sentimentos, vossas aspirações, de acordo com o que diz o orador, nesse caso tem de haver contradição. Senhor, eu pensava ter tornado bem claro, desde o começo, que não estou mercadejando idéias. Não estou fazendo propaganda de um novo sistema de pensamento ou uma nova norma de ação. Apenas assinalo quanto é essencial que estejais totalmente cônscio de vós mesmo, e estou explicando o que significa "estar cônscio". Essa explicação é razoável, lógica, sã, saudável, como vós mesmo verificareis se ficardes inteirado de vossas próprias peculiaridades e atividades. Não estais seguindo ninguém, porque aqui não há nenhuma autoridade. No momento em que há uma autoridade que tentais compreender, achai-vos num estado de contradição, conflito, e é assim que começam todas as tribulações.

INTERPELANTE: *Poderíeis repetir o que acabastes de dizer?*

KRISHNAMURTI: Sinto não poder repeti-lo, mas poderei exprimir-me diferentemente.

Vede, senhor, estamos acostumados a ter quem nos diga o que devemos fazer. Estamos acostumados a seguir alguém. Tornou-se nosso hábito aferir-nos pelo que diz o pregador, o instrutor, o Salvador que, por suposição, conhece aquilo de que está falando. Dizemos: "Devo olhá-lo com reverência, devo segui-lo" — e é assim que estabelecemos a autoridade, o ideal, e é inevitável a contradição entre esse ideal e o que realmente somos. Mas aqui não há nenhum ideal

nem nenhuma autoridade. Pelo contrário, estamos interessados em compreender-nos. E nós somos entidades complexas; somos a totalidade da vida, o resultado de séculos de luta humana, o repositório de todo o pensamento, de todo o conflito. Aqui não estais para compreender o orador, porém, sim, para vos servirdes dele como um espelho no qual podeis mirar-vos.

Um momento, senhor, ainda não terminei. Sei que tendes perguntas para fazer; mas a dificuldade é que ficais tão ansioso a respeito de vossa própria pergunta, que não prestais atenção à pergunta anterior. Prestai um pouco de atenção.

O mundo está agrilhoado pela autoridade — a autoridade do sacerdote, do político, do especialista. Mas as autoridades não podem ajudar-vos a vos compreender, e, se não compreendeis a vós mesmo, não podeis estar libertado do conflito, ainda que freqüenteis o templo, ainda que mediteis ou fiqueis o resto da vida com a cabeça no chão e as pernas para o ar.* Vós sois o mundo, sois o resultado de séculos do "processo histórico", e também o resultado de vosso ambiente imediato; e se não compreenderdes, se não romperdes tudo isso, destroçando-o completamente, não podereis ir muito longe. Para irdes muito longe, deveis começar com o que está mais perto, e isso é a compreensão de vós mesmo. Para se encetar essa longa viagem, há necessidade da extinção de todos os conflitos.

PERGUNTA: *Quando observo um dado sentimento, esse sentimento termina, e há então um estado de atenção que traz consigo uma nova qualidade de energia. É isso o que quereis dizer?*

KRISHNAMURTI: Quando observais um sentimento, o importante é verificardes como o observais. Segui isto, por favor. Vedes o sentimento como algo separado de vós? Certamente que sim.

Não sei se já experimentastes e verificastes que, quando observais um sentimento, esse sentimento termina. Mas, ainda que o sentimento termine, se continua existente um observador, um espectador, um censor, um "pensador" que se mantém separado do sentimento, nesse caso existe ainda contradição. Muito importa, por conseguinte, compreender como se observa um sentimento.

---

* Refere-se a certas disciplinas da ioga (N. do O.)

Tomemos, para exemplo, um sentimento muito comum: o ciúme. Todos sabemos o que é "ser ciumento". Ora, como observais o vosso ciúme? Quando observais esse sentimento, vós sois o observador do ciúme como coisa separada de vós mesmo. Tentais modificar o ciúme, alterá-lo, justificá-lo, etc., etc. Há, portanto, um ser, um censor, uma entidade separada do ciúme, a qual o observa. Momentaneamente, o ciúme poderá desaparecer, porém volta; e volta porque não percebeis realmente que o ciúme faz parte de vosso ser. Vós *sois* o ciúme, esse sentimento não é uma coisa à parte. Quando estais enciumado, todo o vosso ser tem ciúme, uma vez que ele é invejoso, ávido de posse, etc. Não digais: "Não existe uma parte de mim mesmo que é celestial, espiritual e, por conseguinte, sem ciúme?" Quando vos achais realmente num "estado de ciúme", só há ciúme e nada mais.

Importa, pois, descobrir como se deve *olhar*, como se deve *escutar*. Examinemos isso mais detalhadamente.

Quando uma pessoa é ciumenta, observai o que sucede. Minha mulher ou meu marido olha para outra pessoa e vem-me um certo sentimento, associado àquela frivolidade a que chamamos amor. Ou, ainda, há alguém mais inteligente do que eu, ou tem um corpo mais belo, e de novo se apresenta aquele sentimento. No instante em que isso acontece, denomino o sentimento. Vede, por favor, o que está ocorrendo, segui-o passo a passo. Trata-se de um processo psicológico bastante simples, como deveis saber se o tendes observado em vós mesmo.

Tenho um certo sentimento e dou-lhe um nome. Dou-lhe nome porque preciso saber o que ele é; chamo-o "ciúme", e essa palavra é produto de minha memória do passado. O sentimento, em si, é uma coisa nova que se manifestou subitamente, espontaneamente, mas eu a identifiquei, dando-lhe nome. Dando-lhe nome, penso tê-la compreendido. E, assim, que aconteceu? A palavra interferiu na minha observação do fato.

Penso ter compreendido o sentimento, chamando-o "ciúme", mas, em verdade, apenas o enquadrei na estrutura das palavras, da memória, juntamente com todas as antigas impressões, explicações, condenações, justificações. Mas o próprio sentimento é novo, não é coisa de ontem. Só se torna coisa de ontem se lhe dou nome. Se o olho sem lhe dar nome, não há então nenhum centro *de onde* estou olhando.

Vede isso. Estais-vos esforçando tanto quanto eu?

O que estou dizendo é que, no momento em que aplicamos um nome, um rótulo àquele sentimento, o enquadramos na estrutura do velho; e o "velho" é o observador, a entidade separada constituída de palavras, idéias, opiniões sobre o que é correto e o que é incorreto. Por conseguinte, muito importa compreender o processo de "denominar", e perceber como a palavra "ciúme" surge instantaneamente. Mas, se não dais nome ao sentimento — e isso exige extraordinário percebimento e uma grande soma de imediata compreensão — vereis então que não há "observador", não há pensador, não há centro de onde estais julgando, e que vós não diferis do sentimento. Não há nenhum "vós" que experimenta o sentimento.

O ciúme, em quase todos nós, tornou-se um hábito, e, como todo hábito, tem continuidade. Quebrar o hábito significa, meramente, percebê-lo. Prestai atenção a isto. Não digais: "É terrível ter este hábito, preciso mudá-lo, ficar livre dele", etc., mas ficai apenas ciente dele. Estar cônscio de um hábito significa não condená-lo, porém, simplesmente, observá-lo. Se amais uma coisa, olhais para ela. É só quando não a amais, que surge o problema de como vos livrardes dela. Ao empregar a palavra "amor" em relação ao sentimento que chamamos "ciúme", espero entendais o que quero dizer. *Amar* o ciúme é não rejeitar ou condenar esse sentimento; não há então separação entre o sentimento e o observador. Nesse estado de total percepção — se o aprofundardes, *sem* palavras — descobrireis terdes eliminado aquele sentimento habitualmente identificado com a palavra "ciúme".

Paremos aqui. Esta manhã estivemos falando sobre um assunto realmente sério. Vivemos num mundo ambicioso, de competição, de adoração do êxito, num mundo onde tantos desejam ser famosos, tornar-se conhecidos como escritores, pintores, cientistas, grandes personalidades. Todos esses vivem num estado de conflito, contraditório e tenso. Essa tensão produz certas atividades e, se a pessoa é dotada de aptidões, poderá tornar-se um escritor de êxito, ou pintor, cientista, político. Mas esse estado tenso e contraditório não produz claridade; só traz mais sofrimento. Sob o impulso dessa tensão, pode uma pessoa ir à igreja, adorar a Deus, mas isso nada significa. Deus não pode ser encontrado quando há tensão, quando há contradição, mas só quando a mente está vazia de todas as formas de ideação, imaginação, contradição, conflito. E nesse vazio prevalece uma grande beleza, uma extraordinária vitalidade.

29 de julho de 1962.

A NATUREZA DA LIBERDADE

(SAANEN — V)

Anteontem estivemos falando sobre a ação *sem* idéia, pois, conforme assinalei, o pensamento é uma reação de nossa memória; o pensamento é sempre limitado, condicionado pelo passado, e, por conseguinte, nunca poderá produzir liberdade.

Considero importante compreender este fato. Psicologicamente, não pode haver nenhuma liberdade se não for compreendido inteiramente o processo defensivo do pensamento. E a liberdade — que não é reação a alguma coisa, nem tampouco significa o oposto de não-liberdade — é essencial, porque só em liberdade podemos fazer descobrimentos. Só a mente livre pode perceber o verdadeiro.

A verdade não é uma coisa que tem continuidade e que pode ser mantida pela prática ou a disciplina, porém algo perceptível num clarão. Esse percebimento da verdade não ocorre por meio de nenhuma forma de pensar condicionado e, por conseguinte, é impossível ao pensamento imaginar, conceber ou formular o verdadeiro.

Para se compreender integralmente o que é verdadeiro, necessita-se de liberdade. Para a maioria de nós, a liberdade é apenas uma palavra, ou uma reação, ou uma idéia intelectual de que nos servimos como fuga à nossa escravidão, nosso sofrimento, nossa entediante rotina diária; mas isso de modo nenhum é liberdade. A liberdade não se obtém por meio de busca, pois não se pode procurar a liberdade — ela não é para ser achada. Só vem a liberdade quando compreendemos o inteiro processo da mente que cria suas próprias barreiras, suas próprias limitações, suas próprias projeções, provindas de um *fundo* condicionado e condicionante.

Muito importa à mente religiosa compreender o que se encontra além da palavra, além do pensamento, além de toda experiência; e

para compreender o que transcende qualquer experiência, para "ficar com isso", vê-lo com profundeza, num clarão, a mente deve ser livre. Sobre tudo isso já falamos e vimos como a idéia, o conceito, o padrão, a opinião, o juízo, ou qualquer disciplina formulada, impede a liberdade de espírito. E essa liberdade traz sua própria disciplina — que não é a disciplina do conformismo, da repressão ou ajustamento, porém uma disciplina não produzida pelo pensamento, por um motivo.

Decerto, num mundo confuso onde há tanto conflito e sofrimento, urge compreender que a liberdade é o requisito primordial da mente humana — e *não* o conforto, *não* o passageiro momento de prazer ou a continuidade desse prazer: uma liberdade total, pois só desta pode surgir a felicidade. Porque a felicidade não é um fim em si; como a virtude, ela deriva da liberdade. A pessoa livre é virtuosa; mas o homem que apenas pratica a virtude pelo ajustar-se ao padrão social nunca saberá o que é liberdade e, por conseguinte, jamais será virtuoso.

Nesta manhã desejo falar sobre a essência, a natureza da liberdade, para ver se, juntos, poderemos investigá-la. Entretanto, não sei de que maneira escutais o orador. Escutais apenas as palavras? Escutais com o fim de compreender, com o fim de "experimentar"? Se assim ouvis, nesse caso o que se está dizendo terá pouca significação. O importante é escutar, não apenas as palavras, ou com a esperança de sentir em que consiste a extraordinária essência da liberdade, porém escutar sem esforço, sem luta, com naturalidade. Mas isso requer uma certa atenção. Por atenção entendo "estar completamente *presente,* com todo o ser". Se assim escutardes, descobrireis, por vós mesmo, que essa liberdade não é uma coisa para ser buscada; não resulta de pensamento ou de anseios emocionais, histéricos. A liberdade vem sem ser buscada, quando há plena atenção. A atenção total é a qualidade própria de uma mente que não tem limites, não tem fronteiras e, por conseguinte, é capaz de receber toda e qualquer impressão, de ver e ouvir todas as coisas. E isso é possível, não é algo sobremodo difícil. Só é difícil porque nos achamos senhoreados pelos hábitos — e este é um dos tópicos a cujo respeito desejo falar nesta manhã.

A maioria de nós tem hábitos inúmeros. Temos hábitos e idiossincrasias, de ordem física, e ao mesmo tempo hábitos de pensamento. Cremos *nisto* e não cremos *naquilo*; somos patriotas, nacionalistas; pertencemos a um certo grupo ou partido e observamos te-

nazmente o seu especial padrão de pensamento. Todas essas coisas se tornam hábitos; e a mente gosta de viver mergulhada nos hábitos, porquanto os hábitos dão-nos certeza, sentimento de segurança, sentimento de não temermos. Uma vez firmada numa série de hábitos, a mente parece funcionar um pouco mais livremente, mas na realidade ela é irrefletida, desatenta.

Não vos limiteis a ouvir minhas palavras, mas observai, como num espelho, a vossa própria mente, para verdes quanto está enredada em seus hábitos. Os hábitos, que dão o sentimento de segurança, só podem tornar a mente embotada; por mais sutis que eles sejam, e quer estejamos cientes deles, quer não, eles invariavelmente obscurecem a mente. Isso é um fato psicológico; quer gosteis, quer não, é isso que acontece.

Em parte devido a nossa educação escolar, em parte devido ao condicionamento que a sociedade psicologicamente nos impõe, e também em virtude de nossa própria indolência, a nossa mente funciona numa série de hábitos. Se não aprovamos determinado hábito de que estamos conscientes, lutamos para quebrá-lo, e quando quebramos um hábito formamos outro. Parece não haver momento em que estejamos livres do hábito. Se vos observardes, vereis quanto vos é difícil não vos enredardes no hábito.

Consideremos um hábito muito simples, que muita gente tem: o de fumar. Se fumais e desejais abandonar o fumo, a idéia de abandoná-lo cria uma resistência contra o fumar; por conseguinte, há um conflito entre o hábito e o desejo de quebrá-lo. Agora, mediante conflito ou resistência podeis eliminar um certo hábito, mas isso não liberta vossa mente do processo formador de hábitos; o mecanismo que os cria não deixa de existir. E eu estou falando, não como livrarnos de determinado hábito, porém sobre o deixarmos de criar hábitos.

Não sei se já vos observastes no ato de fumar. Com "observarvos" quero dizer "estardes consciente de cada movimento que fazeis": como a vossa mão vai ao bolso, retira um cigarro, coloca-o na boca, volta ao bolso para apanhar os fósforos, acende o cigarro; e como, então, "puxais umas fumaças" e atirais fora o fósforo. O importante é dar-vos conta de todo esse processo, sem resistir-lhe, sem rejeitálo, sem desejardes ficar livre dele — estando, apenas, inteirado de cada movimento inerente a esse hábito.

De modo idêntico, podeis estar cônscio do hábito da inveja, do hábito de adquirir, do hábito do medo; e então, observando, pode-

reis ver o que está implicado nesse hábito. Vereis instantaneamente tudo o que a inveja implica; mas não podereis fazê-lo, se, no observardes a inveja, entrar o elemento tempo. Vou explicar o que quero dizer.

Pensamos que podemos libertar-nos da inveja gradualmente e esforçamo-nos por afastá-la a pouco e pouco, introduzindo assim a idéia do tempo. Dizemos: "Tentarei livrar-me da inveja amanhã, ou um pouco mais tarde" — e, entrementes, continuamos invejosos. As palavras "tentar" e "entrementes" são de cunho temporal; e, quando se introduz o fator tempo, não há possibilidade de libertação do hábito. Ou de pronto quebramos um hábito, ou ele continua existente, embotando de maneira gradual a própria mente, criando-se com isso novos hábitos.

Observai vossos próprios hábitos e vossa atitude em relação a eles.

Temos hábitos de pensamento, hábitos sexuais — oh, uma infinidade de hábitos, que tanto podem ser conscientes como inconscientes; e é sobretudo difícil percebermos os hábitos inconscientes. Socialmente e na escola e no colégio, somos educados nesse elemento do tempo. Toda a nossa psicologia baseia-se no tempo, na idéia de que finalmente haverá fraternidade e paz, mas que, por enquanto, temos de ir passando por todos os horrores da guerra.

Ora, é possível a mente libertar-se instantaneamente dessa idéia de "chegar gradualmente a uma parte", de gradualmente transcender uma coisa, gradualmente tornar-nos livres? Para mim, a liberdade não é uma questão de tempo; não há nenhum amanhã, no qual ficaremos livres da inveja ou adquiriremos uma certa virtude. E se não há nenhum amanhã, também não há medo. Há só um "viver completo" agora; o tempo deixou de existir completamente e, por conseguinte, não há formação de hábito. Com a palavra "agora" refiro-me ao presente imediato, e esse estado "imediato" não é uma reação ao passado nem um evitar do futuro. Há só o momento de total percepção, toda a nossa atenção está *aqui, no agora*. Ora, por certo, toda existência se acha no agora; quer experimenteis imensa alegria, quer intenso sofrer, seja o que for, tudo isso só acontece no presente imediato. Entretanto, por meio da memória, a mente acumula a experiência do passado e a projeta no futuro.

Conscientizai-vos de vossa própria mente; observai como é que ela opera, pois, assim, podereis ir muito longe.

Poderemos libertar-nos do passado? O passado, na realidade, é a essência do hábito, constituído de todos os conhecimentos, sofrimentos, insultos, das inumeráveis experiências que tivestes, não só individualmente, mas também racial e coletivamente. Precisais sair dessa estrutura do passado, psicologicamente, realmente, porque, do contrário, não há liberdade. Mas não podeis fazê-lo se existe, na vossa mente, a idéia da continuidade. Para a maioria de nós, a continuidade importa muito; mas, afinal de contas, a continuidade, nas relações, é simples hábito. É a continuidade do pensamento que sustenta as limitações da mente; e é possível destruirmos, "numa explosão", essa idéia da continuidade e ficarmos livres do passado?

Se não estamos livres do pretérito, não há liberdade nenhuma, porque, assim, a mente nunca está nova, fresca, ilesa. Só a mente nova, "inocente", é livre. A liberdade nada tem que ver com a idade da pessoa, nada tem que ver com a experiência; e quer-me parecer que a própria essência da liberdade reside na compreensão de todo o mecanismo do hábito, consciente e inconsciente. A questão não é de acabar com o hábito, porém, antes, de ver-lhe totalmente a estrutura. Deveis observar como se formam os hábitos e como, pela rejeição de um hábito ou pela resistência a ele, outro hábito se forma. O relevante é estardes totalmente cônscio do hábito; porque então, como vós mesmos vereis, já não há formação de hábitos. O resistir ao hábito, o combatê-lo, ou rejeitá-lo, só pode dar-lhe continuidade. Quando lutais contra um hábito, dais vida a ele e, também, o próprio batalhar contra ele se torna um novo hábito. Mas, se ficais simplesmente cônscio de toda a estrutura do hábito, sem resistência nenhuma, verificais então que estareis livre dele e que, nessa liberdade, ocorre uma coisa nova.

É só a mente embotada, sonolenta, que cria o hábito e a ele se apega. A pessoa atenta de momento em momento — atenta para o que ela própria diz, atenta para o movimento de suas mãos, de seus pensamentos, de seus sentimentos — deixa de formar hábitos. É muito importante compreender isso, porque, evidentemente, enquanto a mente está empenhada em quebrar um hábito e, com esse próprio "processo" criando outro hábito, ela nunca poderá ser livre; e só a mente livre pode perceber algo além de si própria. Essa mente é religiosa. Quem se limita a freqüentar a igreja, a recitar orações, a apegar-se a dogmas, ou a abandonar uma seita para ingressar noutra, não tem uma mentalidade religiosa, mas, simplesmente, entorpecida. Religiosa é a mente livre, e a mente livre acha-se num estado de constante "explosão"; e nesse estado de constante explosão há o

percebimento daquela verdade que ultrapassa as lavras, o pensamento, e toda experiência. Talvez possamos agora debater ou fazer perguntas acerca do que estivemos dizendo esta manhã.

PERGUNTA: *Há séculos que a mente busca sua própria preservação, e vós dizeis que a mente que procura proteger-se é incapaz de ver o verdadeiro. Talvez vossa mente difira da mente dos que vos ouvem. Neste caso, que deveremos fazer?*

KRISHNAMURTI: Investiguemo-lo. Há o cérebro e há a mente. Notai, por favor, que estou empregando estas duas palavras muito cautelosamente. Há séculos que o cérebro se ocupa com sua própria conservação; ele é produto do tempo, resultado de todos os esforços "animalísticos" do homem. O cérebro humano é ainda como o animal que luta para a própria conservação, e ele é o justo centro do do "eu": minhas posses, minha casa, minha mulher, minha religião. Todos nós o conhecemos. Todos temos esse cérebro que busca a própria conservação; herdamo-lo do passado.

Agora, consoante os biologistas, a parte posterior do cérebro constitui o cérebro animal, e é muito ativa, enquanto que a parte anterior ainda está por desenvolver. Isso não significa que eu leio biologia, mas tenho amigos que o fazem e me disseram que a parte anterior do cérebro não está ainda totalmente desenvolvida, e que o cérebro humano deverá converter-se de "animalístico" em algo novo, maravilhoso. E meu desejo é salientar-vos que para se alcançar a totalidade da mente, que inclui o limitado cérebro, o tempo não é necessário. A mente integral é uma coisa que tem de ser compreendida; não se pode especular a seu respeito, porquanto não se trata de uma simples idéia religiosa, como a idéia de Deus, ou a idéia da alma, ou a idéia do céu. E podemos saltar daquele limitado estado da mente que é produto do passado e se desenvolveu através do tempo, diretamente para o atemporal, o completo, o total? É possível saltar do limitado para o ilimitado? Eis a questão. Eu digo que é possível — mas cumpre romper "explosivamente" com o passado. Precisa-se daquela extraordinária energia sobre a qual estive falando e que não é resultado de ajustamento, de resistência, de conflito. Deve a pessoa estar inteirada de seus próprios instintos animais, ciente do medo, da ambição, das buscas inspiradas pelo desejo; cumpre dar plena atenção a tudo isso. Descobre-se, assim, que o tempo como fator de evolução deixa de existir. Não estou dizendo que não há

evolução — pois, de fato, há; mas vós tereis ultrapassado as fronteiras do tempo. O tempo já não será um meio de chegar a alguma parte, um meio de se alcançar gradualmente o Sublime, a mais elevada forma da criação. Ao verificar-se essa "explosiva" realização da atenção total, o cérebro, sempre muito ativo no afã de adquirir, torna-se quieto; essa quietude lhe é necessária para superar o processo do tempo.

Notai que a tranqüilidade do cérebro faz parte da meditação. Não desejo discorrer agora sobre a meditação; fá-lo-emos dentro em pouco. Mas é preciso percebermos a importância de termos o cérebro tranqüilo, pois isso significa ficar livre da estrutura psicológica da sociedade. A estrutura psicológica da sociedade é ainda animalística*; ela torna o cérebro ambicioso, ávido, invejoso, ciumento, apegado, e, em tais condições, o cérebro não conhece o amor. Podeis estreitar nos braços um homem ou uma mulher, podeis casar-vos, segurar a mão de um amigo, fazer o que quer que seja, mas não haverá amor enquanto o cérebro ainda constituir uma parte do passado "animalístico", que constitui a estrutura psicológica da sociedade. A compreensão dessa estrutura, em nós mesmos, faz também parte da meditação; e, se chegardes até aí, descobrireis que, com aquela compreensão, se apresenta uma imensidade, um impulso criador que nada tem em comum com o escrever livros, poesias, ou pintar quadros, nem com nenhum dos absurdos e exigências infantis de uma sociedade em que tanto valor se atribui à fama. É uma criação que se verifica no imensurável — a culminância da existência. Mas, tal só será realizável quando a estrutura "animalística", a estrutura psicológica da sociedade tiver sido de todo rejeitada — significando isso que a mente, o cérebro, já não é ambiciosa, apegada, dependente, já não deseja preencher-se, já não deseja ser *alguém,* já não busca o poder, a posição, o prestígio.

Respondi à vossa pergunta, senhor?

OUVINTE: *Destes-me algo sobre que pensar.*

KRISHNAMURTI: Não penseis nisso, senhor. Pensar sobre uma coisa implica tempo. Dizeis "Não percebo isso agora, mas vou refletir a seu respeito e *posteriormente* o perceberei". O pensamento

---

* Animalistic — relativo a animalism: conjunto das qualidades características dos animais. (Dic. Webster). (N. do T.)

não vos fará perceber nada; o tempo não vos dará compreensão. No momento em que dizeis que ides pensar acerca de uma coisa, criastes a estrutura do "por enquanto vou tentar" — e estais, então, completamente perdido. O importante é cada um escutar com todo o seu ser; e esta é realmente a nossa dificuldade. "Escutar com todo o ser" não é apenas ouvir as palavras do orador, mas também *ver*, imediatamente, por si mesmo, a verdade ou a falsidade do que se está dizendo; e esse escutar exige extraordinária energia. Não se trata, pois, de "tentar, por enquanto". Ou a pessoa escuta com todo o seu ser, ou nada escuta. Se escutardes com todo o vosso ser, vereis que ocorrerá uma "explosão" interior, não amanhã ou no fim do dia, porém instantaneamente. Foi sobre isto que estive falando: esta "explosiva" transformação que deverá verificar-se no presente imediato.

Notai que, se apenas ficais pensando sobre isso, todas as vossas reações defensivas entram em cena e, assim, continuais a ajustar-vos ao padrão de vossa existência diária, a submeter-vos a esse padrão sempre que seja inconveniente rejeitá-lo. E isso é tudo o que o pensamento pode fazer: dar voltas e mais voltas, infinitamente. O pensamento, pois, não é o instrumento da percepção, não é a dinamite que destruirá o passado. Tendes de dar vosso coração ao escutar — é isso mesmo que quero dizer: tendes de *dar vosso coração* ao escutar, e não, simplesmente, ouvir palavras com o intelecto. Pode uma pessoa ser extraordinariamente sutil, capaz de falar com eloqüência, de citar muitos livros, mas nada disso operará o milagre. O milagre está no "escutar totalmente".

PERGUNTA: *Que significa o título de vosso livro "A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE?*

KRISHNAMURTI: Aconselho-vos a perguntá-lo ao editor do livro, pois foi ele quem desejou esse título.

Senhor, tratemos do assunto acerca do qual estivemos falando nesta manhã, porque todos nós temos muitos hábitos. Quando dizemos "Refletirei sobre isto", esta é uma reação "habitual", não é verdade?

PERGUNTA: *O hábito não cabe em coisa nenhuma?*
A técnica não envolve hábito?

KRISHNAMURTI: Sim, senhor; mas por que fazeis esta pergunta? Toda técnica naturalmente subentende hábito. Se desejo aprender a

conduzir um carro, preciso adquirir a técnica de "acionar o arranque", fazer as "mudanças", etc.; tenho de praticar cada uma dessas coisas até fazê-la desembaraçadamente, com naturalidade, e isso importa hábito. Mas nós não estamos falando a respeito dos hábitos mecânicos inerentes à prática de uma técnica. Referimo-nos ao mecanismo mental formador de hábitos.

PERGUNTA: *Podeis dizer mais alguma coisa acerca dos hábitos inconscientes?*

KRISHNAMURTI: Em geral não estamos inteirados de nossos hábitos e, por isso, eles se tornaram inconscientes. No momento em que percebemos um hábito, arrancamo-lo do inconsciente, não é verdade? Se, toda vez que hesito a respeito de uma coisa, coço a cabeça, sem saber que o estou fazendo, se esse ato é automático e dele não estou ciente, então, obviamente, trata-se de um hábito inconsciente. Mas, desde que me torno plenamente cônscio desse hábito e não resisto a ele, mas me limito a observá-lo, então foi ele "arrancado" do inconsciente.

Ora, é porque os nossos hábitos, em regra, são inconscientes, que nós não os destruímos. Se estamos acostumados a conduzir um carro, ligamos o motor instintivamente e acionamos a alavanca de "mudança", sem a isso aplicar nenhuma reflexão. Esse é o hábito inerente à técnica; mas, em geral, estamos igualmente inconscientes de como procedemos com os nossos semelhantes. Ao percorrermos uma rua muito movimentada, não notamos quando empurramos alguém, etc. A questão, pois, é de como nos tornarmos plenamente cônscios de todos os hábitos, "animalísticos" e cultos, que em parte nos foram impostos pela sociedade e em parte nós mesmos cultivamos, inconscientemente. Como empreendereis esse trabalho?

Um indivíduo é hinduísta, cristão, alemão, russo, suíço, americano, etc., com o respectivo conjunto de hábitos, do qual comumente está inconsciente. E como poderá o indivíduo perceber esse condicionamento? Como podereis dar-vos conta do inconsciente, onde se encontra essa imensa série de hábitos não revelados? Como cientificar-vos do padrão inconsciente que em vós se acha profundamente enraizado? Ireis procurar um psicanalista, pagando-lhe cinqüenta dólares ou cem libras, ou qualquer que seja o preço, para que ele vos "arranque" o padrão do inconsciente? Isso adiantará? Ou vós mesmos vos analisareis?

Que subentende o processo de auto-análise? Quando vos analisais, há divisão entre o observador e o objeto observado, não é verdade? E o observador está tão condicionado como aquilo a que observa; há, pois, conflito entre ambos, entre o analista e a coisa analisada. O analista está sujeito a interpretar erroneamente o que examina e, se resiste a um dado hábito ou procura transformá-lo de acordo com suas próprias idiossincrasias, etc., com isso só dará mais força ao hábito. Por conseguinte, a auto-análise não é, tampouco, o caminho que se deve seguir. Que fazer então?

Tende presente, por favor, que estamos falando sobre como abrir o livro do inconsciente, de modo que se traga à luz todo o seu conteúdo. A análise por parte do profissional não é a maneira correta de abri-lo — a não ser que tenhais dinheiro e lazer e um tão descomunal interesse em ajustar-vos à sociedade, que estejais disposto a recorrer a essa espécie de entretenimento. E, como já expliquei, a análise introspectiva também não é o caminho correto. Se isso está claro, que fareis?

OUVINTE: *Nada.*

KRISHNAMURTI: E que significa isso, senhor? Se já não estais enredado nessa falaciosa idéia da análise, só há então observação, não é verdade? Há só o estado de *ver,* sem se traduzir o que se vê. Então, *vê-se,* apenas.

Mas, geralmente, que nos acontece quando vemos a nós mesmos exatamente como somos? Se percebo que sou brutal, rancoroso, mesquinho, cheio de vaidade, sinto-me deprimido. Digo "que coisa horrível" — e ponho-me em agitação, tentando modificá-la. Ora, essa tentativa de modificar a coisa, essa tentativa de fazer algo em relação a ela, está ainda no terreno da análise. Mas se, ao contrário, limito-me a observar, sem escolha — e isso significa *estar observando negativamente* — já não há, então, nenhuma série de análises do inconsciente; estou completamente fora do terreno da análise, porque quebrei o padrão.

O importante é romper essa muralha de condicionamento, de hábito. E quase todos nós achamos que poderemos rompê-la por meio da análise, quer feita por nós mesmos, quer por outro; mas isso não é possível. A muralha do hábito só pode ser rompida quando a pessoa está completamente cônscia, sem escolha, negativamente vigilante.

Senhor, quando, subitamente, vedes uma montanha em toda a sua imensidade e beleza, suas imponentes alturas e seus abismos, que podeis fazer em relação a esse espetáculo? Nada, absolutamente. Vós apenas o contemplais, não é assim? Mas, que é que geralmente acontece? Olhais para a montanha em um rápido segundo, e dizeis, em seguida, quanto é bela; e, com essa própria verbalização, já não a olhais, já lhe voltastes as costas. Se olhais *realmente* para uma certa coisa, vossa mente se torna muito quieta, porque então já não estais julgando, já não estais traduzindo o que vêdes em termos de comparação. Apenas olhais — e é isso o que eu entendo por *observar negativamente*. E se puderdes olhar-vos dessa maneira, todos os hábitos e condicionamentos inconscientes se reduzirão a uma só coisa, que, pela compreensão direta, eliminareis completamente. Isso não são meras palavras. Experimentai-o, e vós mesmo o comprovareis.

INTERPELANTE: *Nossa vida de cada dia é cheia de contradições e conflitos, e há tantas coisas que temos de fazer; tudo isso se acha em estranho contraste com o que sentimos e percebemos ao virmos aqui para escutar-vos.*

KRISHNAMURTI: Por que criar divisão entre nossa vida diária e aquilo que estamos a escutar? Por que separar as duas coisas? A vida são todas as coisas, não é verdade? A vida é nossa existência de cada dia com sua rotina, seu tédio, seus conflitos, como também o estarmos aqui escutando. A vida é, por igual, o escutarmos as árvores, os pássaros, o rio; é a alegria passageira, o sofrimento, a mágoa. Tudo isso é a vida; mas nós a dividimos em "vida diária" e "outra coisa mais". Por quê? Por que não olhamos a vida totalmente, e não por fragmentos? Falamos sobre a vida da Wall Street, a vida da cidade, a vida do eremita, etc. Assim falamos há anos e anos; e isso não é também um hábito?

Enfrentar a vida é encará-la como um todo, e não fragmentariamente; e isso só podeis fazer ao vos conhecerdes. É porque não conheceis o inteiro processo de vós mesmo que dividis a vida em fragmentos e, dessa maneira, perpetuais o conflito e o sofrimento. Não se pode construir um todo harmonioso juntando fragmentos, mas com o autoconhecimento alcança-se uma plenitude, um senso de totalidade.

31 de julho de 1962.

A LIBERTAÇÃO DO MEDO

(SAANEN — VI)

Desejo nesta manhã falar de um assunto talvez pouco familiar a alguns de vós, ou seja a questão de "esvaziar" a mente do medo. Examiná-lo-ei com certa profundeza, mas não minuciosamente, pois cada um pode, por si próprio, cuidar dos detalhes.

Mas, antes de entrarmos na matéria, precisamos saber o que se entende por "aprender", "madureza" e "autoconhecimento". Essas não são meras palavras, simples conceitos, cujo significado pode ser facilmente apreendido. O penetrar as palavras e perceber-lhes o real significado requer grande dose de compreensão. Por "compreensão" entendo aquele estado *sem esforço*, no qual a mente está consciente, livre de obstáculos, livre de tendências, sem nenhuma luta para compreender os dizeres do orador. O que o orador está dizendo tem, por si só, pouca significação. O verdadeiramente importante é que a mente esteja tão perceptiva, e sem esforço algum, que se ache constantemente num "estado de compreensão". Se não compreendemos e apenas nos limitamos a ouvir palavras, ao sairmos daqui levamos conosco, invariavelmente, uma série de conceitos ou idéias, com a qual estabelecemos um padrão a que tentamos ajustar-nos em nossa vida diária ou nossa "chamada" vida espiritual.

Ora, o que desejo fazer nesta manhã é coisa bem diferente. Desejo que estejamos, desde o começo, nesse estado de percebimento livre de esforço, de modo que juntos possamos penetrar a fundo no sentimento, no significado fundamental das palavras.

Não há o "movimento do aprender" quando há aquisição de conhecimentos; as duas coisas são incompatíveis, contraditórias. O "movimento do aprender" implica um estado em que a mente não tem, guardada como conhecimento, nenhuma experiência. O conhe-

cimento se adquire, ao passo que o aprender é um movimento constante, que não é processo "aditivo" ou aquisitivo; por conseguinte, o "movimento do aprender" implica um estado em que a mente não segue nenhuma autoridade. Todo conhecimento supõe alguma autoridade, e a mente que se fortificou na autoridade do conhecimento, de modo nenhum pode aprender. A mente só pode aprender quando cessou de todo o processo "aditivo".

Em regra, é-nos um tanto difícil diferençar entre aprender e adquirir conhecimento. Pelo experimentar, pelo ler, pelo escutar, a mente acumula conhecimentos; esse é um processo aquisitivo, um processo de adicionar sempre mais alguma coisa ao que já se sabe, e baseados nesses conhecimentos, nós atuamos. Ora, o que geralmente chamamos "aprender" é exatamente esse mesmo processo de adquirir novas informações e acrescentá-las ao "estoque" de conhecimentos que já possuímos. Uma pessoa, por exemplo, aprende uma língua a pouco e pouco, formando gradualmente o seu conhecimento da sintaxe, dos idiotismos, etc. — e é isso provavelmente o que a maioria de vós faz agora. Quando escutais um orador, aprendeis no sentido de adquirir conhecimento. Mas eu estou falando sobre algo totalmente diferente. Por "aprender" não entendo acrescentar ao que já se sabe. Só se pode aprender quando não há nenhum apego ao passado, como conhecimento, isto é, quando vedes uma coisa *nova* e não a traduzis em termos do "conhecido".

Trataremos disso posteriormente, se não o tiverdes compreendido, pois considero importante diferençar entre aprender e adquirir conhecimento. A mente que está *aprendendo* é uma mente "inocente",* ao passo que a mente que está apenas adquirindo conhecimentos é velha, estagnada, corrompida pelo passado. A mente "inocente" percebe instantaneamente, aprende a todas as horas, sem acumular, e só ela é amadurecida.

Mas, em geral, consideramos a madureza um processo de amadurecimento em experiência, em conhecimento — é isso o que chamamos "madureza". Uma pessoa amadurecida, dizemos, é aquela que teve uma grande quantidade de experiência, que se tornou sábia com os anos, que sabe ajustar-se às circunstâncias imprevistas, etc. Movendo-se no tempo, essa pessoa alcançou gradualmente um estado de plena maturidade. Pensamos que, com o tempo, a mente amadurece, libertando-se da ignorância — sendo ignorância a falta de co-

---

* Inocente: "incapaz de sofrer dano". Ver "Fora da Violência", pág. 38.

nhecimento das coisas mundanas, a falta de experiência e de capacidade. Uma pessoa jovem, dizemos, necessita de tempo para "amadurecer". Por volta dos sessenta anos ela terá sofrido; terá, através das premências, das tensões, das atribuições da vida, acumulado experiência, conhecimentos e, então, talvez, estará "amadurecida".

Mas, para mim, a madureza é algo completamente diferente. Acho possível tornarmo-nos amadurecidos sem passar por todas as pressões e tribulações do tempo. Estar completamente amadurecido, qualquer que seja a idade do indivíduo, significa ser capaz de enfrentar e resolver imediatamente qualquer problema que se apresenta, e não "transportá-lo" para o dia seguinte. O "transportar" um problema de um dia para o outro é, essencialmente, falta de madureza. É a mente sem madureza que continua a existir com seus problemas de dia para dia. A mente amadurecida pode resolver de pronto os problemas, sempre que surgem; ela não concede aos problemas nenhum solo para lançarem raízes, e essa mente se acha num estado de "inocência".

Assim, ser "amadurecido" é aprender e *não* "adquirir conhecimento". A aquisição de conhecimento é essencial num certo nível. Uma pessoa precisa ter conhecimentos quando lida com coisas mecânicas, como, por exemplo, ao aprender a conduzir um carro. Adquire-se conhecimento no aprendizado de uma língua, no estudo de engenharia elétrica, etc. Mas achar-se no estado de madureza a que me refiro significa a pessoa ver-se tal como é realmente, de instante em instante, sem acumular conhecimentos a respeito de si própria; porque essa madureza implica rompimento com o passado, e o passado é, no fundo, um "acúmulo" de conhecimentos.

Que é o "eu"? Se uma pessoa observa realmente a si própria, percebe que o "eu" é uma massa de experiências acumuladas, de mágoas, de prazeres, idéias, conceitos, palavras. É o que somos: um feixe de lembranças.

Estamos examinando um assunto um tanto complexo, mas, se o aprofundarmos um pouco mais, talvez ele se torne claro para cada um de nós.

Todos nós somos, psicologicamente, o resultado de nosso ambiente educativo e social. A sociedade, com seus códigos de moralidade, suas crenças e dogmas, suas contradições, seus conflitos, suas ambições, sua avidez, sua inveja, suas guerras — é o que nós somos. Dizemos que, em essência, somos espírito, alma, uma parte de Deus,

mas isso são meras idéias que nos foram inculcadas pela propaganda da igreja ou de alguma sociedade religiosa; ou recolhemo-las de livros, ou de nossos pais, que refletem o condicionamento de uma dada cultura. Dessarte, o que realmente somos é um feixe de lembranças, um feixe de palavras.

Memória identificada com a propriedade, a família, o nome — eis o que cada um de nós é, mas não gostamos de descobrir por nós mesmos esse fato, pois nos é sumamente desagradável. Preferimos pensar acerca de nós próprios como seres extraordinariamente inteligentes; mas não somos nada disso. Podemos ter uma certa capacidade para escrever poesias ou pintar quadros; podemos ser bastante sagazes nos negócios, ou sutis no interpretar determinada teologia; mas em verdade somos um feixe de coisas lembradas — as mágoas, as dores, as vaidades, os preenchimentos e frustrações do passado. Apenas isso. Poderemos perceber superficialmente que somos esse resíduo do passado, mas dele não estamos profundamente inteirados, e agora o olhamos, — mas isso não significa aquisição de conhecimentos a nosso respeito. Notai, por favor, a diferença.

Desde que adquiris conhecimentos sobre vós, estais-vos consolidando no resíduo do passado. Perceber os fatos verdadeiros sobre nós mesmos, de momento em momento, e esse é o "movimento do aprender" — é estardes livre de qualquer conhecimento acerca de vossa pessoa. Não sei se me estou explicando claramente.

Quando digo que tenho conhecimento acerca de mim próprio, que significa isso? Suponhamos que fui insultado ou lisonjeado. Essa experiência permanece em minha mente como memória. Com a memória dessa mágoa ou prazer, olho-me a mim mesmo, e interpreto o que vejo em função daquelas passadas reações. Interpretar a si próprio em termos do passado é simplesmente pôr-se num estado de pressão ou de exultação, e nesse estado não há possibilidade de aprender, porque não há o frescor e a espontaneidade da percepção. Mas, se a pessoa se vê realmente tal como é e não interpreta isso conforme o passado, se simplesmente observa o fato, ou seja *o que é* a cada minuto, tem então a possibilidade de aprender a respeito de si própria, sem acumulação.

Não é realmente muito difícil nos vermos como somos, simples e claramente, sem resistência. Se um homem é mentiroso, se é luxurioso, ávido, invejoso, ser-lhe-á relativamente fácil descobrir isso. Mas nós, em geral, quando descobrimos o que somos, tratamos imediatamente de interpretá-lo em relação com o que pensamos que

deveríamos ser, e por essa razão nada aprendemos sobre o que somos. Estará claro?

Quando julgamos ou interpretamos o que em nós descobrimos, estamo-lo adicionando ao que já sabemos, e dessa maneira fortalecemos o *fundo* "memorial". Esse processo de modo nenhum traz a liberdade — e só se pode aprender em liberdade. É-nos grato pensar que a essência do "eu" é o "não eu", mas tal essência ou centro espiritual não existe; só há a memória das coisas pretéritas; e esse *fundo* de memória está sempre interpretando, julgando, condenando aquilo que realmente *é*. O estar livre desse fundo é o estado de imediata madureza, e estar "amadurecido" é esvaziar a mente de todo temor.

Espero que estejais escutando e *aprendendo*. Aprender não é meramente compreender as palavras do orador, porém ver diretamente, por si mesmo, o que existe além das palavras.

Ora, é possível a mente libertar-se do medo? O medo, de qualquer natureza que seja, gera ilusão torna a mente embotada, superficial. Onde há temor, não há, evidentemente, nenhuma liberdade, e sem liberdade não há amor. Quase todos nós temos alguma espécie de medo: medo do escuro, medo da opinião pública, medo de serpentes, medo da dor física, medo da velhice, medo à morte. Mas é possível estar-se completamente livre do medo?

Pode-se ver o que o temor nos faz a cada um. Ele nos leva a mentir, corrompe-nos de várias maneiras, torna a mente vazia, superficial. Há cantos escuros na mente que nunca podem ser investigados e trazidos à luz, enquanto tivermos medo. A autoproteção física — o impulso instintivo a guardarmos distância do reptil venenoso, a recuarmos ante o precipício, a evitarmos ser colhidos por um ônibus, etc. — é sã, normal, saudável. Mas eu estou falando da autoproteção psicológica que nos faz temer a doença, a morte, um inimigo. Quando buscamos preenchimento, na pintura, na música, nas relações, ou no que quer que seja, há sempre medo. Assim, o importante é estarmos conscientes de todo esse "processo de nós mesmos", que o observemos, aprendamos a seu respeito, e nunca perguntemos como se pode ficar livre do temor. Quando apenas desejais livrar-vos dele, encontrareis meios e modos de fugir-lhe, e dessa maneira nunca haverá liberdade, nunca estareis livre do temor.

Se refletirdes sobre o medo e a maneira como devemos considerá-lo, vereis que para a maioria de nós a palavra é muito mais im-

portante do que o fato. Considere-se a palavra "solidão". Com essa palavra, quero referir-me ao sentimento de isolamento que subitamente nos assalta, sem razão aparente. Não sei se isso já vos aconteceu alguma vez. Embora vos acheis rodeado de vossa família, de vossos semelhantes, embora estejais passeando em companhia de amigos ou viajando num ônibus repleto de passageiros, subitamente vos sentis completamente isolado. Dada a lembrança dessa experiência, há o medo ao isolamento, ao estar só. Ou tendes apego a alguém que morre, e vos vedes só, isolado. Em virtude desse sentimento de isolamento, buscais refúgio no rádio, no cinema, ou apelais para o sexo, a bebida, ou começais a freqüentar a igreja, a adorar a Deus. Se ides à igreja ou se tomais uma pílula, trata-se de qualquer maneira de uma fuga, e todas as fugas são essencialmente a mesma coisa.

Ora, a palavra "solidão" impede-nos de adquirir perfeita compreensão desse estado. A palavra, associada à experiência do passado, evoca o sentimento de perigo e gera o medo; por essa razão procuramos fugir. Por favor, observai a vós mesmo como a um espelho, não vos limiteis a escutar-me, e vereis que a palavra tem extraordinária significação para a maioria de nós. Palavras como "Deus", "Comunismo", "Inferno", "Céu", "Solidão", "Esposa", "Família" — que espantosa influência elas exercem em nós! Somos escravos de tais palavras, e a mente que é escrava de palavras nunca está livre do medo.

Estarmos cônscios do medo em nós existente, aprendermos a seu respeito, não significa interpretar esse sentimento por meio de palavras, porque as palavras estão associadas com o passado, com o conhecimento; e no próprio momento em que aprendemos a respeito do medo, *sem* verbalização — e isso não é *adquirir* conhecimento sobre ele — vereis como a mente se torna completamente vazia de todo temor. Isso significa que temos de penetrar em nós mui profundamente, pondo de parte todas as palavras; e quando a mente compreende todo o conteúdo do temor, tanto consciente como inconsciente e, por conseguinte, dele se liberta, apresenta-se então um "estado de inocência". Para a maioria dos cristãos, a palavra "inocência" é meramente um símbolo; mas eu falo sobre o *real* estado de inocência, que significa "não ter medo"; nesse estado a mente se torna num instante amadurecida, sem passar pelo processo do tempo. E isso só é possível quando há atenção total, percebimento de cada pensamento, de cada palavra, de cada gesto. A mente está atenta, sem a barreira das palavras, sem interpretação, justifi-

cação ou condenação. Torna-se a luz de si própria; e a mente que é a luz de si própria não conhece o temor.

PERGUNTA: *Não existe nenhum "motivo" quando aprendemos sobre nós mesmos?*

KRISHNAMURTI: Há *motivo,* no sentido de que desejo conhecer-me, porque, sem esse conhecimento, não tenho base para nenhuma coisa que faço, não tenho base para nenhuma coisa que penso ou sinto. O "eu" é tão complexo, tão célere, tão sutil, tão astuto, que preciso conhecer a mim mesmo completamente, tanto o consciente como o inconsciente, se desejo descobrir se existe, ou não, algo *real,* além de minha imaginação, além de meus anseios, além de meus desejos, além da propaganda da igreja e da sociedade. Para descobrir o que é verdadeiro, minha mente deve estar clara, não devo achar-me num estado de conflito, não devo ter nenhuma espécie de medo e nenhuma autoridade. Isso é bem óbvio, não achais? Não deve haver dependência, nem ansiar, nem frustração — devo estar totalmente vazio de tudo isso.

Ora, como posso aprender a meu respeito? Eu não posso afirmar que sou o resultado de determinada sociedade ou cultura (civilização), ou que sou a alma, entidade espiritual eterna, porquanto tudo isso são apenas coisas que outras pessoas me disseram. Para aprender sobre mim, tenho de desfazer-me de todos os absurdos religiosos que a sociedade me ensinou. Isso significa que não devo temer a opinião pública, e devo saber o que é "estar completamente só". Se cuido meramente de adicionar ou de subtrair daquilo que penso saber, dizendo que há Deus ou que não há Deus, que *há isto* e não *há aquilo* — nesse caso não estou aprendendo.

Percebei este fato tão simples. Nada podeis aprender acerca de vossa pessoa, se estais tentando fugir ou se desejais tornar-vos um admirável santo, porque isso é absurdo em extremo. Podeis tornar-vos isso a que chamam "um santo", mediante ajustamento a um padrão, mediante disciplina, renúncia, extrema frugalidade, etc. etc.; mas por esse caminho jamais descobrireis o que é verdadeiro. Para o descobrirdes, deveis livrar-vos do desejo de santificar-vos.

Se amais vosso filho, vós o observais, procurais compreendê-lo, não é assim? Nada pressupondes sobre a criança. Não lhe dizeis que deverá ser como seu irmão mais velho, que é tão inteligente. Quando comparais uma criança com outra, estais destruindo essa criança.

Do mesmo modo, para poderdes compreender-vos não deve haver comparação. Não deveis sentir-vos nem deprimido nem exultante a respeito de vós mesmo. Não deveis pressupor coisa alguma; porque todo pressuposto se baseia na autoridade; e a rejeição da autoridade é o começo do *aprender*.

O importante é que a pessoa se sinta *curiosa* acerca de si própria. Não me refiro à mera curiosidade intelectual, nem vos estou estimulando verbalmente a vos examinardes, com a promessa de que, no fim, obtereis determinado resultado. Estar realmente "curioso acerca de si mesmo" é perceber todos os meandros, todas as pressões e tensões, todos os movimentos sutis e ocultos de nossa mente; e a mente que está amarrada ao conhecimento não pode acompanhar com presteza os seus próprios e sempre variados movimentos.

"Aprender sobre si mesmo" é não ter *motivo* algum, e essa é a beleza do autoconhecimento. Não desejais, então, tornar-vos importante personalidade ou famoso santo; o que desejais é simplesmente realizar esse aprendizado, assim como estudaríeis uma flor de singular beleza que achásseis no deserto. Nós estamos num deserto, e somos flores verdadeiramente maravilhosas. Para olharmos a flor, aspirar-lhe o perfume, compreendê-la, precisamos amá-la.

PERGUNTA: *A mente imatura não é aquela que está enredada nos hábitos?*

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de saber se realmente exerceis a vossa atenção, ou se esperais que eu vos desperte a inteligência, o percebimento. Estais trabalhando intensamente, apesar do calor, ou mantende-vos num estado de relativa inércia?

Vossa pergunta foi: A mente imatura não é aquela que está enredada nos hábitos? Ora, por que será que fizestes esta pergunta? Percebeis que sois imaturo, que vos achais envolvido nos hábitos, ou estais meramente mencionando algo já explicado? Notai, por favor, que não estou fazendo pouco caso do interrogante. Se observais que sois imaturo, que o hábito vos domina, — como acontece com a maioria das pessoas — então a questão seguinte é de como vos tornardes "amadurecido", isto é, de como vos libertardes do hábito completamente, não numa certa data futura, porém já. É essa a questão?

Vejo que estou emaranhado nos hábitos. Política ou religiosamente, como escritor, como pintor, como homem ou mulher, estou preso a uma determinada maneira de pensar. Como inglês, tenho uma certa tradição e uma atitude fixa perante a vida; ou fui educado no catolicismo, *nisto* ou *naquilo,* e isso se tornou hábito. Esse hábito pode ser quebrado de imediato, ou deverá ser gradualmente eliminado através dos anos? Se digo que isso "levará tempo", que o hábito tem de ser eliminado gradualmente, através dos anos, qual é, nesse caso, o estado de minha mente? Evidentemente, ela está num estado de letargia, embotamento, irreflexão, não percebimento.

O nacionalismo, por exemplo, é um hábito, e esse hábito pode ser quebrado instantaneamente. Mas dá-nos prazer, dá-nos um sentimento de importância, estarmos identificados com determinado país, principalmente se esse país é poderoso. Em geral, gostamos de estar identificados com um dado governo, uma bandeira, e outros absurdos que tais, e, por conseguinte, não desejamos quebrar o hábito do nacionalismo e, assim, não há problema nenhum. Mas, se pretendemos extinguir esse hábito — e ele só pode ser extinto imediatamente, e não através dos anos — como fazê-lo?

Existe um "método de quebrar o hábito"? Ora, método implica tempo, movimento de um ponto de partida para um ponto de chegada. Se virdes por vós mesmo que o tempo não vos liberta do hábito e que, por conseguinte, os métodos e sistemas para nada servem, ficareis então frente a frente com a realidade: o fato de que vossa mente está enredada no hábito. Vedes o fato, não através de palavras ou de idéias; vedes diretamente o fato de que vossa mente está tolhida pelo hábito. Assim é, inapelavelmente. E, então, que acontece? Não estais procurando modificar o hábito, não estais tentando quebrá-lo. Estais simplesmente em presença do fato de que vossa mente funciona na rotina habitual. E que acontece quando vos achais diante de um fato? Que acontece quando verificais que sois mentiroso, ciumento? Se não tentardes alterá-lo, o próprio fato vos dará uma extraordinária energia, com a qual podeis quebrá-lo completamente. Compreendeis? Quando vos achais frente a frente com o fato, diretamente, vossa mente já não se entrega a fugas, renúncias, esforços para modificá-lo através do tempo, etc. etc.; por conseguinte, vossa atenção é completa, toda a vossa energia se concentrou, e essa energia destrói totalmente o fato.

PERGUNTA: *Pode-se eliminar o medo com o descobrir-lhe a causa?*

KRISHNAMURTI: Ora, estivestes prestando atenção completa durante esta hora inteira, empregada numa palestra desta natureza; por conseguinte, vossa mente deve estar cansada e vosso corpo também. "Escutar com atenção total" é algo que a maioria de nós nunca fez antes, algo penoso.

Pergunta essa senhora: O medo se dissolve com o conhecimento da causa do medo? Em geral, nós conhecemos a causa do medo: a morte, a opinião pública, coisas que praticamos e não desejamos sejam descobertas, etc. A maioria das pessoas conhece a causa de seus temores, mas esse conhecimento, evidentemente, não os extingue. Mediante análise é possível descobrir-se uma certa causa oculta do medo, mas isso também não liberta a mente do temor. O que traz a libertação do medo — e garanto-vos que é uma libertação completa — é *estar ciente do medo* sem a palavra, sem procurar negar ou fugir ao medo, sem se desejar ingressar num outro estado. Se, com plena atenção, estais inteirado do fato — a existência do temoı — vereis então que o observador e a coisa observada são um todo único, que não há separação entre os dois. Não há observador que diz "tenho medo"; só há medo, sem a palavra indicativa desse estado. A mente já não foge, não tenta livrar-se do medo, não lhe procura a causa e, por conseguinte, não está escravizada às palavras. Só há, então, um "movimento de aprender", proveniente da sanidade — e a mente sã, ilesa, não teme.

2 de agosto de 1962.

A ELIMINAÇÃO DO SOFRIMENTO

(SAANEN — VII)

Da última vez em que nos reunimos aqui, falamos acerca do medo e sobre se é possível ficar-se completamente livre do medo, reação que ocorre ao percebermos um perigo. Esta manhã desejo discorrer a propósito do sofrimento; porque o medo, o sofrimento e aquilo que chamamos amor andam sempre juntos. Se não compreendemos o medo, não podemos compreender o sofrimento, nem tampouco conhecer aquele estado de amor isento de contradição e atrito. Extinguir o sofrimento é dificílimo, porque o sofrimento está sempre conosco, numa ou noutra forma. Desejo, pois, aprofundar este problema; mas pouco significarão minhas palavras se cada um de nós não examinar o problema dentro de si próprio, sem concordar nem discordar, porém simplesmente observando o fato. Se o pudermos fazer, *realmente* e não apenas teoricamente, então talvez nos seja possível compreender o imenso significado do sofrimento e, dessa maneira, pôr-lhe fim.

Através dos séculos o amor e o sofrimento sempre andaram de mãos dadas, predominando ora um, ora outro. Aquele estado a que chamamos "amor" depressa passa e de novo nos vemos enredados em nossos ciúmes, nossas vaidades, nossos temores, nossas angústias. Sempre houve essa batalha entre o amor e o sofrimento; e, antes de examinar a questão de pôr fim ao sofrimento, impende compreender o que é paixão.

Permiti-me assinalar que não somos um grupo de pessoas privilegiadas que — bem situadas financeiramente e dispondo de dinheiro para a viagem a este lugar — aqui se reuniram apenas para se entregarem a um certo entretenimento intelectual. Estamos falando sobre coisas muito sérias e, portanto, cada um deve também estar *seriamente* interessado em examiná-las. Dizendo "estar seriamente

interessado" quero significar que devemos sentir a intensidade, o impulso para penetrar profundamente nessa coisa que se chama o sofrimento. Aqui estamos para descobrir, por nós mesmos, se é realmente possível deixarmos de sofrer, de modo que a mente fique desanuviada, clara, penetrante, capaz de pensar sem ilusão. E isso não é possível, se vivemos meramente no nível das palavras — como provavelmente em regra acontece. Conceitos, padrões, ideais, palavras, símbolos — tudo isso tem extraordinário significado para a maioria de nós, e aí nos deixamos ficar. Parecemos incapazes de romper o nível verbal e penetrar além dele; mas, para compreendermos o sofrimento, temos de ultrapassar as palavras. Assim, enquanto eu estiver examinando esse problema, espero que também o examinareis intensa e claramente, sem sentimentalidade ou emocionalismo.

Ora, a menos que compreendamos a paixão, acho que não seremos capazes de compreender o sofrimento. A paixão é algo que mui poucos de nós realmente já experimentaram. Poderemos ter experimentado entusiasmo, que significa envolver-se completamente num estado emocional a respeito de alguma coisa. Nossa paixão é sempre *por* alguma coisa: pela música, pela pintura, pela literatura, por um país, por uma mulher ou um homem; é sempre o efeito de uma causa. Quando vos apaixonais por alguém, sempre ficais num estado de grande emoção, o qual é o efeito daquela causa; e a paixão de que falo é *paixão sem causa*. É estar apaixonado por tudo, e não simplesmente por uma certa coisa; nós em geral nos apaixonamos por uma certa pessoa ou coisa; e acho necessário perceber claramente esta distinção.

No estado de "paixão sem causa" há uma intensidade livre de todo apego; mas, quando a paixão tem causa, há apego, e apego é o começo do sofrimento. Em geral, temos apego — a uma pessoa, um país, uma crença, uma idéia — e quando o objeto de nosso apego nos é retirado ou, ainda, quando perde o seu significado, vemo-nos vazios, incompletos. Esse vazio nós procuramos preenchê-lo apegando-nos a outra coisa, a qual por sua vez se torna o objeto de nossa paixão.

Enquanto vou falando, tende a bondade de examinar vosso próprio coração, vossa própria mente. Eu não sou mais do que um espelho no qual estais vendo a vós mesmo. Se não desejais olhar, está perfeitamente certo; mas, se desejardes olhar, então olhai-vos claramente, "impiedosamente", com intensidade — sem nenhuma esperança de dissolverdes vossas angústias, vossas ansiedades, vosso senti-

mento de "culpa", porém com o propósito de compreender essa extraordinária paixão que sempre leva ao sofrimento.

Quando a paixão tem causa, torna-se luxúria. Quando há paixão *por* alguma coisa — por uma pessoa, por uma idéia, por uma certa espécie de preenchimento — então, dessa paixão resulta contradição, conflito, esforço. Lutais para alcançar ou para conservar um certo estado, ou para recuperar outro estado que existiu e se foi. Mas a paixão a que me refiro não dá nascimento à contradição, ao conflito. Não está em relação com nenhuma causa e, por conseguinte, não é um efeito.

Deixai-me sugerir-vos que *escuteis*, simplesmente; não tenteis alcançar esse estado de intensidade, essa paixão que não tem causa. Se pudermos escutar atentamente, com aquela naturalidade que se verifica quando a atenção não é forçada por meio de disciplina, porém nascida do simples impulso para compreender, penso que então descobriremos por nós mesmos o que é paixão.

Há, na maioria de nós, pouquíssima paixão. Podemos ser lascivos, podemos estar ansiando por alguma coisa, desejando fugir de alguma coisa, e tudo isso nos confere uma certa intensidade. Mas, se não estamos despertos e não buscamos acesso a essa chama da "*paixão sem causa*", *nunca seremos capazes* de compreender aquilo que chamamos sofrimento. Para compreender algo precisamos de paixão, da intensidade da atenção completa. Onde há paixão *por alguma coisa,* a qual produz contradição, conflito, não pode existir aquela chama pura da paixão; e aquela chama pura da paixão precisa existir, para que possamos pôr fim ao sofrimento, dissipá-lo completamente.

Sabemos que o sofrimento é um resultado, o efeito de uma causa. Amo alguém e essa pessoa não me ama — esta é uma espécie de sofrimento. Desejo preencher-me num certo sentido, mas para tanto não possuo capacidade; ou, se tenho capacidade, o mau estado de saúde ou outro fator qualquer impede-me o preenchimento — eis outra forma de amargura. Existe o sofrer da mente medíocre, da mente que está sempre em conflito íntimo, incessantemente lutando, ajustando-se, tateando, submetendo-se. Há o sofrimento ocasionado pelo conflito nas relações, e o motivado pela morte de alguém. Bem conhecemos essas diferentes formas de sofrer, e todas elas resultam de uma causa.

Ora, nós nunca enfrentamos o próprio sofrimento; sempre tratamos de racionalizá-lo, explicá-lo; ou temos um dogma, um padrão

de crença que nos satisfaz, que nos dá momentâneo conforto. Alguns tomam uma certa droga, outros dão para beber ou para rezar — qualquer coisa que sirva para diminuir a intensidade, a agonia do sofrimento. O sofrimento e a perpétua luta para fugirmos dele — eis o fado de todos nós. Jamais pensamos em extingui-lo, de modo que a mente nunca se prenda na rede da autocompaixão, nunca se veja nas sombras do desespero. Não encontrando possibilidade de terminar o sofrimento, passamos, se somos cristãos, a divinizá-lo, em nossas igrejas, simbolizado nas agonias do Cristo. E, se vamos à igreja para adorar o símbolo do sofrimento, ou se tentamos racionalizá-lo ou esquecê-lo tomando uma bebida — tudo é a mesma coisa: estamos fugindo à realidade de que sofremos. Não me refiro à dor física, que a ciência moderna pode debelar com relativa facilidade. Refiro-me à de natureza psicológica, que impede a clareza, a beleza, que destrói o amor e a compaixão. É possível eliminar o sofrimento?

Acho que essa eliminação depende da intensidade da paixão. Só pode haver paixão quando há total abandono do "eu". Nunca poderá uma pessoa "apaixonar-se" se não houver a completa ausência disso que chamamos "pensamento". Como já vimos, o que chamamos pensamento é a reação de vários padrões e experiências da memória, e onde existe essa reação condicionada, não há paixão, não há intensidade. Só pode haver intensidade com a completa ausência do "eu".

Há um sentimento da beleza que não está ligado ao que é belo e ao que é feio. Não quero dizer que a montanha não seja bela ou que não haja edifícios feios; mas há uma beleza que não é o oposto do feio, há um amor que não é o contrário do ódio. E a renúncia de que falo é aquele estado de beleza sem causa, o qual, por essa razão, é um estado de paixão. E pode-se transcender o que resulta de causa?

Escutai isto com toda a atenção. Posso não ser capaz de explicar-me com muita clareza, mas procurai apreender a *significação* das palavras, em vez de vos cingirdes apenas às palavras. Na generalidade, estamos sempre reagindo; a reação constitui o inteiro padrão de nossa vida. Nossa maneira de corresponder ao sofrimento é uma reação. "Reagimos", tentando explicar a causa do sofrimento, ou dele fugir; mas nosso penar não tem fim. Só termina quando realmente o enfrentamos, quando compreendemos e transcendemos tanto a causa como o efeito. Procurar livrar-se do sofrimento pela prática

de certos exercícios, ou pelo pensar deliberado, ou pelo recorrer a qualquer das várias modalidades de fuga à amargura — por nenhuma dessas maneiras se desperta na mente a extraordinária beleza, a vitalidade, a intensidade daquela paixão que inclui e transcende o sofrimento.

Que é sofrimento? Ao ouvirdes esta pergunta, como respondeis? Vossa mente trata logo de explicar porque sofremos, e essa busca de explicação desperta lembranças de passadas aflições. Dessa maneira, reverteis sempre, verbalmente, ao passado ou saltais para o futuro, num esforço para explicar a causa do efeito que chamamos sofrimento. Julgo, porém, que devemos ultrapassar tudo isso.

Bem sabemos o que nos faz pensar: pobreza, doença, frustração, não ser amado, etc. E, quando terminamos de explicar as várias causas do sofrimento, não lhe pusemos fim; não apreendemos realmente a extraordinária profundeza e significação do sofrimento, e muito menos compreendemos aquele estado que se chama amor. A meu ver, as duas coisas se relacionam mutuamente — o sofrer e o amor. E, para compreendermos o que é o amor, precisamos sentir a imensidade do sofrimento.

Os antigos falavam a respeito da terminação do sofrimento, tendo estabelecido um método de viver com que supunham extingui-lo. Muitos têm praticado esse "método de viver". Monges do Oriente e do Ocidente o têm praticado, apenas com o resultado de terem endurecido a si próprios; a mente e o coração deles se fecharam. Vivem atrás das paredes de seu próprio pensamento ou atrás de paredes de tijolo e pedra, mas, realmente, eu não creio que eles tenham "passado além", para sentir a imensidade dessa coisa que se chama sofrimento.

Deixar de sofrer é enfrentar o fato de nossa própria solidão, de nosso apego, de nossas vulgares exigências de fama, nossa ânsia de sermos amados; é estar livre do interesse egocêntrico e da puerilidade da autocompaixão. E, depois de isso ultrapassarmos, e, talvez, de superarmos o sofrimento pessoal, resta ainda o imenso sofrer coletivo, o sofrer do mundo. Uma pessoa pode pôr fim à própria amargura, enfrentando em si mesma o fato e a causa do sofrimento — e isso deve ocorrer à mente que deseja ser completamente livre. Mas, uma vez terminado isso, há ainda o sofrimento oriundo da ignorância existente no mundo — ignorância que não é falta de instrução, de conhecimentos tirados dos livros, porém a ignorância que o homem tem de si próprio. A falta de autocompreensão é a es-

sência da ignorância, causadora do imenso penar da humanidade. E que significa, em verdade, sofrer?

As palavras não podem definir o sofrimento, assim como é impossível explicar verbalmente o que é o amor. O amor não é apego, o amor não é o oposto do ódio, o amor não é ciúme. E quando uma pessoa acabou com o ciúme, com a inveja, com o apego, com todos os conflitos e agonias que sofreu, pensando amar — quando tudo isso terminou, resta ainda saber o que é o amor, resta ainda saber o que é o sofrimento.

Só se pode descobrir o que é o amor e o que é o sofrimento quando a mente rejeitou todas as explicações e já não está imaginando, já não está buscando a causa, já não se está entretendo com palavras ou rememorando prazeres e dores passados. A mente deve achar-se completamente quieta, sem uma só palavra, um único símbolo, uma única idéia. Descobre-se então — ou ele virá por si — o estado em que aquilo que chamávamos amor, aquilo que chamávamos sofrimento, aquilo que chamávamos morte, são a mesma coisa. Já não haverá divisão entre o amor, o sofrimento e a morte; e, não havendo divisão, haverá beleza. Mas, para compreendermos, para nos acharmos nesse estado de êxtase, necessita-se daquela paixão resultante do total abandono do "eu".

Vamos debater, ou preferis fazer perguntas sobre o que estive dizendo esta manhã?

PERGUNTA: *A paixão, ou intensidade, é uma qualidade?*

KRISHNAMURTI: Que será que entendemos pela palavra "qualidade"? A paixão, ou intensidade, é uma virtude adquirível pela prática, pela disciplina, pelo auto-sacrifício, etc.? É isso que entendeis?

OUTRO INTERROGANTE: *Posso fazer uma pergunta?*

KRISHNAMURTI: Senhor, já fizeram uma pergunta. Como vedes, tão ocupados nos achamos com os nossos próprios problemas que não prestamos atenção a ninguém mais; isso sempre acontece na vida. Tão envolvidos estamos em nossos problemas, nossas esperanças e ambições, nossos próprios desesperos, que quase nunca enxergamos nada além de nosso pequenino "eu". Talvez outros aqui tenham outros problemas, mas sugiro, respeitosamente, que não vos ocupeis de tal maneira com a pergunta formulada.

Voltando à pergunta — A paixão ou intensidade é uma qualidade? — não gosto do emprego da palavra "qualidade". Quando estais "apaixonado", em relação a alguma coisa, não perguntais se isso é uma qualidade, perguntais? Vós vos achais naquele estado. Quando sentis cólera, ou lascívia, ou quando verbalmente tratais alguém com brutalidade, não perguntais nesse momento se o que sentis é uma "qualidade". Estais todo em chamas. Mas, mais tarde, dizeis: "Por Deus, foi um momento terrível" — e isso se torna então algo que cumpre evitar no futuro. Ou, se foi um belo momento, tratais de cultivá-lo; mas tudo o que se cultiva é artificial, não é uma coisa pura.

Ora, a paixão, ou intensidade, a cujo respeito estive falando, não é cultivável, não se acha à venda no mercado, não se pode comprar com a prática ou a disciplina; mas, se escutastes e verdadeiramente penetrastes em vós mesmos, se vos empenhastes deveras em compreendê-la, sabereis o que ela é. Essa paixão nada tem em comum com o entusiasmo. Só desponta depois da completa cessação do "eu", depois de abandonada a idéia de "minha casa", "minhas posses", "minha pátria", "minha mulher", "meus filhos". Agora direis, talvez: "Então não vale a pena ter essa paixão". Talvez para vós não valha a pena. Só vale quando, efetivamente, desejamos descobrir o que é o sofrimento, o que é a verdade, o que é Deus, qual o significado de toda esta terrível e confusa lida da existência. Se esta questão realmente vos concerne, então deveis examiná-la *com paixão* — e isso significa que não podeis estar vinculado à vossa família. Podeis ter vossa casa, vossa família, mas se psicologicamente lhes estais vinculado, nunca passareis *além*.

PERGUNTA: *Temos todos a mesma capacidade de paixão?*

KRISHNAMURTI: Eu não considero a paixão uma "capacidade". Podeis ter aptidão para escrever livros, compor poesias, tocar flauta, ou para muitas outras coisas; e as aptidões podem ser cultivadas, mantidas, acrescentadas. Mas a paixão, a intensidade, não é uma aptidão. Pelo contrário, se tendes alguma capacidade, deveis morrer para ela, a fim de poderdes "apaixonar-vos". Se não morreis para a capacidade, ela se torna mecânica, ainda que a aprimoreis e dela façais uso hábil. Vede, estamos ainda pensando em termos de aquisição, e cuidando de proteger o que adquirimos.

PERGUNTA: *Dissestes que o sofrimento é uma coisa bela e, no entanto, dizeis que devemos livrar-nos do sofrimento.*

KRISHNAMURTI: Eu nunca disse que devemos livrar-nos do sofrimento. O que eu sempre acentuei é que devemos *olhar* o sofrimento, penetrá-lo, compreendê-lo. Não podeis livrar-vos dele, não podeis "jogá-lo fora". Quando é que sofremos? Se amais alguém e essa pessoa não corresponde ao vosso amor, sofreis. Por quê? Por que deveis sofrer? Que significa o vosso sofrer? Significa que estais pensando em vossa própria pessoa — eis o fato real. E enquanto só pensardes em vossa insignificante pessoa, desejando ser amado e temendo *não* ser amado — com todos os desagrados que isso implica — naturalmente tereis de ter isso a que chamais "sofrimento". De modo idêntico, se desejo ser um homem famoso, e não o sou, sofro, inevitavelmente; e se me satisfaz permanecer nesse estado, então está certo. Mas, se desejo compreender meu sofrimento e transcendê-lo, começo então a *olhá-lo;* examino rigorosamente o impulso psicológico para ser famoso, o qual é extremamente superficial, imaturo! — e vem então uma compreensão do sofrimento, a qual é o começo de sua própria extinção. E, como disse, depois de transcender essa amargura, descubro que o amor, a aflição e a morte são a mesma coisa. Esse é um estado de grande beleza — beleza não formada pelo homem ou pela natureza.

PERGUNTA: *A paixão, ou intensidade, é desejo de saber?*

KRISHNAMURTI: Que se entende por "desejo de saber"? O impulso para acumular conhecimentos faz também parte do "vir a ser" e é, por conseguinte, uma causa de conflito. Mas eu não falo do acumular de conhecimentos que podem ser encontrados em qualquer enciclopédia. Eu quero compreender o sofrimento, penetrá-lo de ponta a ponta, para descobrir por mim mesmo o seu significado; e isso não significa que eu *preciso saber. Saber,* como anteriormente expliquei, é uma coisa, e algo diferente é o aprender. O saber implica acumulação de conhecimentos, e quando tendes conhecimentos acumulados, é com essa *base* que "experimentais". Pela experiência adquiris mais saber ainda; mas, nesse processo aquisitivo de acrescentar mais saber ao já obtido, não se acha o "movimento do aprender". Só se pode aprender quando já não se busca nem se adquire saber.

Senhor, eu não desejo saber nada sobre o sofrimento. Todos padecemos. Não tendes sofrimento, numa ou noutra forma? E desejais *saber* o que é ele? Então, podeis analisá-lo e explicar porque sofreis. Podeis ler livros acerca do assunto, ou ir à igreja, e, assim, depressa sabereis algo a respeito do sofrimento. O saber não põe fim ao sofrer. Começamos a deixar de sofrer quando encaramos os fatos psicológicos ocorrentes em nosso interior e deles nos cientificamos de momento a momento, avaliando-lhes o total significado. Isso demonstra que não devemos fugir à realidade de que nos achamos em sofrimento, nunca devemos racionalizá-lo, nem propor uma opinião a seu respeito, mas, sim, *"viver inteiramente com o fato"*.

Como sabeis, o "vivermos com a beleza daquelas montanhas" e não nos acostumarmos com ela, é muito difícil. Em maioria, vos achais aqui já há cerca de três semanas. Tendes contemplado aquelas montanhas, ouvido o barulho do rio, visto as sombras estenderem-se através do vale, dia após dia; e não notastes como é fácil nos acostumarmos com tudo isso? Dizeis: "Sim, isto é realmente belo" — e passais adiante. "Viver com a beleza" ou "viver com uma coisa feia" e não se deixar acostumar com ela, isso requer imensa energia — um percebimento que não deixa a mente embotar-se. Da mesma maneira, o sofrimento embota a mente, se com ele nos acostumamos. Mas não há necessidade de nos acostumarmos com o penar. Podemos "viver com a amargura", compreendê-la, penetrá-la — mas não com o fim de sabermos alguma coisa a seu respeito. *Sabeis* que o sofrimento está presente, que é um fato, e nada mais precisais saber. Cumpre "viver com o sofrimento" e, para viverdes com ele, deveis amá-lo; e, assim, descobrireis que, efetivamente, o amor, o sofrimento e a morte constituem uma só coisa.

PERGUNTA: *Não existe amor sem paixão?*

KRISHNAMURTI: Que entendeis pela palavra "paixão" e pela palavra "amor"? Não importa se sois homem ou se sois mulher, se sentis amor por outra pessoa, não tendes paixão, pelo menos durante os dois primeiros anos, ou outro período qualquer? Depois, vos acostumais um com o outro e começais a enfastiar-vos. Com aquela paixão, embora a chamemos amor, há luxúria, apego, ciúme, ambição, avidez, e tudo o mais. Ela é como uma chama em meio de densa fumarada. E que acontece? Gradualmente, morre essa chama, e só vos resta fumaça. Mas se desaparecer o apego, a luxúria, o ciúme, e todos os outros elementos que mantêm o conflito e a fumaça pro-

duzida por isso que chamamos "paixão" — se tudo isso desaparece, não por ação do tempo ou do hábito, mas, sim, porque nós o penetramos, o compreendemos, vimos-lhe as profundezas e alturas, então o amor pode ser paixão *sem causa*. Não me refiro à paixão do missionário que, com seu amor a Jesus, sai pelo mundo a converter os pagãos; não é esta a paixão a que aludo. Pelo contrário, a paixão de que falo é a negação de tudo isso, sem nenhum *motivo*. E dessa negação desponta aquela chama límpida e clara.

PERGUNTA: *É possível a um ente humano achar-se em permanente estado de compreensão?*

KRISHNAMURTI: Importa compreender o que se entende pela palavra "permanente". Não acho que possais "achar-vos permanentemente" em coisa alguma. Se permaneceis em alguma coisa, estais morto. E isso é o que em maioria desejamos: queremos que certas coisas — o amor, a paixão, a compreensão, Deus — continuem perenemente. E isso significa o quê? Que não desejamos ser perturbados, que não desejamos ser sensíveis, estar vivos. Como já expliquei, a verdade ou a compreensão vem num clarão, e esse clarão não tem continuidade, não se acha na esfera do tempo. Vede isso por vós mesmo. A compreensão é nova, instantânea, não é a continuidade de algo que antes existiu. O que teve existência anterior não pode trazer-vos nenhuma compreensão. Enquanto buscamos uma continuidade — desejando a permanência nas relações, no amor, na ânsia de encontrar a paz duradoura, etc., etc., — estamos perseguindo uma coisa que se acha na esfera do tempo e que, por conseguinte, não pertence ao eterno.

5 de agosto de 1962.

PENSAR NEGATIVO

(SAANEN — VIII)

Anteontem estivemos falando acerca do sofrimento e esta manhã desejo falar sobre a morte. Para a maioria de nós, a morte é o fulcro do medo. Tememos a morte e, por essa razão, nunca lhe compreendemos o imenso significado. O medo, invariavelmente, deforma a percepção, faz-nos fugir àquilo que tememos; e quando fugimos do fato que é a morte ou ficamos acabrunhados de dor pela morte de um amigo, é-nos impossível aprofundar ou compreender, no seu todo, o problema da morte.

Já discorremos sobre o medo e o sofrimento e penso que devemos estar agora aptos a considerar sensata e profundamente este problema da morte. *Como já salientei*, o amor, o sofrimento e a morte "andam juntos", são inseparáveis. Isto não é mero conceito filosófico — não estou "fazendo filosofia". Mas, se vos investigardes com profundeza, vereis que o amor não pode ser separado do sofrimento e o sofrimento não pode desligar-se da morte, pois os três, na realidade, são um só todo. Também não há nenhuma possibilidade de se compreender a beleza e a imensidão da morte, se existe qualquer vestígio de temor.

Para compreendermos a morte, acho que devemos examinar a questão do pensar negativo e da renúncia. Porém, não tomeis isso por algo teórico, impraticável. É a mente indolente que tudo rejeita como teórico, ou o reduz a um sistema ou padrão de ação, perdendo, assim, a essência real, o significado profundo do que estou dizendo. Eis porque vos peço que escuteis de espírito aberto, amigavelmente, sem concordar nem discordar, sem nenhum *motivo*. Se formos capazes de *escutar* com calma e prazer, sem *motivo* algum, o problema da morte, então talvez apreendamos o pleno significado dessa coisa imensa que está à nossa espera.

Primeiramente, gostaria de considerar junto convosco isso a que se pode chamar "pensamento negativo". Bem poucos são os que pensam negativamente, e o pensar negativo é a mais elevada forma de pensamento; é ver o falso como falso, ver o que é verdadeiro no falso, e ver o que é verdadeiro na verdade. Não podemos ver o que é falso, se meramente consideramos o falso como oposto do verdadeiro; só podemos ver o que é falso quando não há nenhum contraste, nenhuma comparação. O contraste e a comparação nascem do pensar positivo. Se desejo compreender meu filho, por exemplo, tenho de desistir de comparar; devo olhá-lo assim como é. Se o considero em termos de aprovação ou reprovação — e tanto uma como outra coisa se baseiam na minha aceitação de um padrão estabelecido pela tradição, pela experiência, pela opinião, etc. — nesse caso, o chamado pensamento positivo e a chamada ação positiva me impedem a compreensão. Só podemos compreender quando não há comparação, nem julgamento, mas a simples percepção do fato real; e essa percepção é *pensar negativo*.

Desejaria explicar um pouco mais esse pensar negativo, porque, para percebermos sua extraordinária beleza e vitalidade, precisamos em primeiro lugar compreender o estado da mente que se acha livre do "conhecido". Cumpre escutar o que se está dizendo, não como se fosse uma exposição filosófica, ou um sistema que deveis seguir, porém escutá-lo para descobrirdes, por vós mesmo, a verdade contida na questão. Aí sentados, como estais, experimentai realmente o que se está dizendo. Não deixeis para pensar nisso posteriormente — "posteriormente" não significa nada. Para o compreenderdes tendes de *vivê-lo* agora, no momento presente.

Falei do "pensar negativo" e disse ser a mais elevada forma de pensamento. Nós, em geral, nunca nos achamos num estado no qual digamos "Não sei" — a não ser num sentido muito superficial. Há dois estados de "não saber". Num deles, a mente diz "Não sei", mas espera ou procura uma resposta. Nesse estado a mente traduz o que encontra conforme seu próprio fundo ou condicionamento. No escutar, peço-vos experimenteis convosco, para verdes que realmente é assim. Mas há um outro estado em que a mente diz: "Não sei", e não espera nem procura resposta nenhuma. Está ela, então, completamente vazia, seu estado é de negação total, e só para essa mente é que pode despontar aquela coisa extraordinária denominada "criação".

Espero ter esclarecido bem os dois estados: o da mente positiva, que diz: "Não sei", mas quer saber, e o da mente que diz "não

sei" e nenhuma resposta está procurando. Em regra, é-nos extremamente difícil acharmo-nos no estado de "não saber", em que não se procura resposta, porque não gostamos da incerteza. Mas a mente que *tem* certeza está ainda enredada no "conhecido", e é necessário estarmos completamente livres do conhecido para compreendermos o incognoscível, que é a morte. Vejamos, pois, o que se implica na negação da "vida do conhecido".

Para a maioria de nós, a vida é conflito, dor. Há luta incessante, efêmera alegria, muitas pressões e tensões, um fundo de memória acumulada que "responde" a cada desafio, e cuja resposta é sempre inadequada. Há o preenchimento e o sofrimento decorrente do não preenchimento; há avidez, inveja, cólera, ódio, angústia; há o denominado "amor", uma chama toda envolta na fumaceira do apego, da dependência, do ciúme. O tédio de ir para o emprego diariamente, a familiaridade e o desdém existentes em nossas relações, a constante "corrente subterrânea" do medo — eis a nossa vida, para a qual desejamos continuidade. Nossa vida cotidiana se tornou um hábito. Ela é superficial, vazia, e procuramos preencher esse vazio com crenças e dogmas religiosos, com santos, salvadores, mestres. Nossa vida, com seus apetites sexuais, sua ânsia de fama, seu desejo de conforto, poder, posição, prestígio — é um círculo fechado de esperança e desespero. Eis tudo o que conhecemos; e quando a morte chega, tememos deixar o "conhecido", deixar esta nossa insignificante vida, porque com ela estamos tão acostumados! Eis porque há conflito entre o viver e o morrer. As posses a que estamos apegados, nosso dinheiro, nossa casa, nossa família, nosso nome, nosso caráter, nossa experiência, nossa lembrança das coisas que fizemos e que não fizemos — tudo isso constitui o "conhecido" e, quando se aproxima a morte, temos medo de deixá-lo. Queremos a continuidade de todas as insignificâncias que conhecemos.

Ora bem. Podeis ter idéias, teorias, a respeito da reencarnação, da ressurreição, ou podeis estar apegados a alguma outra crença, mas a morte é o fim da "vida do conhecido"; e o mais importante é rejeitarmos a "vida do conhecido" — rejeitá-la sem *motivo* algum. Por "vida do conhecido" entendo nossa vida de mesquinhez, ciúmes, nossa ambição, nossa avidez. Temos de rejeitar totalmente essa vida, cortá-la pela raiz, mas sem haver *motivo* algum para fazê-lo; porque, se temos algum motivo, esse próprio motivo dá continuidade à "vida do conhecido" e, por conseqüência, não há possibilidade de se experimentar a extraordinária profundeza da morte.

Em geral, é com amargor que chegamos ao "fim do conhecido"; chegamos ao fim de nosso cativeiro, cheios de ansiedade e medo. Não morremos felizes, calmos, belamente. A idéia da morte nos põe num estado de desespero e, por essa razão, se somos sutis, inventamos uma filosofia do desespero, ou recorremos à "filosofia da esperança", como o faz a maioria das pessoas chamadas religiosas. Ora, o relevante é rejeitarmos tudo isso por o termos compreendido, quer dizer, rejeitarmos, sem qualquer razão, a vida que conhecemos; e veremos, então, que nossa mente se achará num estado em que começará a libertar-se do "conhecido". Essa é uma das coisas que precisamos fazer, a fim de podermos compreender a imensidade e a potência criadora da morte.

E agora consideremos a questão do tempo. Há tempo cronológico e tempo psicológico. Não estou falando do tempo cronológico, do tempo marcado pelo badalar do sino daquela igreja. Refiro-me à terminação do tempo psicológico, e essa terminação só pode verificar-se quando a mente não está buscando, obtendo, "chegando"; compreendeu inteiramente esse "processo" e, por conseguinte, não há o amanhã como resultado das experiências de hoje.

O tempo em cujo decurso vamos para o emprego, nos dirigimos a um encontro com alguém, tomamos um ônibus, etc., é coisa completamente diferente do tempo psicológico, que formamos com a esperança; eu não sei, mas saberei; estou enraivecido, mas me encontrarei finalmente num estado de paz; sou nacionalista, estreito, fanático, mas o tempo gradualmente trará a libertação desse estado de mediocridade. O tempo, a mente o utiliza para mover-se, psicologicamente, *daqui* para *ali*. E enquanto existir em cada um de nós esse tempo psicológico, não haverá possibilidade de compreendermos o que é a morte.

Para compreender o que é a morte, a mente deve estar completamente livre do medo. Deve achar-se num estado em que diz para si própria: "Eu não sei" — e não procura nem deseja resposta alguma. Esse é o estado livre do conhecido. Significa que a mente já não busca, psicologicamente, preparar-se para, através do tempo, "vir a ser alguma coisa". Vereis, então, se aí chegardes, que toda idéia de continuidade cessa por inteiro. Morre a mente para todas as suas insignificantes ansiedades, apetites, invejas, vaidades — morre para tudo isso imediatamente, e nesse morrer nenhuma idéia existe de continuidade. Só quando há um fim, pode haver um novo começo. Com o "fim do passado", desponta algo totalmente novo.

O que chamamos "pensamento" dá à mente a idéia da continuidade — e eis o que é "tempo psicológico", porquanto todo pensamento resulta de nosso condicionamento, nossa memória, nossa experiência. Todo desafio provoca uma "resposta" desse *fundo*, e *essa resposta é o pensamento* "em ação", por conseguinte, não há espontaneidade, jamais há "resposta" que esteja livre do passado. Mas, quando tem fim o nosso pensamento, nossa avidez, nossa inveja, nossa ambição e sede de poder, toda a estrutura psicológica da sociedade, que constitui o "eu" — quando tudo isso termina, sem *motivo* algum, a mente se acha num estado de "não saber", completamente vazia; e só então há morte.

Que sucede, na realidade, quando morreis fisicamente? Deixais tudo para trás; nada podeis levar convosco. Não importa quantos motivos tenhais para viver, com a morte não se discute. Não podeis dizer à morte: "Ainda preciso fazer *isto* e *aquilo,* dai-me mais um mês, mais um ano". Quando a morte chega, ela lá está, absoluta, peremptória. Podeis crer na reencarnação ou noutra forma de ressurreição, no futuro, mas todas as crenças são irrelevantes ao terdes pela frente o fato da morte. E se, interiormente, morrerdes para a estrutura psicológica da sociedade, para todas as acumulações do passado, podereis ver que a morte é criação — não a criação do escritor, do músico, do pintor, do cientista, porém criação que não tem começo nem fim. E, se não estamos nesse estado de criação, que é morte, que é amor, nossa vida pouco significa.

Por conseguinte, não tomeis o que estou dizendo por uma certa filosofia lógica ou superlógica, mas penetrai realmente em vós mesmo, compreendendo-vos completamente. Negai totalmente tudo o que até agora considerastes *vida* — vossas experiências, vossa ambição, vossa avidez, vossa inveja — e vereis que nesse findar se encontra uma morte que é "criação atemporal" e que, se desejardes dar-lhe nome diferente, se pode chamar "Deus", o "imensurável", o "desconhecido".

Desejais fazer perguntas sobre este assunto?

PERGUNTA: *Não deveríamos guardar silêncio por alguns minutos?*

KRISHNAMURTI: Os senhores não estavam em silêncio enquanto escutavam? Não se mantinham atentos, vigilantes? E quando uma pessoa está atenta, vigilante, há um silêncio de peculiar qualidade. O

orador esteve explicando uma certa coisa, e embora haja falado durante quarenta minutos — se não houver errônea compreensão do que quer dizer — ele não fez uso do pensamento. Esteve a mover-se de fato para fato, servindo-se de palavras para se explicar; mas se, escutando, vos estivestes movendo apenas, por assim dizer, horizontalmente, no nível verbal, nesse caso não tereis penetrado vertical e profundamente em vós mesmos. Assim, o silêncio é um estado de atenção, um estado de real descobrimento. Não vos achais em silêncio, se vossa mente *foi* silenciada, ou se vos deixastes hipnotizar pelas palavras e os sentimentos do orador.

PERGUNTA: *Se a compreensão não é permanente, se só se apresenta "num clarão", que acontece no intervalo entre "clarões"?*

KRISHNAMURTI: É preciso compreender a natureza íntima da experiência. Para a maioria de nós a experiência é uma reação, é a "resposta" de nossa memória a um desafio. Essa memória das coisas que conhecemos pode ser antiga ou moderna, superficial ou profunda, e nós "experimentamos" de acordo com esse *fundo*. As novas experiências vão sendo acumuladas, armazenadas, e tornam, assim, cada vez mais forte o fundo.

Ora, quando há um "clarão de compreensão", isso não constitui nenhuma "resposta" daquele fundo. Nesse momento, o fundo se mantém em silêncio. Se *ele* não está em silêncio, não há compreensão, porque, então, apenas interpretais em termos do "velho" aquilo que ouvis ou vedes. O "clarão da compreensão" não é contínuo, não é permanente. A continuidade ou permanência pertence inteiramente ao *fundo* de experiência e conhecimento que, perpetuamente, está respondendo aos desafios. A compreensão só vem num clarão; e como surge esse clarão? Esse clarão não pode verificar-se na mente indolente, deformada, tradicional, embotada, entorpecida, nem tampouco naquela que visa ao poder, à posição, ao prestígio. O clarão da compreensão só pode ocorrer na mente alertada; e que continua alertada, mesmo quando nenhum clarão ocorre. Essa mente está sempre desperta, vigilante. Estar vigilante, sem diferenciar, observando cada movimento de pensamento e de sentimento, vendo tudo o que se passa — isso é bem mais importante do que aguardar o clarão da compreensão.

PERGUNTA: *Podeis explicar melhor a questão do "ver o verdadeiro no falso"?*

KRISHNAMURTI: Isso é tão simples e tão claro — há necessidade de mais explicações? Considerai qualquer coisa falsa, o nacionalismo, por exemplo. Perceber a falsidade do nacionalismo é perceber a verdade no falso. Ver o que é falso na autoridade, a falsidade da igreja, é descobrir o verdadeiro. Perceber a verdade no ciúme, na ambição, na busca de poder, de posição, de prestígio, é ver sua completa falsidade; e quando vemos esta verdade, não uma pontinha dela, porém sua totalidade, então esse próprio ver liberta a mente do falso.

PERGUNTA: *Não há perigo de condenarmos certas coisas que não aprovamos?*

KRISHNAMURTI: A condenação é uma reação, uma resistência, e aquilo que condenamos, evidentemente, não compreendemos. Suponhamos que eu seja católico, comunista, qualquer coisa, e, porque desejo descobrir a verdade relativa a essa questão, começo a considerá-la, a penetrá-la. Percebo então a falsidade do apego a qualquer dogma e crença e, assim, de pronto as rejeito. Essa rejeição não representa uma condenação do comunismo ou da igreja. Vejo simplesmente que essas coisas nada significam para um homem que tem o sério desejo de descobrir o que é verdadeiro.

PERGUNTA: *Quando a mente está perfeitamente quieta, silenciosa, quem está consciente desse silêncio?*

KRISHNAMURTI: Quando sois alegre, feliz, no momento em que vos cientificais desse estado, já não sois feliz. Já notastes isso? Não? No momento em que vos identificais com a felicidade, acabou-se a felicidade. Ela é então, apenas, uma lembrança. O silêncio não pode ser experimentado pelo "eu". Talvez examinemos esta questão quando eu voltar a falar sobre a meditação.

INTERPELANTE: *Uma das causas de conflito em mim é a questão de saber o que é correto fazer.*

KRISHNAMURTI: Senhor, que é compaixão? Não é um estado de simpatia, piedade, consideração? E nele, por certo, não há o sentimento de ajuda a outrem. Estou aqui ajudando a todos os que me ouvem? Espero que não. Digo-o a sério. Se tenho o sentimento de vos estar ajudando, nesse caso considero-me uma pessoa de maior

saber e, desse modo, torno-vos meus seguidores. Não nos referimos a ajudar-nos uns aos outros mas, sim, procuramos descobrir o verdadeiro; e esse descobrimento exige imensa compaixão. Nesse estado de compaixão, podemos dar ajuda, dar simpatia a outro, mas não há conflito interior.

INTERPELANTE: *Dissestes ser a ambição uma coisa falsa. Não percebo como pode ser assim. Se renuncio a minhas ambições, puramente materialistas, para alcançar a vossa imensurável compreensão, isso é ainda uma forma de ambição. A ambição é necessária, se desejamos "chegar a alguma parte" na vida.*

KRISHNAMURTI: Tantas coisas estão envolvidas na ambição! Primeiramente, temos a autoridade — a autoridade — de um padrão que vós mesmo estabelecestes e que vos obrigais a seguir, ou a autoridade da estrutura psicológica social. Ora, autoridade supõe obediência. A estrutura psicológica da sociedade exige que sejais competidor, ambicioso, ávido, invejoso, sequioso de poder, etc. Se percebeis a falsidade de tudo isso, não deveis rejeitar — no sentido dessa palavra, conforme expliquei esta manhã — a estrutura psicológica da sociedade? Esta estrutura é que nos faz ajustar-nos, que nos torna embotados, extremamente insensatos; por conseguinte, a mente religiosa deve estar livre da estrutura psicológica da sociedade.

Ao dizerdes que um indivíduo precisa ser ambicioso para "chegar na vida a alguma parte", que significa isso? Significa lutar para alcançar alta posição, nessa confusa e miseranda sociedade em que vivemos. Mas, não é possível vivermos neste mundo sem ambição, sem alvo?

Como se estabelece um alvo? Ou o "projetais" do *fundo* de vosso próprio desejo, ou seguis o exemplo, venerais o êxito de outro. Assim se estabelece o alvo de cada um de nós, em conformidade com o condicionamento que nos foi imposto por determinada sociedade ou cultura. A "projeção" de um alvo decorre de nossas próprias reações, nobres ou ignóbeis.

Ora, por que necessitamos de alvo? Desejar um alvo significa que não nos contentamos com viver plenamente, dia por dia. Queremos ter o sentimento de "estar chegando a alguma parte" e, por isso, estabelecemos um objetivo, para darmos à vida uma profunda

significação. Nossa vida e atividades de cada dia pouco exprimem e, assim, projetamos um ideal que pensamos lhe dará significado; mas não dá, porque o que "projetamos" nós mesmos o criamos. O importante não é termos um propósito, porém, sim, vermos se nossa existência diária encerra em si alguma significação.

7 de agosto de 1962.

A MEDITAÇÃO

(SAANEN — IX)

Esta manhã vou falar sobre a meditação. É um assunto complexo e, no entanto, bem simples. A meditação não é de modo nenhum essa coisa misteriosa, "oriental", que muitos de nós imaginamos e rodeamos de idéias românticas e absurdas. E para penetrar profundamente nesta matéria, como pretendo fazer nesta manhã, certas coisas são evidentemente necessárias.

Em primeiro lugar, devemos compreender que a palavra não é a coisa. A palavra "meditação" não é meditação e precisamos estar extraordinariamente alertados para não permanecermos no mero nível verbal e considerarmos a meditação como coisa intelectual ou fantástica e, portanto, sem real significação em nossa vida diária. Requer-se também uma mente sutil e bastante sensível. A sutileza e a sensibilidade combinam-se quando a mente já não está buscando. Pela palavra "buscar" entendo o tentar alcançar um alvo, o perseguir visões, o deixar-se enredar em várias formas de auto-hipnose. Por outras palavras, precisamos ser capazes de pensar lógica, racional e claramente. Quando pensamos com clareza, sem nenhuma ânsia de buscar, vemos que o pensamento termina; e para se compreender o que é meditação, torna-se indispensável a terminação do pensamento.

Antes de entrarmos nesta questão da meditação, devemos também compreender o que é mente religiosa. Mente religiosa não é a mente confusa, estagnada, prisioneira da crença, do dogma, do ritual. Ela não é escrava de nenhuma autoridade. Não pertence a nenhum grupo, nenhuma religião organizada, não recorre a nenhum Salvador, Mestre, ou Guia. Ela é a luz de si mesma.

Religiosa é a mente que está livre de toda influência. O ser dominada por qualquer espécie de influência deforma a mente. Não

podemos eliminar as influências, mas cumpre cientificar-nos delas. Devemos perceber o quanto influem em nossa mente, consciente ou inconscientemente, as leituras sobre a meditação, isto é, acerca dos vários sistemas de meditar que prometem ao "meditador" certos resultados, desde que se ajuste a um determinado modo de praticá-la. Precisamos conscientizar-nos de tudo isso e, em seguida, pô-lo de lado.

A mente religiosa é simples, sem complicações. Para mim a palavra "simplicidade" significa "não estar envolvido em conflito". Não significa tomar só uma refeição por dia, andar de tanga, ou retirar-se para um mosteiro. Isso não é simplicidade, absolutamente. A mente está então apenas se ajustando a um padrão por ela própria ou por outro estabelecido, como reação à complexidade da vida.

A mente religiosa é simples, direta; não está enredada em palavras e não cria nenhum intervalo de tempo entre o que *é* e o que *deveria ser*. Percebe diretamente os fatos psicológicos de sua própria natureza e, por conseguinte, não oferece o solo no qual se enraízam os problemas.

Vejamos agora se podemos entrar, passo a passo, na questão da meditação. Considero a meditação tão importante como o banhar-se, o comer, ou o contemplar a beleza das montanhas e a superficialidade de nossa mente. É tão importante como o ganhar o sustento. Se não sabeis meditar corretamente, muito tendes perdido — o esplêndido despertar da vida, pleno de beleza e de riqueza! Escutai, pois, o que vou dizer.

A meditação é um estado maravilhoso, que nenhum esforço requer. Em regra, estamos condicionados para fazer esforço. Lutamos para alcançar um resultado, ou reter uma dada experiência, ou para acumular conhecimento, e tudo isso implica várias formas de conflito; e, se não compreende o conflito, a mente não tem possibilidade de se pôr naquele estado isento de esforço e que é a meditação.

Ora, como em geral não sabemos o que é meditação correta, importa que nós mesmos o descubramos. Não vou ensinar-vos nenhum método, porque todo método ou sistema de meditação é simplesmente um meio de cultivar o hábito; e a mente que se enreda no hábito fica embotada, insensível, privada de inteligência. Necessitamos compreender e livrar-nos totalmente dessa idéia de ajustamento a um padrão, não importa quem seja o suposto fundador desse padrão. Precisamos compreender o significado de todos os padrões, de todos os sistemas. Há sistemas que oferecem um certo resultado

na meditação, e quando, regular e seriamente, praticais um tal sistema, ele de fato produz uma certa experiência ou estado; mas o sistema molda a mente, dá-lhe forma, em conformidade com aquele padrão e, por conseguinte, a ela não está livre. Assim, para descobrirmos o que é a verdadeira meditação, é necessário libertar-nos desse processo imitativo.

Esta é uma matéria de tal magnitude, envolvendo variações e sutilezas tão extraordinárias, que se torna realmente difícil saber onde começar.

Para a maioria de nós, a vida é agitação, constante labuta. Ela é sofrimento, alegria passageira, um sempre cambiante padrão de sombras e luz. Nada permanece e, por conseguinte, consciente ou inconscientemente, buscamos alguma forma de permanência, permanência a que, variadamente, chamamos paz, felicidade, Deus, esclarecimento. Vendo-nos em conflito, numa interminável condição de fluidez, desejamos um estado permanente; mas não há nenhum estado permanente. Se alcançais um estado permanente, vossa mente está morta.

A meditação, pois, não é nenhuma maneira de alcançar qualquer forma de permanência; e, também, não é oração. A oração supõe súplica, rogo, o recorrer a outro em busca de conforto, de segurança psicológica. A meditação não é contemplação. A contemplação significa aplicar a mente a uma certa coisa e esperar, observar. Há, nela, dualidade: o observador e a coisa que está sendo observada; portanto, a meditação não é contemplação, nem tampouco o despertar de visões. As visões são puramente reação, "resposta" procedente de vosso fundo. Se sois devoto cristão, podeis ver o Cristo e considerais isso uma extraordinária experiência espiritual; mas não é nada disso. Trata-se apenas de uma experiência "condicionada", da projeção de uma mente imatura, sem compreensão. Assim como vedes o Cristo, o budista verá o Buda, e o hinduísta sua divindade particular. Tudo isso são projeções do próprio condicionamento, e precisamos estar livres dele; e o libertar a mente desse condicionamento faz parte da meditação.

Nestas últimas duas ou três semanas estive discorrendo, entre outras coisas, sobre a questão do medo e do sofrimento. Quando temos medo, ou quando nos acabrunha o sofrimento, não podemos achar-nos no estado de meditação. Para quem realmente deseja compreender a profundeza e a beleza da meditação, o medo deve cessar e nenhum sofrimento deve existir. E quando livres do medo, da amargura, de toda a estrutura psicológica da sociedade, que é feita de ambição, de avidez, de inveja, do desejo de êxito, da existência de poder, posição, prestígio — quando tudo isso foi examinado e

compreendido, o cérebro se torna então tranqüilo. Mas só podeis compreender e livrar-vos de toda essa agitação, se dela vos conscientizardes sem nenhum esforço. Se lutais para transformar o medo em coragem, não podeis alcançar o inteiro significado do temor. Conforme tenho explicado, o cérebro humano é o resultado de séculos de existência condicionada, "animalística". Esse cérebro precisa ficar completamente quieto, e não podemos *torná-lo* quieto por meio de disciplina, de compulsão. Mas ele fica espontaneamente tranqüilo ao compreender todas essas coisas sobre que estive falando.

Está agora bem claro que, para que a mente possa achar-se no estado de meditação, é imprescindível a eliminação do conflito. Existe conflito enquanto há divisão entre o pensador e o pensamento. Para a maioria de nós, o pensador está separado do pensamento, o experimentador difere daquilo que está sendo experimentado. Existindo essa divisão, será inevitável o conflito, porquanto ela é a origem do conflito. Eis porque é absolutamente necessário fazer cessar essa divisão.

O pensador é o censor, o produto condicionado de séculos de atividade egocêntrica; ele constitui o "centro" do medo, do conflito, do sofrimento.

Estou entrando paulatinamente, nisso que é meditação. Não fiqueis, até o fim, à espera de uma descrição completa de "como meditar". O que agora estamos fazendo faz parte da meditação.

Ora, o que se precisa fazer é estar ciente do pensador, sem tentar dissolver a contradição para operar a integração do pensamento com o pensador. O pensador é a entidade psicológica que tem acumulado experiência na forma de conhecimento; é o centro que está sujeito ao tempo e resulta de influências ambientes sempre cambiantes, e desse "centro" ele olha, ele escuta, ele experimenta. Enquanto não se compreender a estrutura e a anatomia desse centro, haverá sempre conflito; a mente em conflito nenhuma possibilidade tem de compreender a profundeza e a beleza da meditação.

Na meditação não pode haver pensador, e isso significa que o pensamento deve terminar — o pensamento, que é impelido pelo desejo de alcançar resultado. A meditação nenhum interesse tem em resultados. Não é questão de respirar de uma certa maneira, de olhar para a ponta do nariz, ou de despertar a faculdade de executar certas "habilidades", ou qualquer das restantes infantilidades e absurdos. Mas, se estivestes escutando estas palestras com plena atenção, apreendendo mais ou menos o significado do que se esteve dizendo,

verificareis existir um estado mental que é sempre "meditativo". A meditação não é coisa separada da vida. Quando conduzis um carro ou estais sentado num ônibus, quando tagarelais a esmo, quando passeais sozinho numa floresta ou observais uma borboleta que se deixa levar pelo vento — cientificar-se de tudo isso, objetivamente, faz parte da meditação.

Há outra coisa que eu desejava assinalar — a diferença entre concentração e atenção. Quando se dá um brinquedo novo a uma criança, a concentração dela é completa, ela fica quieta, pára suas traquinices, para absorver-se inteiramente naquele brinquedo, completamente desinteressada de tudo o mais. Ora, em geral, desejamos brinquedos que nos absorvam. Quer se trate de adquirir saber, ou do símbolo do Salvador, ou de um belo quadro, ou dos efeitos estimulantes da Missa, ou da prática de uma certa forma de disciplina, como, por exemplo, o controle da respiração, etc. — tudo isso são brinquedos que absorvem a mente; e, assim absorvida, limitada, empolgada pelo "brinquedo", a mente se torna concentrada. E ainda quando rejeitais esses "brinquedos", como em geral o fazem as pessoas inteligentes, mesmo assim continua existente o impulso para vos absorverdes em vossos próprios pensamentos, em vossa experiência, em vosso saber. Essa absorção ocasiona também uma certa concentração; mas, se a observardes, vereis que essa concentração é um processo de exclusão.

Há também outra forma de concentração — a do colegial que deseja olhar pela janela, mas o mestre lhe manda ler um certo livro. Sabe esse jovem que, se deseja passar nos exames, não poderá estar sempre a olhar pela janela e, assim, exercita-se para estudar. Isso produz uma forma de concentração, mas, como a concentração da absorção, ela se baseia na exclusão, e também na resistência. Para a mente que, dessa maneira, aprendeu a concentrar-se, há sempre uma distração e ela, por conseguinte, está sempre a lutar contra essa distração. Eis o que fazemos quase todos quando nos concentramos, não é verdade? Resistimos às chamadas distrações a fim de nos concentrarmos numa certa coisa, à qual pensamos que devemos aplicar nossa atenção.

Ora, há enorme diferença entre concentração e atenção. Achando-vos "atentos", podeis ouvir o barulho daquele regato, ouvir o trem que passa, o ciciar do vento entre as folhas e os movimentos dos que estão próximos de vós, ver as variegadas cores dos trajes das pessoas, notar a forma deste pavilhão — e ao mesmo tempo escutar o que diz o orador. A mente, então, nenhuma fronteira tem, e, nessas con-

dições, ela pode concentrar-se sem exclusão de nada; mas quem apenas aprendeu a concentrar-se não pode estar atento. Esse estado de atenção sem resistência, sem conflito, sem se forçar a mente num canal predeterminado, é absolutamente necessário. E quando tiverdes atingido esse ponto, vereis por vós mesmos com que facilidade e suavidade se torna existente o silêncio da mente.

O silêncio que nós geralmente buscamos é o silêncio do declínio e da morte. A chamada "paz" alcançada pelos monges e outros que se retiraram do mundo é, em geral, uma condição de completa insensibilidade, um estado de embotamento. Eles de fato experimentam um certo silêncio mental, mas é o silêncio morto da "exclusão". Já o silêncio a que me refiro é um estado de atenção em que se percebem todos os sons, todos os movimentos, todas as variações do pensamento e do sentimento.

Se existe um "experimentador" ou "observador" do silêncio, não há silêncio, porém algo "projetado" pela mente. No silêncio completo, não há "experimentador do silêncio", mas, sim, um estado de atenção em que ouvimos o avião a sobrevoar-nos, o trem que passa, e ao mesmo tempo a mente está atenta ao que se diz; ela observa, escuta tudo. Desse imenso silêncio em que a mente já nada busca, espera, deseja, exige, provém um movimento que é criação atemporal, inexprimível. Não é a criação do escritor, do pintor, do músico, porém algo que transcende tudo isso. Essa criação é energia — energia que é morte, energia que é amor — e nela não há começo nem fim. Ela só se manifesta pelo autoconhecimento, e esse processo, no seu todo, é meditação.

Espero não estejais sendo hipnotizados por minhas palavras. Com profunda investigação interior e pondo de parte, rigorosamente, toda a vossa mediocridade, inveja, avidez, desejo de fama — morrendo para toda espécie de técnica ou habilidade que houverdes adquirido, de modo que não sejais *ninguém* — sabereis então, por vós mesmos, o que é criação. Mas se apenas estais sendo influenciados por outrem, então, isso não é meditação.

PERGUNTA: *A inocência que tendes descrito difere da meditação?*

KRISHNAMURTI: Em algumas de nossas reuniões, aqui, tive ocasião de falar a respeito do estado de "inocência". Disse que a mente inocente é aquela que não está aprisionada na estrutura psicológica da sociedade e, por conseguinte, se acha livre de conflito; sobre ela

não pesam as lembranças de coisas passadas — o que, entretanto, não significa um estado de amnésia. Já não a prende nenhuma técnica, embora a técnica seja necessária. E o interrogante deseja saber se há diferença entre esse "estado de inocência" e a meditação, sobre que estive falando esta manhã.

Uma de nossas dificuldades, assim me parece, é que nos apoderamos de uma palavra, tal como "inocência", ou "imensidade", ou "criação", e depois procuramos relacionar todas as coisas com essa palavra. Como já disse, a palavra não é a realidade. A palavra "meditação" não é a própria meditação; a palavra "inocência" não é o estado de inocência. Mas, quando existe esse estado de inocência, ele é também estado de meditação. Não podeis alcançar essa inocência enquanto fordes ambicioso, enquanto vossa mente for medíocre, enquanto estiverdes aprisionado na estrutura psicológica da sociedade e nada fordes senão uma técnica "corporificada", como o somos na generalidade. Exercemos certa atividade, pois temos de ganhar o sustento, e pouco melhores somos do que máquinas, por mais talentosos, sagazes e sutis que sejamos. Uma mente "maquinal" não é uma mente "inocente". Os computadores, os cérebros eletrônicos provavelmente são "inocentes", mas são feitos de metais e não são entes vivos como nós. Com o tempo poderá ser inventada uma máquina com uma determinada espécie de vida própria — e talvez não estejamos muito longe disso. Mas, quando nos reduzimos ao ponto de funcionar como máquinas em nosso esforço tecnológico, nossa aquisição de saber, nosso acumular de experiência — assim não haverá inocência. A inocência é aquele estado no qual a mente é sempre jovem e fresca. A mente inocente nenhum medo tem da morte, nem de coisa alguma e está, portanto, livre do tempo.

PERGUNTA: *Talvez possamos ficar nesse estado de inocência, ou meditação, enquanto despertos; mas que acontece quando dormimos?*

KRISHNAMURTI: Estamos *despertos* durante o dia? Presumimos que sim. Achamo-nos *despertos* se deixamo-nos aprisionar em hábitos de pensamento, em atividades e condutas rotineiras? Se constantemente condenais, comparais, julgais, avaliais, ou vos considerais como pertencente a uma certa raça, nacionalidade, "cultura" ou religião — estais *desperto?* Se o hábito vos domina e, por conseguinte, não vos achais *desperto* durante o dia, o sono, nesse caso, é apenas uma continuação desse mesmo estado mental. Faz, então, muito pouca diferença se, fisicamente, estais dormindo ou acordado. Podeis

freqüentar assiduamente a igreja, recitar orações, ou cantar um *mantram,* como acontece na Índia, ou entregar-vos a qualquer das outras práticas como habitualmente fazem as chamadas pessoas religiosas; ou podeis repetir chavões (*slogans*), como os políticos, ou contemplar a vida do ponto de vista artístico; mas constitui qualquer dessas coisas um estado de inteligência *desperta?* Encontrar-se nesse estado de "inteligência desperta" é ser a luz de si mesmo. Não se tem então nacionalidade, nem igreja, nem Deus; não se depende da música, da pintura, da beleza das montanhas; não se depende da família, do marido, da mulher, dos filhos. E quando, interiormente, uma pessoa se acha desperta, que é então o sono? Que significação tem o sono quando tanto o consciente como o inconsciente se mantêm totalmente despertos?

É a pessoa embotada, envolvida em conflito, que sonha. Os sonhos são apenas sugestões do inconsciente. Conservando-nos atentos durante o dia, tudo observando, dentro e em redor de nós — mas não de um centro de julgamento ou condenação, se assim nos achamos, ao dormir, não sonhamos. Se quando estais desperto — tomando um ônibus, ouvindo um concerto, passeando a sós, conversando com amigos — percebeis, de imediato e sem reação, as sugestões ou mensagens do inconsciente; se todas as coisas que se passam interior e exteriormente são de pronto observadas, reconhecidas, compreendidas, então, ao dormirdes vossa mente estará quieta; e, porque está quieta, pode alcançar grandes profundidades. E vereis que esse estado de profundo silêncio durante o sono traz frescor, purificação, e, assim, o dia seguinte é um dia diferente, traz consigo algo novo. Mas tudo isso requer uma extraordinária percepção interior.

PERGUNTA: *Há visões não condicionadas?*

KRISHNAMURTI: Essas duas palavras não são contraditórias? O que está implicado na palavra "visões" e o que envolve o termo "condicionado" são coisas essencialmente diferentes? Como já expliquei, senhor, nossa mente está condicionada, e não podemos evitar o sermos condicionados. Desde a infância, ela é moldada pela educação no lar e também na escola e no colégio, e, posteriormente, continua a ser condicionada pela sociedade. Somos cristãos, judeus, hinduístas, comunistas e sabe Deus o que mais. Quaisquer visões que tenhamos hão de ser conformes com o nosso condicionamento religioso e, quanto mais requintado esse condicionamento, tanto mais requintadas as visões.

Já examinamos o que significa "mente descondicionada" e, portanto, não tratarei disso agora. A mente livre não tem visões. Deus não é uma visão.

OUVINTE: *Não percebo a relação existente entre a morte, o sofrimento e o estado de meditação.*

KRISHNAMURTI: Para perceber o inteiro significado do sofrimento — não apenas verbal ou intelectualmente, mas, sim, penetrando-o a fundo e libertando-nos de sua ação corrosiva e interior — a mente precisa achar-se num estado de meditação. Toda verdadeira investigação é um estado de meditação. Para compreender o significado da morte — compreensão que significa morrermos todos os dias para nossos talentos, nossas qualidades, nosso trabalho, nossas lembranças — precisamos estar imparcialmente atentos, plenamente vigilantes; e esse estado de atenção pura é meditação. Não há diferença entre meditação e compreensão do sofrimento, porque a compreensão do sofrimento é o começo da meditação. Para poder ir muito longe na meditação, a mente deve estar livre de todos os liames psicológicos. Nesse estado de liberdade há um movimento que não envolve distância nem tempo, e esse movimento é criação. Tudo isso faz parte da meditação.

PERGUNTA: *A atividade criadora dos grandes artistas difere do movimento criador de que falais?*

KRISHNAMURTI: Devo dizer que sim; mas esta é uma questão de que não desejo tratar nesta manhã. O movimento criador não exige expressão; de nenhuma técnica depende, de nenhum dom ou talento. Pelo contrário, qualquer dom, todo talento deve desaparecer, para que a mente se encontre com essa imensa criação. Podereis perguntar: "Mas se o movimento criador de que falais não pode ser posto numa tela, não pode expressar-se num poema, em arquitetura, em música, que valor tem então?" — Nenhum, absolutamente. Ele não é coisa mercadejável. Dele nenhum benefício podeis auferir. É algo absoluto. Podemos sonhar com traduzir em ação o movimento criador, expressá-lo em palavras, pô-lo numa moldura, mas nunca poderemos fazê-lo. O artista poderá, em raros momentos, ter um sentimento de algo transcendente a seu pequenino "ego", mas isso não é movimento criador. Só pode vir à existência aquela imensidade quando o "eu" está de todo ausente e a mente, por conseguinte, é deveras religiosa.

9 de agosto de 1962.

A HUMILDADE E O ESTADO DE APRENDER

(SAANEN — X)

Penso que todos nós estamos cientes das extraordinárias transformações exteriores ocorrentes no mundo, mas são bem poucos os que se transformam intimamente. Ou seguimos um certo padrão de pensamento estabelecido por outrem, ou criamos nossa própria estrutura ideológica, dentro da qual ficamos funcionando. E a maioria de nós acha dificílimo libertar-se desse padrão "conceitual". Vivemos passando de conceito para conceito, de idéia para idéia, e pensamos que esse movimento é transformação; mas, como qualquer um pode ver se o observar atentamente, isso, em verdade, não é transformação nenhuma. O pensamento não pode produzir transformações profundas. O pensamento pode ser a causa de certos ajustamentos superficiais, poderá criar um novo padrão e a ele se ajustar, mas interiormente não se verifica nenhuma transformação significativa: somos, e provavelmente continuaremos a ser, o que sempre fomos. Esses ajustamentos exteriores correspondem sempre à nossa instabilidade interior, nossa interior incerteza, nosso interior sentimento de medo, e à nossa ânsia de fugir dos recantos escuros e inexplorados de nossa mente.

Se me é permitido, peço encarecidamente àqueles que estão tomando notas, não o façam. Não estais aqui para coligir idéias. Não estamos trabalhando com idéias; pelo contrário, estamo-las destruindo. Apenas destruímos o padrão que nossa mente insignificante elaborou para sua própria segurança. Assim, deixai-me sugerir-vos, respeitosamente, que não tomeis notas, porém, antes, *experimenteis* realmente, vivais o que se está dizendo; e, para isso, deveis escutar com naturalidade, com aprazimento e viveza, sem nenhum esforço. Não digo que deveis concordar — já dissemos tudo o que era necessário a esse respeito, e não desejo repeti-lo.

Nesta manhã desejo examinar uma coisa que *sinto* ser muito importante, mas penso que primeiramente devemos compreender que o

movimento exterior e o movimento interior da vida são essencialmente a mesma coisa. Importa não dividirmos esse movimento em "mundo exterior" e "mundo interior". Ele é idêntico à maré, que vai para muito longe e retorna, sempre profunda. É quando dividimos esse movimento da vida em "exterior" e "interior", "material" e "espiritual", que começam todos os conflitos e contradições. Mas, se experimentamos verdadeiramente esse movimento como um processo unitário, incluindo tanto o "interior" como o "exterior", então não há conflito. O movimento interior já não é, então, uma reação ao "exterior", uma fuga ao mundo e, portanto, não precisamos retirar-nos para um mosteiro ou para o isolamento de uma torre de marfim. Ao compreendermos o significado do "exterior", o movimento interior deixa de ser o oposto do exterior; não é então, uma reação e, portanto, pode penetrar mais profundamente. Julgo, pois, ser esta a primeira coisa que cumpre compreender: que não podemos separar o interior do exterior. Trata-se de um processo unitário, e há grande beleza no perceber a sua indivisibilidade. Mas, para penetrarmos mais amplamente nesse processo, precisamos compreender a natureza da humildade.

Em geral, não sabemos realmente o que significa ser humilde, ter o sentimento de humildade completa. A humildade não é uma virtude cultivável. No momento em que se cultiva a humildade, já não há humildade. Ou sois humilde, ou não sois. Para terdes o sentimento de completa humildade, deveis perceber esse movimento interior e exterior como um processo único. Deveis compreender o significado da vida como um todo — a vida de sofrimento, de prazer, de dor, a vida que busca perpetuamente um pouso, que busca algo a que chama "Deus" ou por outro nome qualquer. Tendes de compreender tudo isso, e *não* rejeitar uma de suas partes para aceitar outra. *Compreender* é achar-se num estado de pleno percebimento. Significa escutar, passivamente, vossa esposa, vosso marido, o vento entre as árvores, o murmúrio das águas que passam, significa ver as montanhas, estar inteirado de tudo. Nesse estado de percebimento objetivo, há uma compreensão do exterior e do interior como um movimento total, unitário, e com essa compreensão se apresenta o senso de humildade. A humildade é importante, porque a mente sem humildade não pode aprender. Poderá acumular conhecimentos, reunir mais e mais informações, mas conhecimento e informações são coisas superficiais. Não sei porque tanto nos orgulhamos de nosso saber. Tudo se encontra em qualquer enciclopédia, e é estultícia acumular conhecimentos para satisfação de nosso orgulho e arrogância pessoal.

A humildade, pois, não é uma coisa que se deve alcançar com esforço. Alcançá-la-eis naturalmente, facilmente, "graciosamente", uma vez percebido como um processo total esse movimento do exterior e do interior. Então, começareis a aprender. Aprender é o estado da mente que jamais acumula experiência como memória, por mais agradável que seja a experiência; é o estado da mente que nunca evita um pesar, uma frustração. Ela se acha sempre num "estado de aprender", de humildade. E vereis que da humildade provém a disciplina. Em maioria, não somos disciplinados. Submetemo-nos, ajustamo-nos, imitamos, reprimimos, sublimamos, mas nada disso é disciplina. Submissão não é disciplina e, sim, meramente, um produto do medo; por conseguinte, torna a mente estreita, estulta, embotada. Refiro-me a uma disciplina que existe espontaneamente quando há esse extraordinário senso de humildade e, por conseguinte, nos achamos num "estado de aprender". Não é então necessário impor à mente nenhuma disciplina, porquanto o "estado de aprender" é, em si mesmo, uma disciplina.

Espero estar explicando isso bem claramente. Não falo da disciplina mecânica do soldado, que é exercitado para matar ou ser morto, nem da disciplina da técnica. Os escritórios, oficinas, fábricas, laboratórios e as diversas profissões técnicas requerem eficiência e, a fim de funcionar eficientemente num dado trabalho, a pessoa se disciplina, para corresponder ao padrão estabelecido. Não me refiro a nada disso. Refiro-me a uma disciplina completamente diferente, uma disciplina que nasce espontaneamente quando se compreende esse extraordinário processo da vida, não em fragmentos, mas como um todo indiviso. Quando vos compreendeis, não "especializado" como músico, artista, orador, iogue, etc., mas como ser humano total, então, como resultado dessa autocompreensão, há um "estado de aprender", e ele constitui uma disciplina isenta de ajustamento, imitação. A mente não está sendo moldada de acordo com nenhum padrão e, portanto, é livre, e nessa liberdade há um espontâneo senso de disciplina. Acho importante compreender isso, porquanto, para a maioria de nós, liberdade significa fazer tudo o que desejamos, ou obedecer aos nossos instintos, ou seguir o que, infelizmente, chamamos "nossa intuição". Mas nada disso é liberdade.

Liberdade significa esvaziar a mente do conhecido. Não sei se já alguma vez o tentastes, vós mesmo. O relevante é libertarmos a mente do conhecido, ou, melhor, que a mente se liberte do conhecido. Isso não significa que a mente deva libertar-se do conhecimento "fatual", pois em certo grau necessitamos desse conhecimento. É claro

que não deveis libertar-vos do conhecimento do lugar onde residis, etc. Mas a mente pode libertar-se do seu *fundo* de tradição, de experiências acumuladas, e dos vários impulsos conscientes e inconscientes que representam reações daquele *fundo;* e ficar completamente livre desse fundo significa rejeitar, pôr de lado, morrer para o conhecido. Se assim fizerdes, descobrireis por vós mesmo quanto é realmente significativa a liberdade.

Falo de uma total liberdade interior em que não há dependência psicológica, nem apego de espécie alguma. Enquanto há apego, não há liberdade, porque o apego implica sentimento de íntima solidão, vazio interior, o qual exige um estado de relação exterior em que amparar-se. A mente livre não é apegada, embora possa ter relações. Mas não pode nascer a liberdade, se não há aquele "estado de aprender" que traz consigo uma profunda disciplina interior, não baseada em idéias nem em nenhum padrão "conceitual". Quando a mente se liberta constantemente pelo morrer de instante em instante para o conhecido, daí provém uma disciplina espontânea, uma austeridade nascida da compreensão. A verdadeira austeridade é uma coisa maravilhosa; não é a seca disciplina, e sem nenhum valor, da renúncia destrutiva, que em geral imaginamos.

Não sei se já alguma vez experimentastes esse extraordinário sentimento de "ser completamente austero" — coisa que nada tem em comum com a disciplina de controle, ajustamento, submissão. E essa austeridade *deve* existir, porque, nela, há grande beleza e intenso amor. Nessa austeridade há paixão; ela só se apresenta ao existir solidão interior.

Agora, penso que é preciso perceber bem a diferença entre "isolamento" e "solidão". Em regra, conhecemos a "solidão do isolamento" sempre que nos tornamos conscientes de nós mesmos. Talvez já tenhais conhecido a experiência de vos sentirdes subitamente *isolado* de tudo, de não estardes em relação com coisa alguma. Podeis acharvos no meio de uma multidão, ou no círculo da família, ou numa reunião social, ou ainda passeando a sós pela margem de um rio, e subitamente vos vem um sentimento de completo isolamento. Esse sentimento de isolamento é essencialmente um "estado de medo", e ele sempre existe, emboscado no segundo plano da mente. Desse medo procuramos fugir constantemente, fazendo coisas de todo gênero: lendo um livro, ouvindo o rádio, vendo televisão, bebendo, procurando mulheres, voltando-nos à busca de Deus, etc. É desse isolamento e por temermos isolar-nos que decorrem todas as nossas ações e reações. "Isolamento" é coisa completamente diferente de "solidão".

A mente que se vê isolada, e com medo, está à mercê de inumeráveis influências; como um pedaço de barro, ela é maleável, pode ser modelada, ser forçada a ajustar-se a um molde. Mas, *solidão* é a mente livre de qualquer influência: influência da esposa, do marido, da tradição, da igreja, do Estado. Ela significa estar libertado da influência de leituras e das próprias e inconscientes exigências. Por outras palavras, *solidão* é a completa libertação do passado. É o "estado de aprender" que surge quando a mente compreende o processo total da vida; daí vem uma disciplina que não é a disciplina da Igreja, ou do exército, ou do especialista, ou do atleta, ou do homem que cultiva o saber. É a disciplina nascida de um profundo senso de humildade; e não pode haver humildade, se a mente não está completamente *só*.

O que até agora se disse é razoável, lógico, são, saudável, e se compreendemos as palavras e lhes aprofundamos o sentido, não terá havido dificuldade em apreenderdes os dizeres do orador. Mas é necessário mais, muito mais do que isso. O exposto semelha o lançamento dos alicerces de uma casa — só os alicerces, e nada mais. Mas esses alicerces precisam ser lançados, e lançados com ardor, intensidade, beleza e, por conseguinte, com amor. Não podem ser lançados sob o impulso do desespero, do conflito, ou do desejo de alcançar um certo e estulto resultado, porque então a mente não se acha num estado livre do conhecido, do passado.

Não sei se já alguma vez notastes como acumulais, como vossa mente se aferra a inumeráveis e insignificantes experiências. A mente fornece o terreno no qual as experiências passageiras cravam raízes e continuam a moldá-la. Quase toda experiência deixa sua marca, e a experiência, por conseguinte, só pode perpetuar a limitação da mente. Mas, após lançar os alicerces corretos, pela percepção e compreensão de que esse processo constitui sua própria limitação, a mente — com toda a facilidade, sem conflito algum — se liberta do "conhecido" e nasce, daí, um movimento que é criação.

Na maioria, buscamos Deus, e nosso Deus é uma mera questão de crença. A palavra *God* (Deus) escrita às avessas é *dog* (cachorro), e esta última serve tão bem como a primeira para designar aquilo que chamamos Deus. Mas, fomos educados, desde a meninice, para aceitar aquela palavra; e a religião organizada com sua milenária propaganda, condiciona a mente para crer naquilo que se supõe que a palavra representa. E aceitamos tal crença com tanta facilidade, exatamente como no mundo comunista aceitam a crença de que não há Deus, porque nessa crença foram eles educados. Esse é um outro gênero de

propaganda. O crente e o não crente são iguais, porquanto ambos são escravos da propaganda.

Ora, para descobrirdes se há ou não há Deus, deveis destruir, em vós mesmos, tudo o que seja produto de propaganda. O que hoje chamamos "religião" foi organizado, formado durante séculos pelo homem, com seu medo, sua avidez, sua ambição, sua esperança e desespero. E para descobrir se há ou não há Deus, a mente deve destruir totalmente, sem nenhum *motivo,* todas as acumulações do passado; deve eliminar radicalmente todas as crenças e descrenças e desistir completamente de buscar. Deve a mente estar vazia do "conhecido", vazia do Salvador, vazia de todos os deuses manufaturados pelo pensamento e esculpidos na madeira ou na pedra. Só quando livre do conhecido, pode a mente encontrar-se num estado de absoluta tranqüilidade, não provocada por uma certa maneira de respirar, por exercícios, artifícios, drogas. E precisamos chegar até esse ponto — que na realidade não está *longe,* pois não há distância nenhuma para percorrer. Mas, para se abolir a distância, o tempo deve cessar; e só pode cessar o tempo, quando há o conhecimento de nós mesmos como realmente somos, fato por fato. Nesta extraordinária liberdade, que começa com a autocompreensão, há um movimento — um movimento imensurável, que supera todos os conceitos. Esse movimento é criação; e quando a mente chegar a esse movimento, descobrirá, por si própria, que o amor, a morte e a criação são a mesma coisa.

PERGUNTA: *A liberdade não é como o ar, e não construímos para nós uma tenda semelhante a esta, que impede a entrada do ar? Basta perfurar a tenda para que o ar entre com abundância.*

KRISHNAMURTI: Senhor, as comparações e as imagens verbais são extremamente perigosas, porque dão-nos o sentimento de termos compreendido quando na realidade não nos encontramos nesse estado. O que temos é meramente uma teoria. Mas, aqui, não falamos teoricamente; não estamos "imaginando" nada. Como expliquei no começo destas palestras, ocupamo-nos com fatos psicológicos. Se não enfrentamos os fatos psicológicos de nossa própria mente, então, "a tenda", "o ar", "a alma" e todas as demais imagens e teorias desmoronam, e somos destruídos.

Senhor, quando um homem está a morrer de fome, que bem lhe faz descrevermos para ele um prato suculento ou uma iguaria de delicado sabor? O que ele quer é *comida.* Teorias e descrições nenhuma

significação têm para o homem que tem fome de descobrir por si mesmo o que é verdadeiro. Mas, infelizmente, a maioria de nós não tem fome nesse sentido. Estamos bem nutridos, psicologicamente, porque estamos repletos de nossas próprias experiências, e encontramos um abrigo seguro no dogma, na crença. Sentimo-nos em segurança porque pertencemos a este ou àquele grupo, a esta ou àquela igreja. E quando nos vem um sentimento de descontentamento — o que muito raramente acontece — logo tratamos de sufocá-lo, procurando alguma coisa que dê satisfação imediata. O que tem verdadeira importância é estarmos, no plano psicológico, terrivelmente famintos, e permanecermos nesse estado, sem nos tornarmos insanos ou neuróticos. A questão não é de como aplacar aquela fome, porque no momento em que o fazeis estais perdido. Podeis aplacá-la muito facilmente, com palavras, com teorias, com livros, com igrejas, com... oh!... com qualquer coisa. Mas, se permaneceis nesse estado de profunda "fome psicológica" sem desesperar, ela é então como que uma chama viva que destruirá todas as coisas falsas até nada mais restar senão cinzas; e desse vazio, algo real pode nascer.

PERGUNTA: *A transformação de que falais se verifica pela ação da vontade? Existe, por trás dela, algum motivo?*

KRISHNAMURTI: Ora, que é "vontade"? Por favor, não venhais com teorias; não citeis o que disse uma certa pessoa. Averigüemos o que essa palavra significa. "Ter vontade de fazer uma certa coisa" significa *desejar* fazê-la. A vontade, pois, é desejo, não? Muitos desejos, muitas ânsias, muitos impulsos, muitas resistências, muitas exigências, constituíram esse afiado instrumento, esse extraordinário senso de volição que é a vontade de fazer uma coisa e levá-la a cabo.

Todos sabemos que por meio da vontade podemos forçar-nos a fazer certas coisas. Se digo: "amanhã não me irritarei", e exerço fortemente a minha vontade nesse sentido, posso evitar o irritar-me amanhã. Mas isso não é transformação; como antes assinalei, isso significa meramente que me estou ajustando a um desejado padrão. Por certo, nenhuma transformação efetuada por meio da vontade é transformação; significa, simplesmente, a continuação, numa forma diferente, daquilo que já existia. Se eu me transformo sob o impulso de um *motivo* — porque agrada a minha mãe, ou porque a sociedade exige que eu o faça, ou porque há uma certa vantagem em fazê-lo, etc. — essa transformação é um resultado de persuasão, influência, desejo de recompensa; por conseguinte, não é uma transformação

real, porém apenas uma perpetuação "modificada" do passado. Ora, se compreendo tanto o processo da transformação por meio da vontade como o da transformação sob o impulso de um *motivo,* de modo que ambos os processos possam morrer e ser postos de lado sem nenhum esforço, então, dessa compreensão provirá uma transformação não premeditada, não produzida por nenhuma influência ou variados impulsos, compulsões; essa transformação significa, realmente, a total destruição do "conhecido".

PERGUNTA: *Essa transformação de que falais tem certa semelhança com um "passe de mágica"! Ora, se digo para mim mesmo: "Desejo transformar-me", tenho um motivo; logo, devo transformar-me sem desejar transformar-me. O mesmo problema se apresenta em relação à ambição: Não podemos livrar-nos da ambição, desejando livrar-nos dela. Portanto, parece haver algum "truque" nisso.*

KRISHNAMURTI: Senhor, mencionastes a palavra "ambição". Em geral, somos ambiciosos, em maior ou menor grau, e todos sabemos o que a ambição implica: competição, crueldade, completa ausência de amor, etc. Ora, se sou ambicioso — ambicioso de posição, de poder, ambicioso de ser *alguém* neste mundo ou no chamado mundo "espiritual", etc. — e comecei a perceber, por mim mesmo, que é estupidez ser ambicioso, como irei ficar inteiramente livre da ambição? Como operar essa radical transformação? Podeis não concordar comigo, mas escutai-me com calma.

Nossa educação, desde a infância, é desenvolvida em torno da idéia de "vir a ser *alguém*", de alcançar êxito, e poucos tivemos ocasião de aprender a amar o que fazemos. Quando amais o que estais fazendo, trabalhais *sem objetivo,* sem ânsia de êxito. Se amais alguém, não pensais no que ireis ganhar dessa pessoa. Não amais porque ele ou ela vos dá dinheiro, ou posição, ou outra espécie de satisfação. Simplesmente, amais — se tal amor realmente existe. Ora, se amo verdadeiramente o que estou fazendo, não há ambição. Não me comparo então com ninguém, jamais digo que um outro qualquer está obtendo melhores resultados do que eu. Amo o meu trabalho e, portanto, a minha mente, o meu coração, o meu *ser* inteiro está nele. Mas não somos educados dessa maneira. A sociedade exige uns tantos cientistas, uns tantos engenheiros, uns tantos técnicos, etc., e faz-nos "passar pela máquina" do chamado Colégio, a fim de adaptar-nos ao padrão requerido.

Amar o que se faz supõe uma total ausência de ambição. Não podeis eliminar a ambição por meio da vontade, ou procurar livrar-vos dela sob o impulso de um *motivo,* um propósito. A ambição "cai" de vós mesmo, como uma folha morta cai da árvore. Assim *acontece* quando amamos.

Respondi à vossa pergunta, senhor?

INTERROGANTE: *Sim, obrigado!*

PERGUNTA: *Como se pode evitar o condicionamento das crianças?*

KRISHNAMURTI: Antes de mais nada, se sois o pai ou o educador, deveis, é claro, conhecer o vosso próprio condicionamento. Mas, ainda assim, pode-se impedir o condicionamento da criança? A sociedade persiste em condicionar a criança. Os governos com sua propaganda, as religiões organizadas com seus dogmas, crenças e códigos de moralidade, a estrutura psicológica da chamada sociedade — tudo isso está constantemente a martelar não apenas a mente da criança, mas também a mente de todos nós. Sendo como é a moderna sociedade, não podeis deixar de mandar vosso filho à escola; e a escola nenhum interesse tem em manter descondicionada a mente da criança; pelo contrário, quer vê-la bem condicionada segundo um certo padrão. Há, assim, uma batalha entre o desejo do pai inteligente de não condicionar a mente de seu filho e a determinação da sociedade de condicioná-la. A igreja quer aducar a criança para crer em certas coisas; os protestantes, os católicos, os hinduístas, e todas as demais religiões organizadas, com sua máquina de propaganda, estão em ação para condicionar-lhe a mente. E a própria criança *deseja* ajustar-se, não quer ser diferente dos demais, pois é mais interessante ingressar numa corporação de escoteiros, ou o que quer que seja, e ser igual ao resto do rebanho. Sabeis muito bem de tudo isso. E que vos cumpre fazer?

No lar, podemos começar fazendo ver à criança a estupidez da submissão; podemos expor-lhe, argumentar com ela, explicar-lhe constantemente o quanto importa não aceitar tudo o que a sociedade exige, porém, ao contrário, pôr tudo em dúvida, libertar-se de valores obviamente falsos, para não se tornar um mero delinqüente. Ser delinqüente é estar revoltado dentro do padrão, e isso é muito fácil. A verdadeira revolta é a compreensão das inumeráveis influências que de contínuo martelam a mente, em vez de se deixar arrastar por elas.

Podeis explicar à criança essas influências, de modo que quando leia uma revista infantil, ou escute rádio, ou veja televisão, esteja ciente delas e não lhes permita destruir-lhe a mente. Isso exige *lucidez* de vossa parte; significa que também vós deveis trabalhar para quebrar vosso próprio condicionamento, porque só então estais apto a ajudar a criança.

PERGUNTA: *O que vossas palestras significam é o "advento de um homem novo"? Se assim é, esse homem novo irá "para diante", e seus problemas serão completamente diferentes?*

KRISHNAMURTI: Vou responder à vossa pergunta, porém com certa hesitação. Ora, eu estou trabalhando, mas, infelizmente, muitos de vós aparentemente só estais ouvindo. Se também estivésseis trabalhando intensamente, entusiasticamente, deleitavelmente, como eu o estou fazendo, nesse caso o vosso cérebro já se acharia também um tanto fatigado e nenhum interesse teríeis em fazer mais uma pergunta.

Que entendeis por "ir para diante"? Quereis dizer "progredir"? Parece-me que só há progresso no mundo material. Do carro de bois ao avião a jato, ao foguete que irá à Lua — isso é progresso na tecnologia. Mas existe progresso interior? Há progresso "espiritual", significando que, através do tempo, uma pessoa se tornará *algo* psicologicamente? Ora, por certo, esta mesma idéia de "vir a ser", "progredir", "chegar", cria um problema. Desejais "chegar", e pode acontecer ser isso impossível; existe, pois, sempre, a sombra da frustração. A mente livre, aquela que compreendeu a ânsia de progresso através do tempo, já nenhum problema tem. Se houver dificuldades, enfrenta-as prontamente; por outro lado, ela não cria nem "projeta" problemas para si própria. Mas em maioria estamos carregados de problemas por nós mesmos fabricados.

Deixai-me expressá-lo de outra maneira.

Se a mente está livre do "conhecido", ela é uma mente nova, purificada. Acha-se num estado de criação, imensurável, indenominável, fora do tempo. E, nestas reuniões, estivemos investigando o que é que nos impede de alcançar aquele estado, de maneira natural, fácil, "graciosa". Ele não pode ser "chamado", porque uma mente medíocre não pode chamar a si a imensidade. Toda mediocridade deve acabar, e *existirá* então "o outro estado". A mente não pode imaginar aquele estado de imensidade. De sua mediocridade, sua superficialidade, po-

derá ela "projetar" algo que pensa ser belo; mas o que "projeta" é apenas uma parte de sua própria fealdade. A estrutura psicológica da sociedade é o que somos. Ao compreendermos essa estrutura e dela ficarmos livres, então "o desconhecido", aquilo onde não existe tempo, nem progresso, se torna existente.

PERGUNTA: *Como pode uma mente condicionada compreender o verdadeiro?*

KRISHNAMURTI: Não pode. Consideremos isso com toda a simplicidade. Suponhamos que eu seja nacionalista, apegado à minha pátria, a meu soberano, enredado em minha insignificante identificação com determinada raça. Como pode tal mente compreender um estado que transcende tudo isso? Não pode. Por conseguinte, a mente tem de compreender seu próprio nacionalismo, quebrá-lo, destruí-lo, repudiá-lo totalmente; e isso, em geral, nos é dificílimo. O nacionalismo é apenas uma expansão de nosso pequenino "ego". Identificais-vos com vosso país porque sois pequeno e o país é grande. A "entidade tribal" gosta de identificar-se com algo maior do que ela — e é isso o que todos estamos fazendo. Podeis não identificar-vos com vosso país, mas desejais devotar-vos a algum alvo ou ação de suprema significação; desejais estar identificado com uma idéia ou com Deus. Quer vos devoteis à pátria, à família, quer vos torneis monge e vos devoteis a Deus, trata-se exatamente da mesma coisa: puro condicionamento. E o quebrar desse condicionamento requer, como vimos, uma percepção objetiva, vigilância de todo movimento do pensamento; ou seja, simplesmente enfrentar o condicionamento, observá-lo.

12 de agosto de 1962

Z.C.